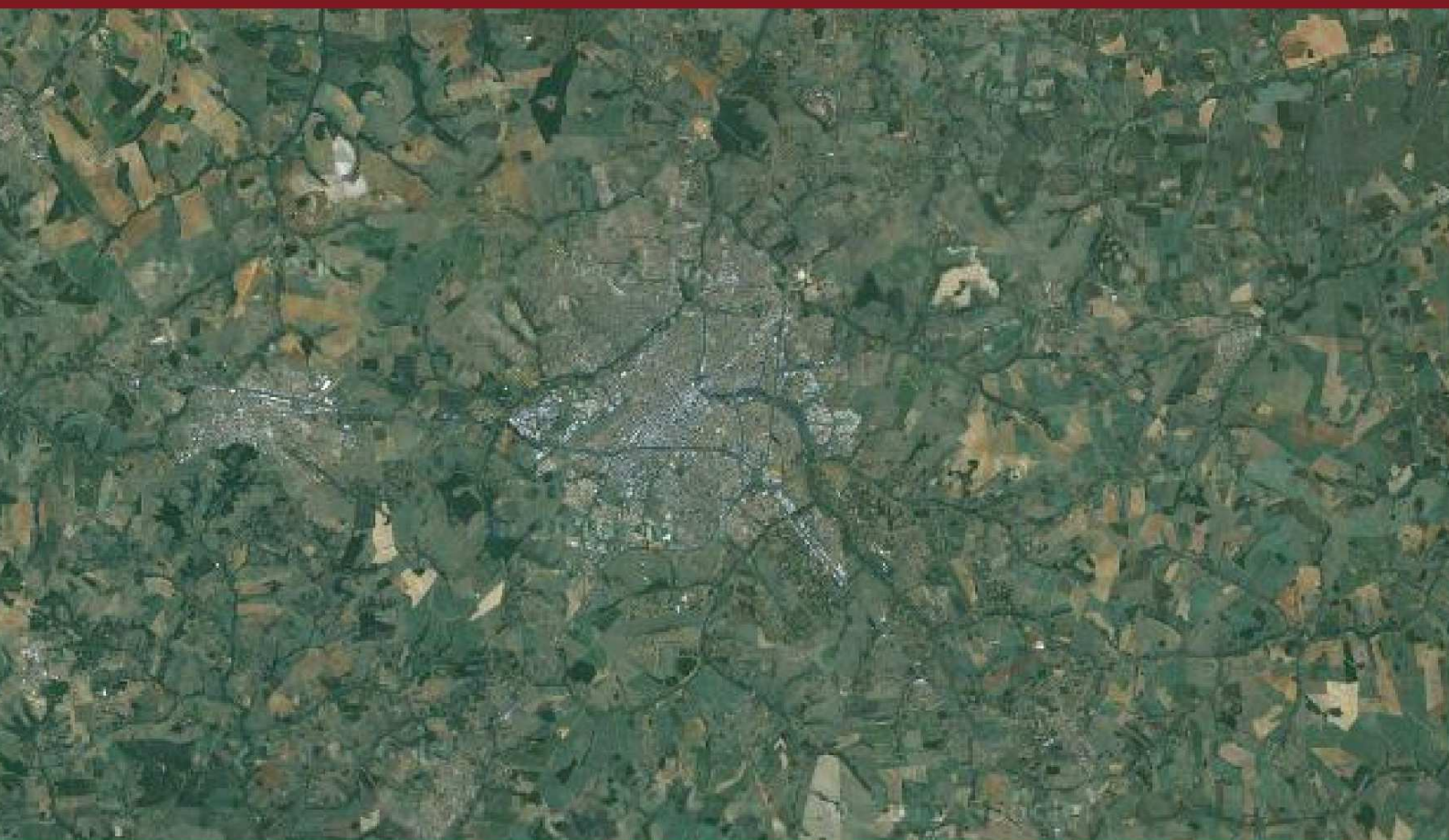
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE SÃO PAULO REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Governador | Geraldo Alckmin

Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional
Secretário | Julio Semeghini

Secretária-Adjunta | Cibele Franzese

Chefe de Gabinete | Joaldir Reynaldo Machado

CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS REGIÕES DO ESTADO DE SÃO PAULO
– REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO –

Outubro, 2012

APRESENTAÇÃO

O trabalho Caracterização Socioeconômica das Regiões do Estado de São Paulo apresenta um estudo detalhado das Regiões Administrativas-RAs e Metropolitanas-RMs paulistas no campo econômico, demográfico, social e de rede urbana. Permite conhecer cada uma dessas regiões, auxiliando o Governo estadual a adequar suas politicas às principais características regionais.

Na Caracterização, são apresentadas, inicialmente, as caracterizações político-administrativa, histórica e de infraestrutura viária da região e, a seguir, uma síntese analítica do conteúdo do conjunto do trabalho.

No que diz respeito aos Aspectos Econômicos, foram identificados os principais produtos agropecuários e industriais e os principais serviços da região, abordando o encadeamento existente entre os setores e seu papel no desempenho econômico regional no período 1996 a 2008. Foram apresentados, ainda, dados de infraestrutura de pesquisa científica e tecnológica, emprego, valor adicionado e valor adicionado fiscal, exportação e importação de produtos industriais, arranjos e aglomerados produtivos, entre outros dados e informações considerados relevantes na caracterização da região.

As características sociais das Regiões Administrativas e Metropolitanas são avaliadas a partir do Índice Paulista de Responsabilidade Social-IPRS, desenvolvido pela Fundação Seade, com o objetivo de caracterizar os municípios paulistas no que se refere às dimensões de renda, longevidade e escolaridade.

Quanto ao tema da rede urbana, é possível verificar como se organiza a ocupação do território regional em metrópoles, aglomerações urbanas e centros urbanos. Em demografia, encontram-se informações como porte populacional dos municípios, taxa de crescimento da população, índice de envelhecimento e razão de dependência da população potencialmente inativa, além de projeções, até 2020.

Este trabalho auxilia, portanto, os setores público e privado e a população em geral, em seus interesses e campos de atuação distintos, no conhecimento das regiões do Estado de São Paulo.

SUMÁRIO

CARACTERIZAÇÃO

A Região Administrativa de São José do Rio Preto localiza-se no Noroeste do Estado, fazendo divisa com os Estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Tem como linhas demarcatórias os rios Paraná e Grande, sendo, portanto, uma das regiões mais afastadas da capital paulista. É formada por 96 municípios, que ocupam 25.476 km^2, ou 10,2% da área total do Estado de São Paulo, compreendendo as Regiões de Governo-RGs de Catanduva, Fernandópolis, Jales, São José do Rio Preto e Votuporanga.

RA de São José do Rio Preto

1 Adolfo
2 Álvares Florence
3 Américo de Campos
4 Aparecida d'Oeste
5 Ariranha
6 Aspásia
7 Bady Bassit
8 Bálsamo
9 Cardoso
10 Catanduva
11 Catiguá
12 Cedral
13 Cosmorama
14 Dirce Reis
15 Dolcinópolis
16 Elisiário
17 Estrela d'Oeste
18 Fernandópolis
19 Floreal
20 Guapiaçu
21 Guarani d'Oeste
22 Ibirá
23 Icém
24 Indiaporã
25 Ipiguá
26 Irapuã
27 Itajobi
28 Jaci
29 Jales
30 José Bonifácio
31 Macaubal
32 Macedônia
33 Magda
34 Marapoama
35 Marinópolis
36 Mendonça
37 Meridiano
38 Mesópolis
39 Mira Estrela
40 Mirassol
41 Mirassolândia
42 Monções
43 Monte Aprazível
44 Neves Paulista
45 Nhandeara
46 Nipoã
47 Nova Aliança
48 Nova Canaã Paulista
49 Nova Granada
50 Novais
51 Novo Horizonte
52 Onda Verde
53 Orindiúva
54 Ouroeste
55 Palestina
56 Palmares Paulista
57 Palmeira d'Oeste
58 Paraíso
59 Paranapuã
60 Parisi
61 Paulo de Faria
62 Pedranópolis
63 Pindorama
64 Planalto
65 Poloni
66 Pontalinda
67 Pontes Gestal
68 Populina
69 Potirendaba
70 Riolândia
71 Rubineia
72 Sales
73 Santa Adélia
74 Santa Albertina
75 Santa Clara d'Oeste
76 Santa Fé do Sul
77 Santa Rita d'Oeste
78 Santa Salete
79 Santana da Ponte Pensa
80 São Francisco
81 São João das Duas Pontes
82 São José do Rio Preto
83 Sebastianópolis do Sul
84 Tabapuã
85 Tanabi
86 Três Fronteiras
87 Turmalina
88 Ubarana
89 Uchôa
90 União Paulista
91 Urânia
92 Urupês
93 Valentim Gentil
94 Vitória Brasil
95 Votuporanga
96 Zacarias

A RA possui uma infraestrutura logística multimodal, graças à presença das malhas rodoviária, ferroviária, aeroportuária e hidroviária. Na densa malha rodoviária regional, destacam-se: a Rodovia Washington Luís (SP-310), que permite a ligação com o Centro-Oeste do país e com a Capital paulista e o Porto de Santos; a Rodovia Transbrasiliana (BR-153), que dá acesso ao norte e ao sul do país; a Rodovia Assis Chateaubriand (SP-425), que vai do sul de Minas Gerais ao norte do Paraná, dando acesso às regiões de Barretos, Araçatuba e Presidente Prudente; além de outras SPs, como as Rodovias Péricles Bellini (SP-461) e Dr. Elyeser Montenegro Magalhães (SP-463), que, respectivamente, permitem a ligação de Votuporanga e Jales com a RA de Araçatuba e a Via Rondon (SP-300).

A região é servida, ainda, pela ferrovia ALL-América Latina Logística Malha Norte S. A., antiga Ferronorte/Ferrovia Alta Araraquarense, que opera o transporte de insumos, grãos e combustíveis do Mato Grosso do Sul ao Porto de Santos, e pelos aeroportos Prof. Eriberto Manoel Reino, em São José do Rio Preto, e Domingos Pignatari, em Votuporanga, além de ter acesso à Hidrovia Tietê-Paraná.

Infraestrutura Viária
Estado de São Paulo e RA de São José do rio Preto

Fonte: Secretaria de Logística e Transportes. Elaboração: SPDR/UAM.

A presença de Estação Aduaneira Interior- EADI, em São José do Rio Preto, contando com vários órgãos federais e serviços de tratamento de produtos requeridos pelo mercado internacional, facilitou os processos de importação e exportação, através do desembaraço das cargas no local, prescindindo da passagem pelas metrópoles ou pelas estruturas portuárias, aeroportuárias e de fronteiras.

A construção de um sistema rodoviário estadual, formado por rodovias, estradas vicinais e pontes, como a Rodovia Washington Luiz e a ponte rodoferroviária sobre o rio Paraná, contribuiu para a aceleração do processo de urbanização regional e a transformação de núcleos urbanos em polos regionais, integrando a região à dinâmica econômica paulista.

Os municípios da região encontram-se contidos em cinco Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos - UGHRIs: Turvo/Grande (38 municípios totalmente contidos e 20 parcialmente contidos), onde estão municípios com crescente taxa de urbanização e os principais polos regionais, que se utilizam de aquíferos para o abastecimento de água; Tietê-Batalha (14 municípios totalmente contidos e oito parcialmente contidos); São José dos Dourados (10 municípios totalmente contidos e 21 parcialmente contidos); Baixo Tietê (seis municípios totalmente contidos e oito parcialmente contidos); e Baixo Pardo/Grande (Icém parcialmente contido).

As principais Usinas Hidrelétricas-UHE da região são: a UHE Marimbondo, na UGRHI Baixo Pardo/Grande, em Icém; a UHE José Ermínio de Moraes, na UGRHI Turvo/Grande, em Ouroeste; e a UHE Mario Lopes Leão, na UGRHI Tietê/Batalha, em Ubarana.

A Vila de São José do Rio Preto foi fundada em 1852, quando desempenhava papel de entreposto comercial e servia de pousada para tropeiros, facilitando o acesso aos mercados de Ribeirão Preto e Araraquara. Essa colonização intensificou a agropecuária, aumentou o contingente populacional do campo e da cidade e acarretou crescimento dos núcleos urbanos[1].

Com o declínio da atividade cafeeira no Vale do Paraíba, em meados do século XIX, os produtores buscaram novas terras, no oeste do Estado. A disponibilidade de terras pouco exploradas e o tipo de solo, com inclinações suaves e alta fertilidade, levaram o café a ser plantado na região, a partir de 1884[2]. A chegada do café consolidou o povoamento anterior, trazendo consigo a infraestrutura viária e urbana e atividades comerciais, governamentais, bancárias, de comércio exterior, além de uma atividade industrial incipiente, principalmente dos ramos alimentício e têxtil.

A partir de 1880, com a migração de mineiros, devido à crise do ciclo do ouro, e a imigração de estrangeiros, os núcleos mais antigos se consolidaram como centros comerciais e de consumo e a região de Rio Preto tornou-se a mais dinâmica do "Oeste Pioneiro"[3]. Em 1894, São José do Rio Preto era elevado à categoria de Município.

Em 1910, a Estrada de Ferro Araraquarense chegava a Catanduva e, em 1912, a São José do Rio Preto, tendo grande importância no desenvolvimento econômico e no crescimento populacional da região. Além do escoamento da produção do café e do apoio logístico à instalação de serviços necessários às atividades cafeeiras, a ferrovia integrou os mercados regionais, fortaleceu os antigos centros e gerou novos núcleos urbanos.

Após a crise de 1929, o modelo primário-exportador começa a se desestruturar, embora, na região de Rio Preto, devido à maturação de novos cafezais, esses reflexos tenham demorado a se fazer presentes. Na década de 1930, a infraestrutura existente daria suporte à expansão do cultivo de algodão, dando novo impulso econômico à região e fortalecendo São José do Rio Preto como entreposto comercial, sobretudo após a instalação das indústrias produtoras de óleo de algodão.

A produção das principais culturas exportáveis do país (café e algodão) e de alimentos destinados aos núcleos urbanos (arroz, feijão e milho) e a diversificação da produção com o cultivo de cana-de-açúcar, laranja e pecuária deram à RA solidez para enfrentar o comportamento cíclico da economia[4]. A região passa a aprofundar os laços comerciais do setor primário e a desenvolver, a partir deste, o setor

---

[1] CARVALHO, Joelson Gonçalves (org.). Dimensões regionais e urbanas do desenvolvimento socioeconômico em São José do Rio Preto, 2007.
[2] Id. *Ibd.*
[3] O "Oeste Pioneiro" era, até 1960, o nome dado ao conjunto das regiões de São José do Rio Preto, Araçatuba, Presidente Prudente e Marília.
[4] PERILLO, Sonia Regina. Novas tendências migratórias na Região de Governo de São José do Rio Preto. NEPO/UNICAMP. 1990.

secundário, fabricando produtos têxteis e alimentícios, expandindo frigoríficos e curtumes para o processamento de produtos bovinos, além de fabricar produtos metalúrgicos, no geral voltados à agropecuária[5].

A produção agrícola diversificada conciliou pequenas, médias e grandes propriedades, criando uma classe média rural que deu sustentação ao poder econômico urbano. Assim, entre a segunda metade da década de 1930 e o final da de 1950, as relações comerciais da RA com outras regiões paulistas se intensificam, propiciando a criação de novos municípios e consolidando São José do Rio Preto, Catanduva, Votuporanga, Fernandópolis e Jales como centros urbanos regionais. Com o aprofundamento da articulação comercial e o inicio de uma integração produtiva mais consistente, a região ampliou sua indústria, principalmente de móveis, vestuários e produtos de minerais não-metálicos[6].

A partir de 1950, com a implantação da Rodovia Euclides da Cunha e a extensão da Estrada de Ferro Araraquarense, as regiões de Jales, Votuporanga e Fernandópolis se integram ao sistema viário, ampliando, sobretudo, a produção pecuária que, nos anos 60, seria intensificada com a liberação das terras anteriormente ocupadas com cafezais.

Na década de 1970, a região seria favorecida por vários investimentos públicos que impactaram a economia e a urbanização, como o Programa Cidades Médias do II PND e o Proálcool. O Estado desempenhou papel central no processo de descentralização da indústria, organizando a infraestrutura regional. As políticas municipais, por sua vez, voltaram-se à criação de distritos industriais e à utilização de estímulos fiscais, para atrair empresas e ampliar a oferta de empregos[7]. Nesse período, a indústria, que se encontrava concentrada na Região Metropolitana de São Paulo, expande-se para o interior e, na RA de Rio Preto, se diversifica, mantendo a supremacia do setor de bens de consumo não-duráveis, especialmente o de alimentos.

O setor agrícola deixa de lado as culturas tradicionais e se interliga ao mercado externo produzindo *commodities*, como a laranja e a cana-de-açúcar. Esse esforço exportador trouxe modernização à atividade agrícola, maior entrelaçamento de suas relações com a indústria e, com a liberação de mão-de-obra no campo, o adensamento dos centros urbanos. A agricultura passa, então, a desempenhar papel relevante, não apenas como produtora de diversos alimentos e matérias-primas para a indústria, mas também como mercado consumidor de produtos industriais, já que sua modernização envolveu a compra de máquinas e equipamentos agrícolas e insumos químicos.

Embora o crescimento industrial regional tenha sido tímido no contexto da economia paulista, concentrando-se em ramos tradicionais, permitiu que as relações com as demais regiões paulistas se fortalecessem. A RA firma-se, então, como produtora agropecuária e agroindustrial, centro comercial e de prestação de serviços especializados, além de importante entroncamento de vias de escoamento da produção agrícola e agroindustrial da região, do Estado e do país, beneficiando-se de sua infraestrutura logística multimodal e da distância das metrópoles paulistas. O emprego industrial expandiu-se, com rebatimentos no processo de urbanização, consolidando as funções urbanas terciárias mais complexas, especialmente em São José do Rio Preto.

---

[5] BRANDÃO, Carlos Antônio. A Região de São José do Rio Preto: dinamismo, constrangimentos e possíveis estratégias de desenvolvimento in Carvalho, Joelson Gonçalves (org.). Dimensões regionais e urbanas do desenvolvimento socioeconômico em São José do Rio Preto. 2006.
[6] CARVALHO, Joelson Gonçalves de. Integração e dinâmica regional: o desenvolvimento recente da região Administrativa de São José do Rio Preto (1980-2000). Unicamp, Campinas, 2004.
[7] FAPESP. O relevo econômico do interior. Pesquisa Fapesp n. 197, julho de 2012.

O município-polo tornou-se um entreposto distribuidor e receptor da produção dos municípios do seu entorno, desempenhando, inclusive, funções de beneficiamento e comercialização da produção agropecuária, além de centro polarizador de serviços, com grande extensão de suas conexões mercantis e produtivas, apresentando, nesse período, taxas de crescimento populacional superiores às do Estado[8].

Nas últimas décadas, a agricultura regional vem diversificando a produção. A cana-de-açúcar vem tendo forte expansão, em decorrência dos preços internacionais do açúcar, da demanda por álcool e da possibilidade de cogeração de energia[9], passando a ser o principal produto de todos os Escritórios de Desenvolvimento Rural-EDRs da região, exceto o EDR de Jales, que tem a carne bovina como seu principal produto e que vem se tornando importante produtor e exportador de uvas.

Como mostra a seção AGROPECUÁRIA, com base no Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária-LUPA, a área total ocupada com atividades agropecuárias, na RA, permaneceu praticamente estável, entre 1995/96 e 2007/08, mas a área ocupada com a cana passou de 221 mil hectares (ha) para 754 mil ha, representando um crescimento de 241%. Outras culturas da região que também apresentaram incrementos de área, nesse período, foram a heveicultura ou o cultivo da seringueira e a extração de látex, o eucalipto e as frutas e, entre as que tiveram decréscimo, estão o milho e a laranja.

O setor primário é a base da economia regional, mostrando-se diversificado e com produção expressiva de cana-de-açúcar, carne bovina e laranja. Em 2010, o Valor da Produção Agropecuária-VPA da região respondeu por 12% do total do VPA estadual e a cana-de-açúcar por 54% do VPA regional. A pecuária bovina regional continua sendo uma das mais importantes do Estado.

Em termos regionais e locais, a indústria desempenha relevante função na geração de empregos e na dinâmica econômica. Por seu intermédio, são processadas as matérias-primas regionais, ofertados os bens de consumo não-duráveis do setor de alimentos, produzidos os bens intermediários e de capital para a agropecuária e criados postos de trabalho no setor terciário, particularmente os de apoio às indústrias.

Como mostra a seção INDÚSTRIA E SERVIÇOS, com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais-RAIS de 2008, os principais setores industriais da região - fabricação de produtos alimentícios e bebidas, biocombustíveis, produtos de madeira, móveis e a confecção de vestuário e acessórios - apresentam relevante contribuição para economia paulista, ao contrário do setor de serviços que, embora tenha importância regional, apresenta menor projeção no conjunto do Estado.

A pauta das exportações da região mostra a força da agroindústria, especialmente dos segmentos de fabricação de produtos alimentícios (açúcar, derivados da carne bovina, sucos cítricos, café, óleos vegetais) e biocombustíveis que, junto com a fabricação de móveis, dinamizam a economia de vários municípios. Os dados de valor adicionado fiscal-VAF da Fundação Seade de 2009, por sua vez, mostram que os segmentos que mais contribuem para o total estadual são os de Móveis, Outros[10], Produtos Alimentícios, Vestuário e Acessórios, Couros e Calçados, Comércio Varejista, Eletrodomésticos, Artigos de Borracha e Comércio Atacadista.

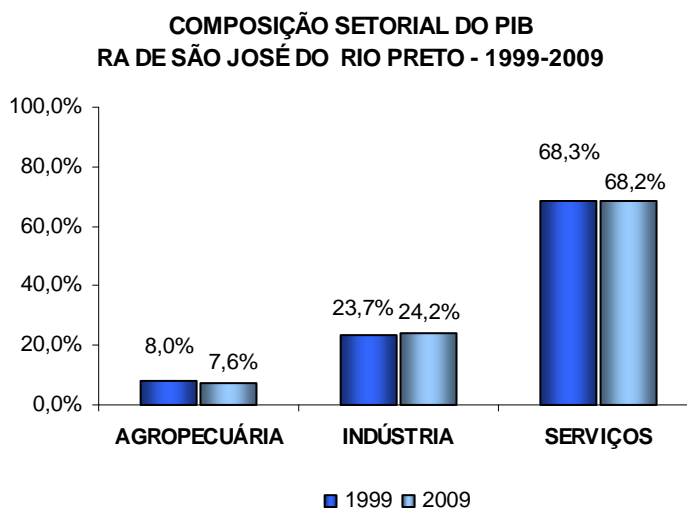
---

[8] BRANDÃO, Carlos Antônio. Ib*Id*..
[9] FUNDAÇÃO SEADE. FOCO. Publicação integrante do Diagnóstico para Ações Regionais da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo. Julho 2007 nº 5.
[10] Aqui, encontram-se importantes segmentos industriais da região, como a fabricação de joias e de produtos médico-hospitalares e odontológicos de São José do Rio Preto.

Distante das metrópoles, a maioria das empresas da região destina sua produção ao mercado local e regional, levando à predominância de micro e pequenas empresas, cujas atividades são fundamentais para a economia regional. Algumas dessas indústrias se estruturaram em arranjos produtivos locais-APLs, sendo os mais sedimentados e que mais geram empregos os de joias de São José do Rio Preto e de móveis de Mirassol e Votuporanga. Ainda, Novo Horizonte desenvolveu um APL de confecção de moda infantil, praia, cama e mesa e Catanduva tornou-se conhecida como a capital dos ventiladores de teto, cuja produção dinamizou seu entorno.

Nos últimos anos, muitos dos investimentos realizados na região estiveram voltados à agroindústria sucroalcooleira, fazendo crescer a produção de açúcar e álcool regional. Mais recentemente, com o aumento da renda e da urbanização, alguns investimentos vêm se voltando, também, às atividades terciárias, especialmente em São José do Rio Preto que, assim, reforça seu papel de polo regional, principalmente como centro de referência educacional e médico-hospitalar.

O Produto Interno Bruto-PIB da região, em 2009, foi de R$ 24.830,07 milhões, ou 2,3% do PIB estadual. Os maiores PIBs municipais são os de São José do Rio Preto (31,7% do PIB regional), Catanduva, Votuporanga e Fernandópolis. Dos 96 municípios da região, apenas 23 tiveram, nesse ano, um PIB anual superior a R$ 150 milhões, a maioria localizada nas RGs de São José do Rio Preto e Catanduva.

Do Valor Adicionado total da RA, os Serviços responderam por 68,2% – tendo a Administração Pública, sozinha, respondido por 13,5% do total –, a Indústria por 24,2% e a Agropecuária por 7,6%. De 1999 a 2009, houve um pequeno aumento da participação da indústria e uma pequena diminuição da agropecuária na composição do PIB regional, que ainda mantém um forte perfil terciário.

Fonte: Seade; IBGE.

O PIB *per capita* da RA São José do Rio Preto, de R$ 17.158,53, está abaixo da média paulista (R$ 26.202,22). Dos 96 municípios, somente 20 possuem um PIB *per capita* superior à média regional e apenas sete (Ariranha, Ouroeste, Monções, Estrela d'Oeste, Pontes Gestal, Onda Verde e Marapoama) o possuem acima da média estadual.

A seção DESEMPENHO ECONÔMICO, 1996 a 2008 aponta que, neste período, a RA apresentou uma taxa média geométrica de crescimento anual do PIB (3,8%) muito próxima à média estadual (3,6%). Alguns de seus municípios, no entanto, destacam-se pelo maior dinamismo econômico: Ariranha, Marapoama, Onda Verde, Pontes Gestal e Ubarana, deveram seu crescimento econômico à expansão do complexo agroindustrial da cana-de-açúcar; Bady Bassit, Cedral e Guapiaçu, à participação na Aglomeração Urbana de São José do Rio Preto que impulsionou as atividades de serviços, comerciais e industriais; Jaci, ao crescimento da indústria de móveis e produtos de borracha; Estrela d'Oeste, à expansão da agroindústria em seu território; e Santa Fé do Sul, uma estância turística, à localização privilegiada que a tornou entreposto comercial, prestadora de diversos serviços e fabricante de vários produtos industriais.

O crescimento econômico destes municípios foi, em muitos casos, acompanhado do crescimento populacional. Entre 2000 e 2010, Jaci teve a maior taxa anual de migração e a segunda maior taxa de crescimento populacional, da região; Guapiaçu, Bady Bassit e Cedral tiveram, respectivamente, a 10ª, 12ª e 17ª posição no ranking regional das taxas anuais de migração; e os demais municípios dinâmicos acima citados não se destacaram pela atração de migrantes, nesse período.

Conforme a seção DEMOGRAFIA, a população da RA, em 2010, era de 1,4 milhão de habitantes, representando 3,5% do total do Estado. Nesse ano, seu grau de urbanização (91,8%) encontrava-se abaixo da média estadual (95,9%).

Dentre os municípios da região, 44 possuem menos de 5 mil habitantes. São José do Rio Preto é o município mais populoso, com mais de 400 mil habitantes, e, juntamente com os demais municípios que possuem população superior a 50 mil habitantes (Catanduva, Fernandópolis, Mirassol e Votuporanga), abriga mais de 50% do total da população regional.

Entre 1980 e 2010, com taxas de crescimento populacional inferiores às do Estado, a participação da população regional no total estadual decresceu, passando de 3,8%, em 1980, para 3,5%, em 2010. No período 2000/2010, a RA apresentou uma taxa geométrica de crescimento anual da população de 1,02% ao ano, inferior à do Estado (1,07% a.a.), tendo 27 municípios com taxas negativas e 30 com taxas entre 0% e 1% ao ano. Os municípios que tiveram maior crescimento populacional (Novais, Jaci, Orindiúva, Ouroeste, Nipoã, Palmares Paulista, Ipiguá e Valentim Gentil) foram os que também apresentaram as maiores taxas anuais de migração da região.

Entre 2000 e 2010, as microrregiões de Fernandópolis e Jales tiveram fraco crescimento populacional, de 0,38% e 0,2%, respectivamente, por terem menor participação no PIB estadual e menor rendimento domiciliar *per capita*, o que leva seus jovens a deixarem as cidades em busca de melhores oportunidades de trabalho[11]. Ambas tiveram, nesse período, saldo migratório e taxa anual de migração negativos, de -0,81 e -2,14 migrantes ao ano por mil habitantes, respectivamente, contrastando com as demais microrregiões, que tiveram saldos migratórios anuais e taxa anual de migração positivos, especialmente a de São José do Rio Preto, que apresentou uma taxa de 7,39 migrantes por mil habitantes.

Por influência destas últimas, a RA manteve-se dinâmica, apresentando, nas duas últimas décadas, um saldo migratório positivo relevante no contexto estadual. Segundo a Fundação Seade[12], a região teve

[11] REVISTA MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO. IBGE - Os novos pólos de crescimento em São Paulo. Ano 6 Número 49. Novembro-Dezembro de 2011.
[12] FUNDAÇÃO SEADE. SP Demográfico, São Paulo, ano 11, n.3, abr. 2011. Disponível em: http://www.seade.gov.br/produtos/spdemog/index.php?tip=abr11.

intenso dinamismo migratório, entre 2000 e 2010. A taxa de migração de 4,9 migrantes ao ano por mil habitantes dessa década colocou a RA como a terceira região paulista com maior taxa de migração, só superada pelas regiões de Ribeirão Preto e Campinas.

O grupo etário com mais de 65 anos representava 13% do total da população da região, percentual superior ao apresentado pelo Estado, e a quantidade de idosos para cada 100 crianças na RA foi de 55,6%, superior média estadual (36,5%), apontando para a necessidade de políticas públicas voltadas aos idosos, na região.

A seção ASPECTOS SOCIAIS mostra o desempenho regional com base no Índice Paulista de Responsabilidade Social-IPRS, desenvolvido pela Fundação Seade. Segundo o índice, em 2008, 62,5% dos municípios da RA encontravam-se no Grupo 3 do IPRS, que engloba municípios com boas condições sociais, embora sem um grau elevado de riqueza; 24% dos municípios foram classificados no Grupo 4, que também não apresenta indicador de riqueza elevado e possui uma das dimensões sociais insatisfatória. Nos demais grupos, o número de municípios é reduzido, sendo sete no Grupo 1, três no Grupo 2 e sete no Grupo 5.

Devido à grande proporção de municípios com bons indicadores sociais (Grupos 3 e 1), no *ranking* das regiões paulistas, a RA de Rio Preto é a primeira colocada em escolaridade e em longevidade. No entanto, encontra-se na 11ª colocação em riqueza, com todos os indicadores que compõem esta dimensão do IPRS abaixo da média estadual.

Entre as hipóteses levantadas para explicar o bom desempenho em escolaridade da região encontram-se o baixo crescimento populacional e a continuidade do padrão histórico de emigração, particularmente de jovens, reduzem a pressão pela garantia de acesso à educação, tornando as estruturas educacionais existentes nos municípios adequadas à demanda[13]. A Fundação Seade aponta que o menor tamanho das cidades torna mais eficaz o resultado das políticas de municipalização do ensino fundamental[14].

Quanto à dimensão de longevidade, a RA vem mantendo um desempenho superior ao do Estado, nos quatro componentes do indicador, mostrando a eficácia dos serviços e das políticas preventivas de saúde regionais. Assim, em 73% dos municípios da região, a proporção de mães com sete ou mais consultas no pré-natal – elemento que interfere no desempenho da mortalidade perinatal e da mortalidade infantil – foi superior à média estadual[15].

Distante das metrópoles paulistas, a RA desenvolveu, em seus principais centros urbanos, atividades terciárias demandadas pela população e pelas empresas da região. Conforme detalhado na seção REDE URBANA, na rede de cidades que se formou na região, destacam-se os núcleos urbanos de São José do Rio Preto e Catanduva que, já nos anos 1970, apresentavam uma estrutura urbana mais complexa e consolidada, devido a um processo de ocupação bem anterior às demais cidades e à implantação de um sistema rodoferroviário eficiente. Esses núcleos foram se constituindo como centros industriais e terciários, além de distribuidores e receptores da produção das áreas do seu entorno que, com a intensificação das relações de produção, passaram a desempenhar outras funções, como as de beneficiamento e comercialização das atividades agropecuárias.

---

[13] DEMARCO, Diogo Joel. Educação e desenvolvimento: o Índice Paulista de Responsabilidade Social nos Municípios do Noroeste Paulista. Universidade de São Paulo, 2007.
[14] FUNDAÇÃO SEADE, ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. O Estado dos Municípios 2004-2006. Índice Paulista de Responsabilidade Social, 2009. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/projetos/iprs/ajuda/2006/sintese.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2012.
[15] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Fundação Seade, Painel SP, 2011.

A oferta de atividades urbanas e terciárias ampliou a influência dos principais centros urbanos regionais, sobretudo de São José do Rio Preto, para Mato Grosso do Sul, Goiás, Triângulo Mineiro e o Oeste paulista. Espelhando suas funções regionais, São José do Rio Preto desenvolveu uma estrutura econômica constituída de indústria, comércio e setor de serviços diversificados e tornou-se importante polo econômico e centro de referência educacional e médico-hospitalar.

A grande distância em relação à capital paulista influenciou o desenvolvimento econômico regional, permitindo criar e tirar proveito de um mercado consumidor cativo. Assim, foi possível desenvolver a agropecuária e, com encadeamento recíproco, uma agroindústria e um setor terciário de grande importância regional, fortalecendo, num segundo momento, outros segmentos industriais e de serviços. Por outro lado, esse mesmo distanciamento colocaria algumas limitações ao crescimento regional, impedindo a atração de investimentos de setores mais sofisticados e complexos, que requerem a proximidade de um mercado consumidor amplo, de centros tecnológicos e de pesquisas ou da infraestrutura de exportação.

Essa vasta região, constituída por grande número de pequenos municípios, ou 14,9% do total de municípios do Estado, apresenta diferenciações internas. A RG de São José do Rio Preto é a que tem a maior participação no PIB regional (52,5%), maior peso do terciário em sua estrutura econômica (74,1%) e vem mostrando dinamismo, através de atração de novos investimentos e de população. Essa situação contrasta com a das RGs de Jales e Fernandópolis.

A RG de Jales é a que tem maior predominância da pecuária e da agricultura assentadas em pequenas propriedades, o menor PIB *per capita* (R$ 13.574,63, em 2009) e a maior participação da Administração Pública em seu Valor Adicionado-VA, apontando para uma baixa diversidade econômica. Teve, entre 2000 e 2010, o menor crescimento populacional da região, além de saldo migratório e taxa anual de migração negativos. A RG de Fernandópolis tem importante peso da atividade agropecuária e da agroindústria e possui o maior PIB *per capita* entre as RGs da RA de Rio Preto (R$ 21.298,02). No entanto, entre 2000 e 2010, apresentou baixo crescimento populacional e saldo migratório e taxa anual de migração negativos, mostrando a baixa oportunidade de empregos, que expulsa população jovem da região.

A RA de São José do Rio Preto possui bons indicadores sociais, em especial os de educação e saúde, pela presença de ampla rede educacional e médico-hospitalar, que oferece serviços de alta qualidade para a população. Por isso, embora tenha um perfil etário mais envelhecido do que a média estadual, possui uma estrutura que mostra-se adequada para o atendimento futuro da população idosa.

No entanto, seus indicadores de renda deixam a desejar. A contribuição do PIB (2,3%) e dos empregos (2,7%) da região é inferior à participação de sua população (3,5%) e, sobretudo, de suas empresas (mais de 4,5%) no total paulista, apontando para uma estrutura produtiva com predominância de empresas de pequeno porte, que não chegam a gerar um número suficiente de empregos para a população regional e que fabricam produtos de menor valor agregado.

Assim, os desafios econômicos da RA são os de continuar crescendo, diversificando, desconcentrando e agregando valor à produção, de modo a gerar novos empregos e renda para a população mais jovem, em todo o seu território. Nesse sentido, terá papel relevante para o desenvolvimento regional a implantação do Parque Tecnológico de São José do Rio Preto (ParTec Rio Preto), que estará voltado à pesquisa e ao desenvolvimento de produtos e processos nas áreas de saúde, instrumentação, química, informática e

agronegócio. O parque contará com uma incubadora de empresas de base tecnológica, laboratórios de certificação de qualidade e centro de convenções, dando suporte à instalação de empresas intensivas em conhecimento ou de base tecnológica, com apoio científico do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-Ibilce da Universidade Estadual Paulista-Unesp, da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto-Famerp e da Faculdade Estadual de Tecnologia-Fatec.

AGROPECUÁRIA

A economia regional é baseada na produção agropecuária integrada à atividade industrial. O setor primário mostra-se diversificado, com produção expressiva de cana-de-açúcar, carne bovina e laranja.

O Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária-LUPA[16] apresenta, entre outros recortes territoriais, informações agrupadas segundo os Escritórios de Desenvolvimento Rural-EDR[17]. Agrupamentos de EDRs possibilitam avaliação da produção agropecuária das Regiões Administrativas, levando em conta sua diversidade. No caso da RA de São José do Rio Preto, serão considerados, aqui, os municípios dos EDRs de Catanduva[18], Fernandópolis[19], Jales[20], Votuporanga[21] e São José do Rio Preto[22], acrescidos dos municípios de Floreal, Macaubal, Magda, Monções, Nhandeara, Planalto, Sebastianópolis do Sul, União Paulista e Zacarias que pertencem à RA de São José do Rio Preto, mas encontram-se no EDR de General Salgado.

A área total[23] ocupada com atividades agropecuárias, na RA de São José do Rio Preto e nos diversos EDRs, segundo o LUPA, permaneceu, praticamente, estável, entre 1995/96 e 2007/08. A área ocupada com cana, contudo, cresceu de 221 mil hectares (ha) para 754 mil ha, ou 241%. Dentre as culturas da região, também apresentaram incrementos de área: seringueira, eucalipto e frutas.

Já o plantio de milho teve decréscimo expressivo: dos 153 mil ha, de 1995/96, passou a 61 mil, em 2007/08. Também a laranja que, em 1995/96, detinha cerca de 10% do total da área da RA, teve redução importante, pois dos 217 mil ha ocupados, naquele ano-safra, registraram-se apenas 113 mil, em 2007/08, ou 4,8% da área regional. Como em outras regiões do Estado, problemas fitossanitários contribuíram para erradicação de pomares, além de ter ocorrido adensamento do plantio. Ainda assim, a RA detinha, em 2007/08, 15% do total da área ocupada com laranja, no Estado.

O estudo "Região de Influência das Cidades-Regic – 2007[24] permite conhecer o destino da produção agropecuária de municípios selecionados do Estado[25]. De acordo com o Regic, os diversos municípios

---

16 SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo - LUPA 2007/2008.
São Paulo: SAA/CATI/IEA, 2008. Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>. Acesso em: 23 mai. 2011.

17 O Levantamento das Unidades de Produção Agropecuária (LUPA) apresenta dados relativos às explorações agropecuária do Estado de São Paulo. Segundo corte regional, estão disponíveis informações para: o total do Estado; conjuntos de municípios, agrupados segundo os 40 Escritórios de Desenvolvimento Rural (EDR); e os 645 municípios de São Paulo.

18 COMPÕEM o EDR de Catanduva: Ariranha, Catanduva, Catiguá, Elisiário, Ibirá, Irapuã, Itajobi, Marapoama, Novais, Novo Horizonte, Palmares Paulista, Paraíso, Pindorama, Sales, Santa Adélia, Tabapuã, Uchôa e Urupês.

19 COMPÕEM o EDR de Fernandópolis: Estrela d'Oeste, Fernandópolis, Guarani D'Oeste, Indiaporã, Macedônia, Meridiano, Mira Estrela, Ouroeste, Pedranópolis, Populina, São João das Duas Pontes e Turmalina.

20 COMPÕEM o EDR de Jales: Aparecida d'Oeste, Aspásia, Dirce Reis, Dolcinópolis, Jales, Marinópolis, Mesópolis, Nova Canaã Paulista, Palmeira D'Oeste, Paranapuã, Pontalinda, Rubinéia, Santa Albertina, Santa Clara D'Oeste, Santa Fé do Sul, Santa Rita D'Oeste, Santa Salete, Santana da Ponte Pensa, São Francisco, Três Fronteiras, Urânia e Vitória Brasil.

21 COMPÕEM o EDR de Votuporanga: Álvares Florence, Américo de Campos, Cardoso, Cosmorama, Orindiúva, Parisi, Paulo de Faria, Pontes Gestal, Riolândia, Valentim Gentil e Votuporanga.

22 COMPÕEM o EDR de São José do Rio Preto: Adolfo, Bady Bassitt, Bálsamo, Cedral, Guapiaçu, Icem, Ipiguá, Jaci, José Bonifácio, Mendonça, Mirassol, Mirassolândia, Monte Aprazível, Neves Paulista, Nipoã, Nova Aliança, Nova Granada, Onda Verde, Palestina, Poloni, Potirendaba, São José do Rio Preto, Tanabi e Ubarana.

23 SEGUNDO o Lupa, a área total compreende: área com cultura perene; área com cultura temporária; área com pastagem; área com reflorestamento; área de vegetação natural; área em descanso, também conhecida como de pousio; área de vegetação de brejo e várzea; e área complementar compreende as demais terras da UPA, como aquelas ocupadas com benfeitorias (casa, curral, estábulo), represa, lagoa, estrada, carreador, cerca, bem como áreas inaproveitáveis para atividades agropecuárias.

24 BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia. Região de Influência das Cidades - Regic, 2007. Rio de Janeiro: 2008.

25 DE ACORDO com a metodologia do Regic, foi perguntado, no item "Agropecuária – Distribuição da Produção", qual o destino da maior parte da produção local. O seu Banco de Dados, contudo, não contem informações para a totalidade dos municípios do Estado de São Paulo,

produtores de laranja, na região, destinam sua produção, basicamente, aos municípios que contam com unidades de extração de suco: Catanduva, Mirassol e Uchôa, na própria RA; Bebedouro e Colina, na RA de Barretos; e Araraquara e Matão, na RA Central[26]. O município de São José do Rio Preto figura, também, como destino da produção, ainda que não disponha de unidade de processamento, de acordo com informações da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos-CitrusBR.

A **cana-de-açúcar** é predominante, na RA. Em 2010, seu Valor da Produção Agropecuária foi de R$ 5,7 bilhões, ou 12% do Estado, e a cana contribuiu com 54% do VPA regional [27]. A cana ocupava, em 2007/08, 32% do total da área da região. Em 1995/96, esse percentual era de 10%. Em termos de EDRs, os aumentos foram, também, expressivos. No de Catanduva, por exemplo, em que a cana já ocupava 131 mil ha, em 1995/96, o incremento foi de 100% e a área cultivada, em 2007/08, passou a 262 mil ha, representando 60% da área total do EDR. No caso do de Jales, a cana passou de 2,9 mil ha, em 1995/96, para 16,4 mil, em 2007/08. Ainda que o incremento tenha sido muito significativo, a cana representou 5% da área total, no referido ano-safra.

Segundo o Regic, a cana, na RA, destina-se aos diversos municípios que possuem uma ou mais usinas e destilarias de álcool[28]. Os municípios de Catanduva e Novo Horizonte recebem, basicamente, cana de municípios do EDR de Catanduva. No município de Catanduva, por exemplo, a cana processada é proveniente de 13 municípios: Ariranha, Catiguá, Elisiário, Ibirá, Irapuã, Marapoama, Novais, Palmares Paulista, Paraíso, Pindorama, Tabapuã, Uchôa e Urupês; e no do município de Novo Horizonte, de sete municípios: Elisiário, Irapuã, Marapoama, Mendonça, Sales, Uchôa e Urupês.

Já os municípios de Monte Aprazível e José Bonifácio recebem, principalmente, cana de municípios dos EDR de General Salgado e São José do Rio Preto. No caso de Monte Aprazível, a cana é proveniente de 13 municípios: Bálsamo, Floreal, Jaci, Macaubal, Magda, Monções, Neves Paulista, Nhandeara, Nipoã, Planalto, Poloni, Sebastianópolis do Sul e União Paulista. No de José Bonifácio, de nove municípios: Monte Aprazível, Neves Paulista, Monções, Nipoã, Planalto, Poloni, Ubarana, União Paulista e Zacarias.

De acordo com estudo do Instituto de Economia Agrícola[29], dos fornecedores da região de Catanduva, por exemplo, os pertencentes ao estrato que entrega menos de 16 mil toneladas de cana à usina são em maior número e respondem, também, pela maior quantidade produzida (47%). Nessa região, o plantio e a colheita são, em grande parte, realizados de forma manual. A prática de parceria com a usina está sendo iniciada e a região conta, ainda, com condomínios de máquinas, em geral, para realização da colheita.

O plantio de **frutas**, como limão ou uva, ainda que apresente área reduzida, no total da região, é atividade importante. Quanto ao **limão**, a área ocupada em 2007/08, nos municípios de Itajobi, Novo Horizonte, Pindorama, Sales, Santa Adélia e Urupês, localizados no EDR de Catanduva, representou 30% do total do Estado de São Paulo. Seu cultivo apresenta vantagens, pois é uma planta mais rústica e

---

sendo, portanto, aqui utilizado o conjunto de informações existentes. O Regic aponta, ainda, que se identificam, pelo menos, cinco padrões distintos na distribuição da produção: o dos produtos de consumo imediato, para regiões vizinhas; o de produtos para agroindústria, presentes em pontos específicos do Estado; o de produtos destinados a centros atacadistas; o de produtos para abastecimento de cadeias varejistas; e o de produtos destinados à exportação, fluindo para cidades portuárias.

[26] CINTURÃO Citrícola. Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR). Em http://www.citrusbr.com/exportadores-citricos/setor/citrus-belt-cinturao-citricola-192418-1.asp . Acesso em 19-1-2011.

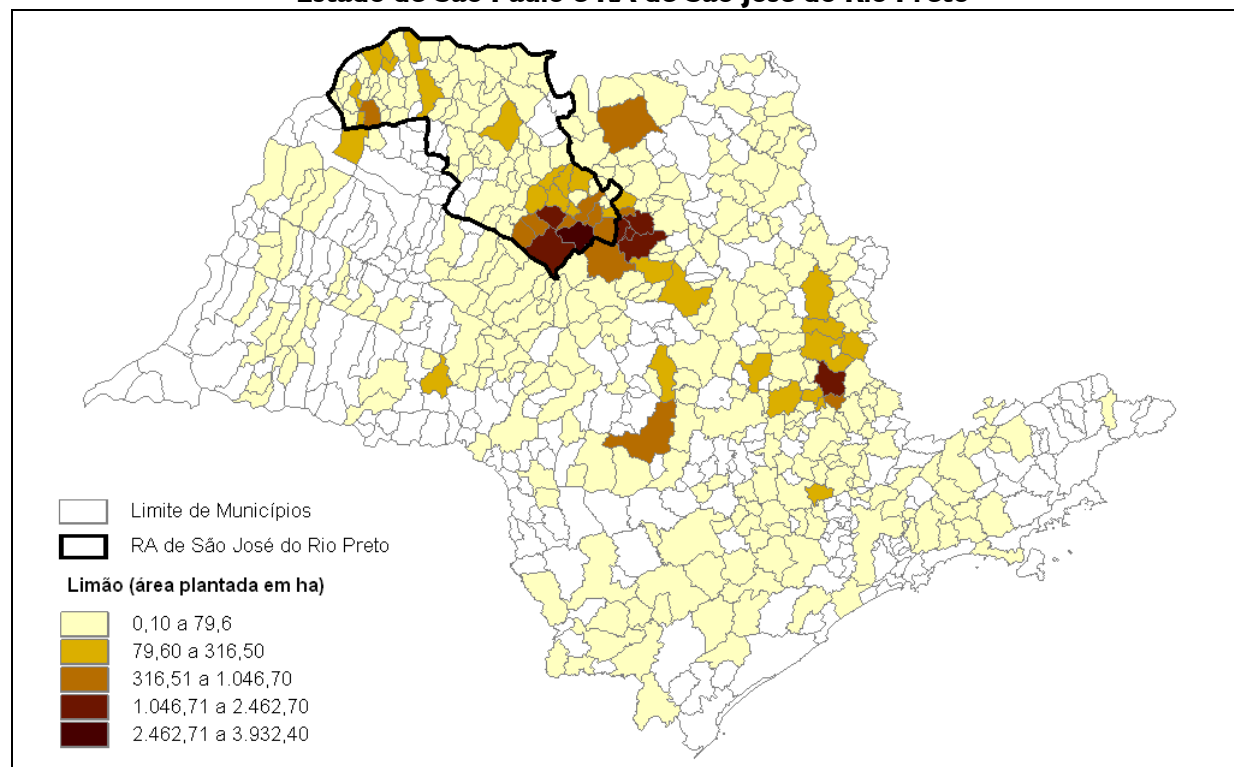
[27] TSUNECHIRO, Alfredo et al. Valor da Produção Agropecuária e Florestal do Estado de São Paulo em 2010. São Paulo: Informações Econômicas, volume 41, nº. 5, maio de 2011.

[28] BRASIL. Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Relação de Fornecedores de Etanol Cadastrados. Disponível em: www.anp.gov.br. Acesso em: 4 out 2011.

[29] OLIVEIRA, Marli Dias Mascarenhas et al. Sistemas de Produção e Matrizes de Coeficientes Técnicos da Cultura de Cana-de-açúcar no Estado de São Paulo. São Paulo: Informações Econômicas, volume 40, nº. 6, junho de 2010.

resistente a doenças, com produção durante todo o ano[30]. Tem sido registrado, também, aumento de produtividade derivado de adensamento do plantio nos pomares e melhores tratos culturais, incluindo mudas com maior potencial genético[31].

De acordo com o Regic, o município de Marapoama, por exemplo, é destino da produção de limão de dois outros municípios da região e, por sua vez, destina parte de sua produção aos municípios de São Paulo e Santos, de onde o produto é exportado para o mercado europeu[32].

Distribuição geográfica da área cultivada de limão 2007/2008
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA. Elaboração: SPDR/UAM.

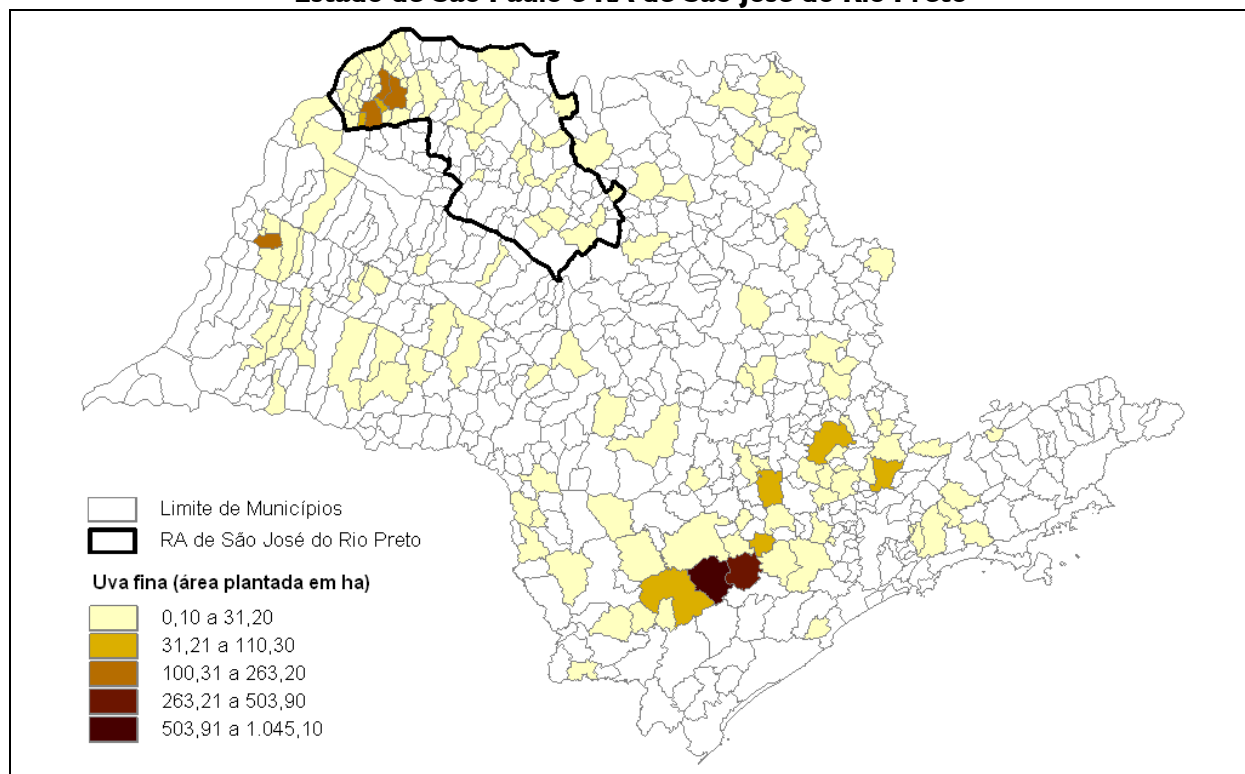
A produção de **uva fina**[33] sobressai no EDR de Jales, com expressiva participação na economia agrícola regional, em função, inclusive, da predominância de pequenas propriedades[34]. A área ocupada, em 2007/08, foi de 772 hectares, o que representou 23% do total estadual. Destacaram-se os municípios de: Jales, Palmeira d'Oeste, São Francisco e Urânia, que segundo o Regic, destina parte de sua produção ao município de São Paulo.

O estabelecimento e desenvolvimento da viticultura, na região, foi consequência da necessidade de diversificação agrícola, em substituição a cafezais decadentes. Recentemente, inclusive, tem sido

---

[30] D'AURIA, Graça. Organização gera renda e emprego na fruticultura. Campinas: Revista Casa da Agricultura, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano 13, nº. 1, janeiro/fevereiro/março 2010.
[31] PAULINO, Sônia Regina; JACOMETI, Wagner Antonio. Certificação na Agricultura: Possibilidades de Diversificação e Interação para o Desenvolvimento da Produção Regional. Brasília: III Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade - ANPPAS, 23 a 26 de maio de 2006.
[32] D'AURIA, op. cit.
[33] PREDOMINANTEMENTE uva 'Itália'.
[34] TONDATO, Cristina et al. Caracterização dos canais de comercialização de uva de mesa: um estudo da região de Jales, Estado de São Paulo. São Paulo: Informações Econômicas, volume 39, nº. 1, janeiro de 2009.

observada diminuição da área ocupada com uva fina e aumento da uva Niágara (rústica ou comum), como uma forma adicional de diversificação[35].

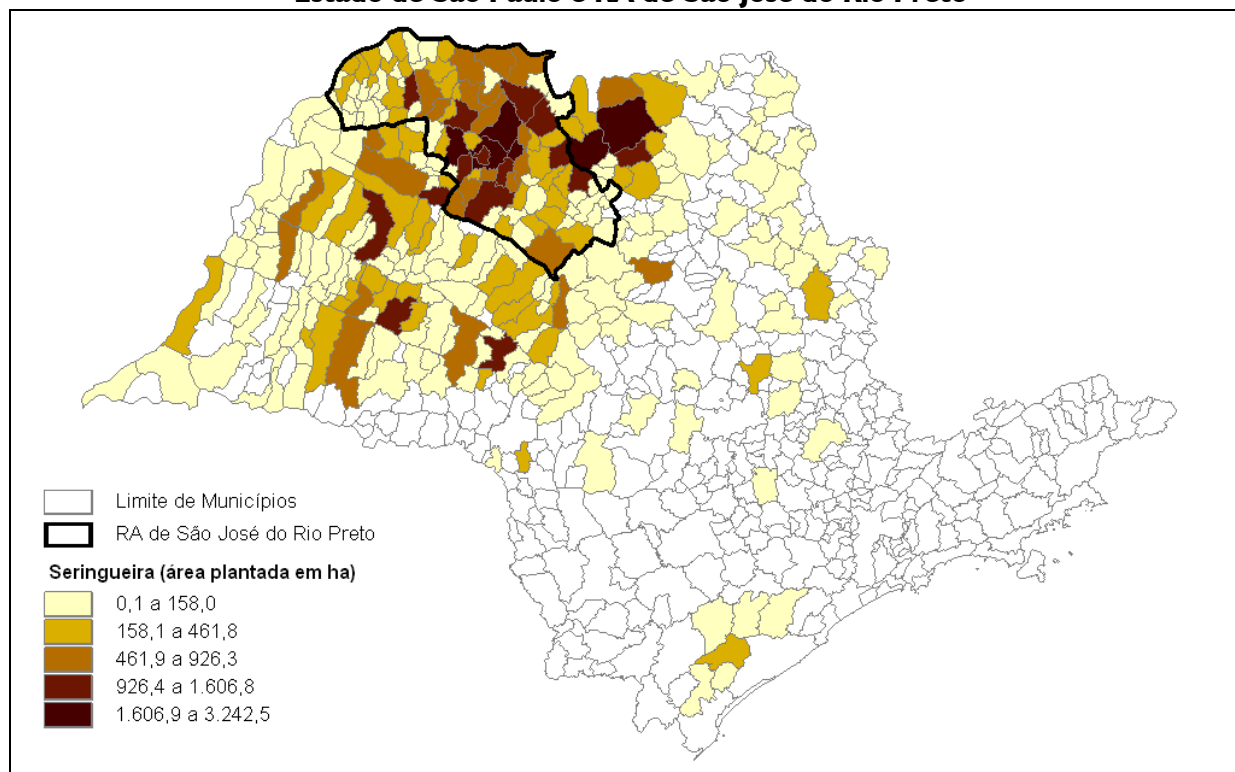
Distribuição geográfica da área cultivada de uva fina 2007/2008
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA. Elaboração: SPDR/UAM.

A **heveicultura** (cultivo de seringueira) tem crescido no Estado, de forma gradual, principalmente nas regiões norte e noroeste, onde têm sido implantados novos seringais, que começarão a produzir, nos próximos anos, além da renovação dos mais antigos[36]. A seringueira tem substituído, principalmente, pastagens de baixa produtividade, em regiões do Estado que possuem baixo percentual de áreas florestais, e a extração do látex se estende ao longo de 11 meses, gerando emprego e renda o ano todo[37]. Trata-se, portanto, de importante alternativa para o produtor, mas a atividade propicia, também, formas adicionais de se obter renda, como o crédito de carbono fornecido pelos seringais e o uso da madeira da seringueira, na indústria moveleira[38].

Na RA, a área ocupada por **seringueiras** passou de 18 mil ha, em 1995/96, para 44 mil, em 2007/08. Em termos de EDR, destaca-se o de São José do Rio Preto, onde os municípios Monte Aprazível, detentor da maior área estadual em 2007/08, Tanabi, Bálsamo, Palestina, José Bonifácio, Neves Paulista, Poloni, Nova Granada, Guapiaçu e Mirassol contribuíram, em 2007/08, com 37% do total da região. De acordo com o

[35] FRUTICULTURA. Campinas: Revista Casa da Agricultura, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano 13, nº. 1, janeiro/fevereiro/março de 2010.
[36] HEVEICULTURA. Campinas: Revista Casa da Agricultura, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), ano 13, nº. 4, outubro/novembro/dezembro de 2010.
[37] FRANCISCO, Vera Lúcia Ferraz dos Santos et al. Análise comparativa da heveicultura no Estado de São Paulo, 1995/96 e 2007/08. São Paulo: Informações Econômicas, volume 39, nº. 9, setembro de 2009.
[38] HEVEICULTURA ganha espaço no cenário agrícola paulista. 28 de novembro de 2008. Em http://www.cati.sp.gov.br/Cati/_principal/SaibaMais.php?codSaibaMais=205. Acesso em: 18-1-2011.

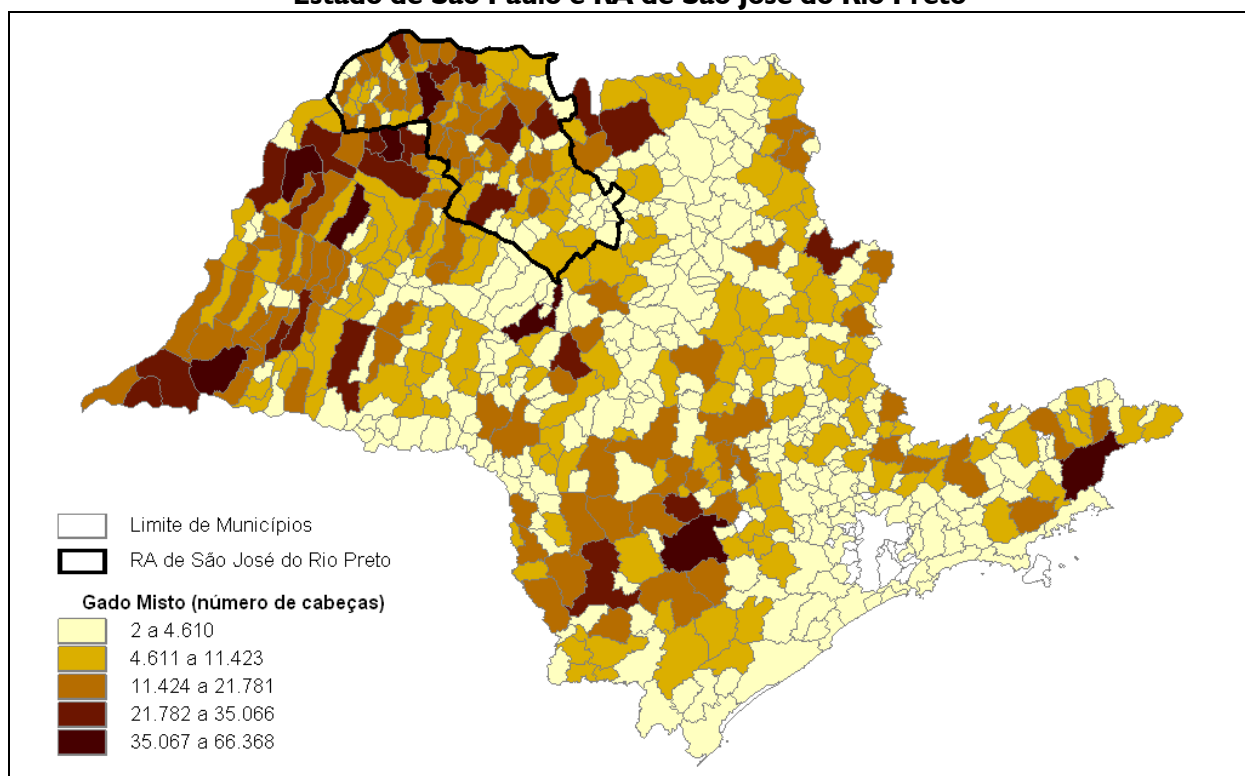
Regic, são importantes destinos da produção regional de borracha os municípios de Jaci, Mirassol, Poloni e São José do Rio Preto.

Distribuição geográfica da área cultivada de seringueira 2007/2008
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA. Elaboração: SPDR/UAM.

Em termos de **produção animal**, a região tem, na pecuária bovina, atividade econômica expressiva. Informações do Regic apontam intensa comercialização de bovinos e leite, entre os municípios da região e de regiões vizinhas, como Araçatuba, por exemplo. Entre os principais municípios que são destino de bovinos, destacam-se: na RA de São José do Rio Preto, Catanduva, Estrela d'Oeste, Fernandópolis, Jales, José Bonifácio, Nhandeara, Santa Fé do Sul e São José do Rio Preto; e na RA de Araçatuba, Ilha Solteira. No caso do leite, sobressaem: na RA de São José do Rio Preto, Parisi, Santa Fé do Sul, Santa Rita d'Oeste, São José do Rio Preto e Votuporanga; e na RA de Araçatuba, o município de Araçatuba.

Na **pecuária bovina**, a região conta com uma crescente busca pelo aumento da produtividade nas propriedades agropecuárias, além de trabalhar com a melhoria de técnicas de produção, manejo e incremento da competitividade de toda a cadeia produtiva de proteína animal[39].

[39] PERFIL Econômico do Noroeste Paulista. Guia de Comércio Exterior do Noroeste Paulista 2009. Em http://www.gcex.com.br/portugues/editorial/index.asp. Acesso em: 18 jan. 2011

Distribuição geográfica da bovinocultura mista 2007/2008
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto

Fonte: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, CATI/IEA, Projeto LUPA. Elaboração: SPDR/UAM.

A região destaca-se, ainda, na avicultura de corte e de postura. A **avicultura de corte** da RA apresentou, em 2007/08, crescimento de 61%, em relação a 1995/96. Ainda assim, o plantel regional foi de, apenas, 7% do total estadual, em 2007/08. No último levantamento, o plantel se concentrava nos municípios de: Santa Adélia, no EDR de Catanduva; Guapiaçu, Ipiguá, José Bonifácio, Poloni e Tanabi, no EDR de São José do Rio Preto; Cosmorama, Valentim Gentil e Votuporanga, no EDR de Votuporanga; além de Macaubal e União Paulista, no EDR de General Salgado. Esse conjunto de municípios detinha 78% do total de cabeças da região, em 2007/08.

Quanto à **avicultura de postura**, o plantel cresceu 117%, no período analisado, e, também nesse caso, a participação, no total estadual, foi de apenas 3%, em 2007/08, quando os municípios de Urupês, no EDR de Catanduva, e José Bonifácio, no EDR de São José do Rio Preto, contavam com 24% do plantel regional.

INDÚSTRIA E SERVIÇOS

INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E DE SERVIÇOS NA RA

Conforme pode ser visto na CARACTERIZAÇÃO, a RA teve seu desenvolvimento econômico ligado à expansão cafeeira e às atividades pecuárias. A cultura cafeeira possibilitou que a região fosse incorporada à economia paulista, criando as bases para sua posterior consolidação, e a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense facilitou a ocupação regional. Após a crise de 1929, o algodão viria a dar novo impulso à

região, especialmente com a instalação de agroindústrias voltadas a seu beneficiamento (SANBRA, Anderson Clayton, SWIFT e Indústrias Matarazzo).

Em 1940, a RA apresentava uma produção agrícola diversificada e uma população residindo, em sua maioria, nas áreas rurais. A partir dessa década, contudo, foi se acelerando o processo de urbanização, por força do impacto das transformações ocorridas na estrutura produtiva e no nível técnico da agropecuária paulista[40].

Na agropecuária, a região tornou-se importante produtora das principais culturas exportáveis do país, como o café e o algodão, e de alimentos como arroz, feijão e milho, destinados, em sua maioria, aos núcleos urbanos e, gradativamente, diversificou a produção agrícola, sobretudo com culturas permanentes, como a laranja e a cana-de-açúcar. Na década de 1960, a pecuária teria novo impulso com a liberação das terras anteriormente ocupadas com os cafezais. A interligação do setor agropecuário com o mercado externo trouxe modernização para a atividade agrícola e o encadeamento do setor com a indústria, sobretudo nos setores de alimentos e têxtil.

Com a industrialização do interior paulista, ocorrida entre 1970 e 1985, a RA diversificou sua indústria e fortaleceu suas relações com as demais regiões paulistas. Tornou-se, então, produtora de bens de consumo não-duráveis do setor de alimentos, além de bens intermediários e de capital para a agropecuária e, nos serviços, os principais centros urbanos e, em particular, o município-sede passaram a ofertar as atividades necessárias ao desenvolvimento da RA e de regiões próximas ou circunvizinhas.

No final da década de 80, os produtos agroindustriais de destaque, na região, se encadeavam com os principais produtos agropecuários regionais, como ocorreu com: a cana-de-açúcar e o açúcar e o álcool; a produção de laranja e limão e os sucos cítricos; as culturas do algodão, do amendoim e do milho e os óleos vegetais; a criação de aves e gado e os produtos derivados do processamento avícola e da carne bovina; os casulos de seda e a produção de fios de seda; e a borracha e a produção de látex.

Nos últimos anos, tem crescido a produção de açúcar e álcool, na região. Segundo dados da Pesquisa dos Investimentos do Estado de São Paulo-PIESP da Fundação Seade, de 2005 a 2010, os principais investimentos realizados na região estiveram voltados ao setor industrial, em especial à agroindústria sucroalcooleira, e, mais recentemente, vêm se dirigindo, também, ao setor terciário.

De acordo com a PIESP, na **indústria**, tiveram destaque:
a) o ramo de **alimentos e bebidas**, devido a empreendimentos do setor sucroalcooleiro, que envolveram a ampliação da capacidade ou a instalação de novas plantas de processamento de cana-de-açúcar em Pedranópolis, Pontes Gestal, Ouroeste, Mendonça, Potirendaba, José Bonifácio, Orindiúva, Ubarana, Tanabi, Santa Clara d'Oeste e Sebastianópolis do Sul, além de investimentos em fábrica de produtos da carne bovina, em Aparecida d´Oeste;
b) o segmento de **refino de petróleo e álcool**, com a construção de usinas em Tanabi e Meridiano;
c) o ramo de **eletricidade, gás e água quente**, com a construção, em Votuporanga, de fábrica de *pellet* de biomassa feita com bagaço de cana e poda de árvores, para gerar energia térmica em indústrias; a ampliação de usina cogeradora de energia elétrica, em Catanduva; a implantação de unidades de cogeração de energia elétrica a partir do bagaço de cana, em Paraíso e Novo Horizonte; e a instalação de

[40] VIDAL, Maria do Socorro. Região de Governo de São José do Rio Preto. Textos NEPO 24 - Migração em São Paulo. Núcleo de Estudos de População – NEPO, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Fevereiro,1993.

linhas de transmissão para distribuição de energia elétrica gerada a partir da queima do bagaço da cana, em São José do Rio Preto e Votuporanga;
d) o segmento de **captação, tratamento e distribuição de água**, envolvendo a construção de estação de tratamento de esgoto, em São José do Rio Preto; e
e) o ramo de **equipamentos médicos, ópticos, de automação e precisão**, com a instalação de fábrica de produtos ortodônticos, em São José do Rio Preto.

Nos **serviços**, tiveram destaque:
a) as **telecomunicações**, com investimentos destinados à ampliação da infraestrutura de banda larga e à implantação de televisão a cabo pela Telefônica, na região;
b) as **atividades imobiliárias**, em especial pelos investimentos em ampliação e construção de *shoppings centers*, como o Shopping Iguatemi Rio Preto, o Shopping Plaza Avenida e o Riopreto Shopping Center, em São José do Rio Preto;
c) os serviços de **saúde e sociais**, com a reforma da Santa Casa de Fernandópolis;
d) o **alojamento e a alimentação**, com a construção de hotel, em Valentim Gentil;
e) a **educação**, com investimentos para implantar escolas do SESI, em Fernandópolis e Catanduva, e para ampliação de faculdade em Catanduva; e
f) as **atividades jurídicas, de contabilidade e de assessoria empresarial**, em São José do Rio Preto.

No **comércio,** destacaram-se os anúncios de investimentos nos segmentos de: **varejo e reparação de objetos,** com ampliação e abertura de novas unidades de varejo e de redes de supermercados, especialmente em São José do Rio Preto e Catanduva; **comércio atacadista**, com o anúncio de instalação de revendedora de equipamentos pesados destinados às empresas sucroalcooleiras, em São José do Rio Preto; e **comércio e reparação de veículos automotores e varejo de combustíveis**, em concessionária de veículos, em São José do Rio Preto.

Os anúncios de investimentos mais recentes na RA mostram o predomínio e o crescimento das atividades ligadas ao setor sucroalcooleiro, tanto na fabricação de açúcar e álcool como na utilização do bagaço da cana para a geração de energia. Ainda, chama a atenção o crescimento das atividades urbanas, voltadas ao consumo das famílias e ao apoio às atividades econômicas, especialmente em São José do Rio Preto, que, assim, reafirma seu papel de importante polo regional.

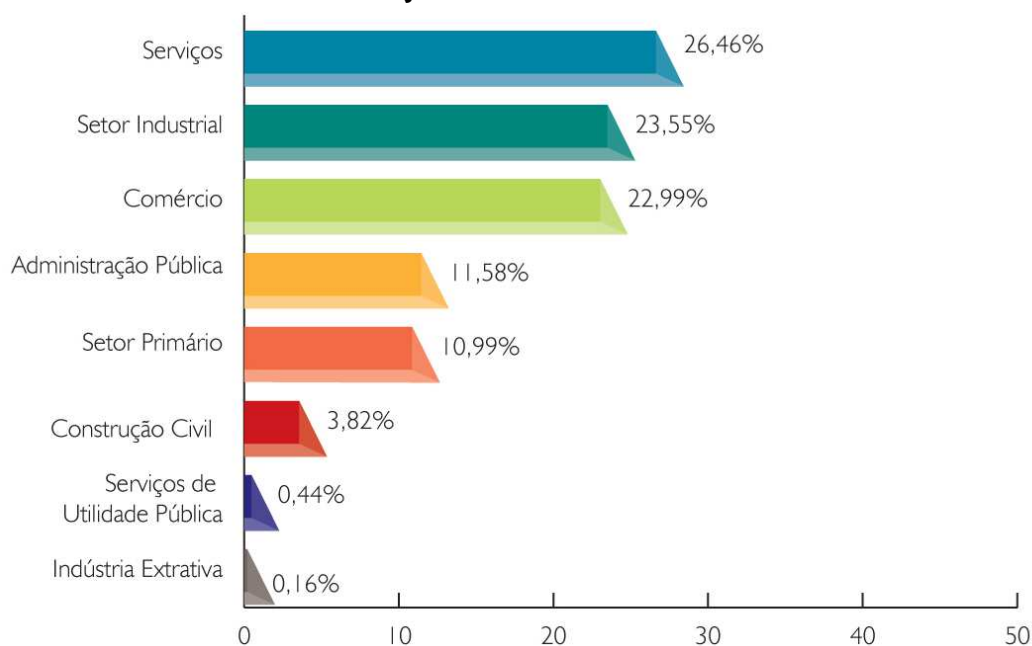
Alguns setores da indústria da região continuam expandindo a produção e contratando mão-de-obra , como os de produtos de papel, bebidas, produtos químicos, farmoquímicos e farmacêuticos[41].

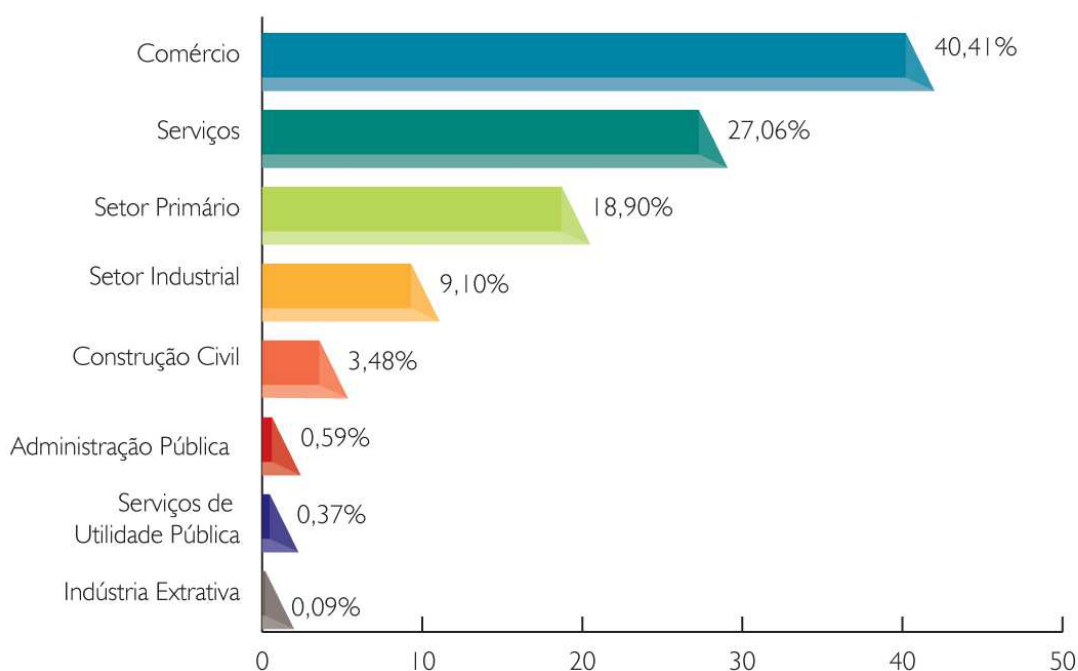
EMPREGOS E ESTABELECIMENTOS DA RAIS DE 2008

De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais de 2008, os 96 municípios da RA possuem 38.040 estabelecimentos, que representam 4,5% do total de empresas paulistas, e empregam 316.106 pessoas, correspondendo a 2,7% do total de empregos formais do Estado.

Os setores que mais empregam, na região, são os Serviços, a Indústria de Transformação e o Comércio. Com grande peso do Comércio, o setor terciário responde por 67,5% do total de estabelecimentos regionais.

[41] G1.COM. Setores da indústria têm forte ritmo de crescimento em São José do Rio Preto, SP. 13 de fevereiro de 2012.

Participação dos setores de Atividades Econômicas no Total dos Empregos Formais da RA de São José do Rio Preto – RAIS 2008

Fonte: MTE/RAIS. Elaboração: SPDR/UAM.

Participação dos Setores de Atividades Econômicas no total dos Estabelecimentos Formais da RA de São José do Rio Preto – RAIS 2008

Fonte: MTE/RAIS, 2008. Elaboração: SPDR/UAM.

Na RA, embora os serviços, a indústria de transformação e o comércio sejam os setores que mais concentram empregos com carteira de trabalho assinada, é o setor primário regional que tem a principal contribuição para o total estadual, respondendo por 9,3% do total de empregos do setor primário paulista, dada a presença de grande número de municípios, que têm a agropecuária como sua principal atividade.

A sede e o principal polo regional é o município de **São José do Rio Preto**, que, ao contrário da maioria dos municípios da RA, apresenta grande diversidade econômica, em todos os setores, sejam industriais, comerciais ou de serviços. Em sua estrutura econômica, destacam-se atividades variadas, como: a produção de limão; a fabricação de móveis e joias de ouro; as confecções de vestuário e acessórios; a fabricação de produtos de minerais não-metálicos, produtos de metal e máquinas, aparelhos e material elétrico; o comércio varejista e atacadista; e serviços que variam dos tradicionais aos mais sofisticados, como os de tecnologia de informação e de apoio às empresas e às famílias. Ainda, constitui-se o principal centro de referência regional educacional e médico-hospitalar.

Em sua área educacional, destaca-se o Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, além do Centro Universitário de Rio Preto-UNIRP, que oferece curso de Graduação de *Design*er de Joias, de quatro anos, qualificando pessoas para o polo joalheiro da cidade.

Na área médico-hospitalar, São José do Rio Preto é um dos principais municípios paulistas fabricantes de produtos médico-hospitalares. O município-polo produz materiais médico-cirúrgicos e odontológicos de alto conteúdo tecnológico destinados a várias especialidades, como produtos para cirurgias e procedimentos cardiológicos, válvulas cardíacas feitas com o pericárdio bovino, que são exportadas para mais de 25 países[42], neuronavegadores para cirurgias do cérebro, válvulas cerebrais e sensores de pressão intracraniana. A qualidade dos produtos médicos-cirúrgicos de São José do Rio Preto e o custo inferior aos importados viabilizaram economicamente vários procedimentos médicos[43].

O município possui uma rede de serviços médico-hospitalares, que incluem o Hospital de Base, o segundo maior hospital-escola do país, ligado à Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto-FAMERP, considerada a maior instituição de saúde do Noroeste paulista. O hospital é referência nacional no atendimento de alta complexidade, como transplantes de córnea, rim, fígado, medula óssea, coração, entre outros. O Hospital de Base conta, ainda, com Hemocentro e Hospital Regional da Criança, um dos maiores hospitais pediátricos do país.

A FAMERP vem recebendo nota máxima no Índice Geral de Cursos-IGC promovido pelo MEC, tendo, em 2008, se classificado como a segunda melhor instituição pública do país, atrás apenas do Instituto Tecnológico de Aeronáutica-ITA. Na área da pesquisa, a instituição realiza importantes estudos e publicações na área de cirurgia cardiovascular, neurocirurgia, biologia molecular, genética humana e médica, transplantes, autismo, doenças neuromusculares, virologia, malária etc.

Por ser um importante polo regional, os serviços (42,2%) e o comércio (30,1%) do município-sede concentram 72,3% de seus empregos formais. De acordo com os dados da RAIS, em 2008, teve desempenho expressivo na construção civil e nos serviços de apoio ao setor, apontando para um crescimento físico da cidade.

A base da estrutura econômica da RA, à qual se encadeiam importantes agroindústrias, com relevante contribuição para o total estadual, como as de alimentos e bebidas, biocombustíveis, madeira, móveis e confecção de vestuário e acessórios.

A agroindústria sucroalcooleira foi a que mais cresceu, nos últimos anos, encontrando-se usinas de açúcar e álcool em vários municípios, como Ariranha, Catanduva, Fernandópolis, Ibirá, Icém, José

---

[42] O ESTADO DE S. PAULO. São José do Rio Preto terá centro de alta tecnologia na área cardíaca. Jornal Estado de São Paulo, 22/6/2008.

[43] BUFFOLO, Enio. Parabéns, Dr. Braile. São José do Rio Preto: Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, vol.24 n. 2, abril – Junho de 2009.

Bonifácio, Monte Aprazível, Novo Horizonte, Onda Verde, Orindiúva, Ouroeste, Palestina, Pontes Gestal, Potirendaba, Santa Adélia, Santa Albertina, Sebastianópolis do Sul, Tanabi e Paraíso.

A região não apresenta muitos destaques, no contexto paulista, nos serviços de apoio às empresas, embora encontre-se distante da capital paulista e São José do Rio Preto polarize um número elevado de municípios. Da mesma forma, não se sobressaem os serviços de alojamento e alimentação, mesmo com a presença da estância hidromineral de Ibirá, da estância turística de Santa Fé do Sul e da Região dos Grandes Lagos. Com exceção dos serviços de assistência social sem alojamento, que representam 6,3% do total estadual, os demais têm pouca projeção em termos de emprego estadual.

A Região dos Grandes Lagos é rica em cachoeiras, rios e lagos, representando um grande potencial turístico. Em Ibirá, localiza-se o balneário Termas de Ibirá Evaristo Mendes de Seixas, onde foram criadas praias artificiais, formadas a partir das represas dos rios Grande e Tietê. Localizado a nove km da rodovia Washington Luís, o balneário é procurado, nos fins de semana, pela população da região[44]. Santa Fé do Sul, por sua vez, atrai turistas para a pesca esportiva e o turismo náutico, por estar localizado na Região dos Grandes Lagos, constituída pelos rios Paraná, Paranaíba, Grande, São José e Tietê e pelo represamento das usinas de Ilha Solteira, Jupiá e Água Vermelha. É a primeira estância turística do Estado que conta com uma faculdade municipal de turismo, a Fundação Municipal de Ensino e Cultura-Funec[45].

Principais Atividades Industriais e de Serviços da RA de São José do Rio Preto, segundo a RAIS 2008

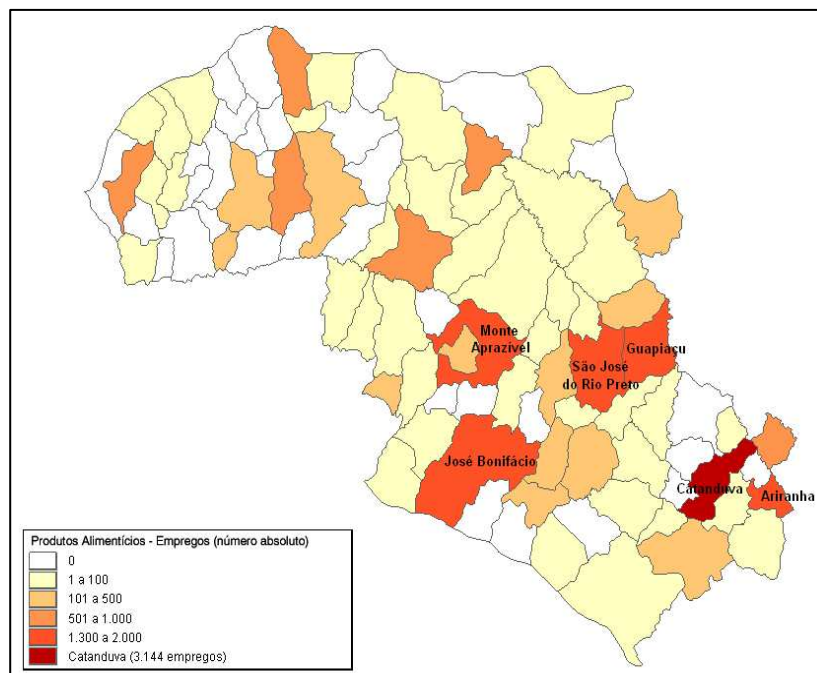
ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL ESTADUAL	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS
Indústria Extrativa		
Extração de minerais não metálicos	3,7%	Três Fronteiras, Icém, Valetim Gentil, Monções, Planalto, José Bonifácio
Indústria de transformação		
Produtos alimentícios	6,4%	Catanduva, José Bonifácio, Monte Aprazível, SJRio Preto, Guapiaçu, Ariranha
Fabricação de bebidas	4,2%	Potirendaba, São José do Rio Preto, Catanduva, Jales
Confecção de vestuário e acessórios	4,5%	SJRio Preto, José Bonifácio, Votuporanga, Fernandópolis, Urupês, Tabapuã
Produtos de madeira	3,2%	Mirassol, Potirendaba, Votuporanga, SJRio Preto, Irapuã, Catanduva, Marapoama
Biocombustíveis	11,3%	Sebastianópolis Sul, Novo Horizonte, Tanabi, Planalto, Ubarana
Produtos de minerais não-metálicos	2,3%	São José do Rio Preto, Jales, Ubarana, Catanduva, Fernandópolis
Produtos de metal (exc.máqs.e equips)	3,0%	São José do Rio Preto, Mirassol, Catanduva, Tanabi
Móveis	18,5%	SJRio Preto, Mirassol, Votuporanga, Valentim Gentil, Jaci, Fernandópolis, Tanabi
Produtos diversos	4,1%	São José do Rio Preto, Tanabi
Construção Civil		
Construção de edifícios	2,8%	São José do Rio Preto, Fernandópolis, Catanduva, Votuporanga
Comércio		
Com.e reparação veícs.autom.e motos.	4,5%	SJRio Preto, Catanduva, Votuporanga, Fernandópolis, Jales
Comércio varejista	3,3%	São José do Rio Preto, Catanduva, Votuporanga, Jales, Fernandópolis
Serviços		
Rádio e televisão	2,7%	São José do Rio Preto, Votuporanga, Catanduva, Mirassol, Fernandópolis
Aux.servs.financ.,seguros,previd.compl.	2,7%	São José do Rio Preto, Uchôa, Catanduva
Educação	3,2%	SJRio Preto, Fernandópolis, Catanduva, Votuporanga, Sta.Fé do Sul, Mirassol
Atenção à saúde humana	3,6%	São José do Rio Preto, Catanduva, Votuporanga
Atenção saúde hum./assist.social	3,8%	Jaci, São José do Rio Preto, Ariranha
Assist.social sem alojamento	6,3%	São José do Rio Preto, Votuporanga, Catanduva
Esportivas, de recreação e lazer	2,8%	São José do Rio Preto, Mirassol, Votuporanga, Catanduva
Ativids.de organizações associativas	2,8%	São José do Rio Preto, Catanduva, Santa Fé do Sul

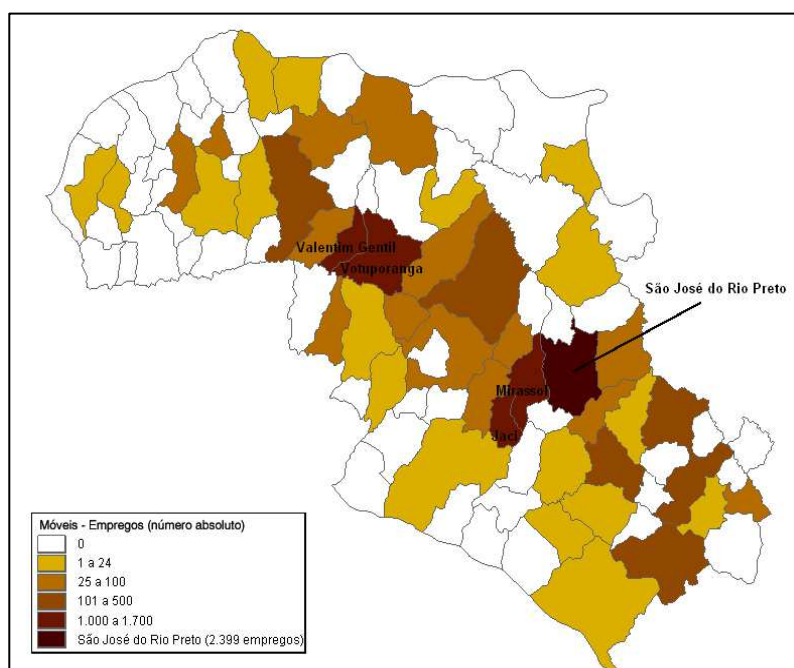
Fonte: Ministério do trabalho e Emprego-MTE. Relação Anual de Informações Sociais-RAIS, 2008. Elaboração: SPDR/UAM.

[44] COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO TIETÊ – JACARÉ – CBH – TJ. Revisão do Plano de Bacia da Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Tietê – Jacaré (UGRHI 13), Dezembro de 2008.

[45] ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SANTA FÉ DO SUL. Em http://turismo.santafedosul.sp.gov.br/. Entrada em 03 de abril de 2012.

A fabricação de móveis e de produtos alimentícios (onde é registrada a fabricação de açúcar, sucos, produtos derivados da carne bovina etc.) é encontrada em vários municípios da região. Juntamente com as indústrias de biocombustíveis, correspondem às atividades regionais com maior participação no total estadual.

Produtos Alimentícios – Distribuição de Empregos
RA São José do Rio Preto

Fonte: MTE/RAIS 2008. Elaboração SPDR/UAM.

Móveis – Distribuição de Empregos
RA São José do Rio Preto

Fonte: MTE/RAIS 2008. Elaboração SPDR/UAM.

Dos inúmeros profissionais ligados à atividade sucroalcooleira, 76% encontram-se na indústria. As usinas de açúcar e álcool vêm expandindo e alterando o perfil do emprego formal da região, aumentando a renda e impulsionando a economia municipal. Dentro das usinas, o processo industrial sucroalcooleiro vem requerendo mão-de-obra qualificada e especializada, envolvendo técnicos, engenheiros, analistas para os laboratórios de análises químicas, cozinheiros, nutricionistas, pessoal administrativo, entre outros[46].

Embora a RA não se sobressaia no contexto estadual nas atividades especificadas abaixo, estas têm peso relevante na estrutura econômica de alguns municípios, a saber:

- **produção florestal,** em Novais, José Bonifácio e Nhandeara;
- **fabricação de produtos têxteis,** em Álvares Florence e Santa Rita d'Oeste;
- **fabricação de artefatos de couro e calçados,** em Jales, Fernandópolis, Monte Aprazível, Palestina, Poloni, Tabapuã e Tanabi;
- **fabricação de celulose e papel,** em Catanduva, Mirassol, Neves Paulista e Valentim Gentil;
- **fabricação de produtos químicos,** em Catanduva e Monte Aprazível;
- **fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos,** em Bady Bassit e Catanduva;
- **fabricação de produtos de borracha e material plástico,** em Bady Bassitt, Bálsamo, Cardoso, Cedral, Ipiguá, Jaci, Mendonça, Mirassol, Nipoã, Nova Aliança, Pontalinda e Sales;
- **metalurgia,** em Pindorama;
- **fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos,** em Catanduva e São José do Rio Preto;
- **fabricação de máquinas e equipamentos,** em Bálsamo, Ibirá, Itajobi e Pindorama;
- **fabricação de veículos automotores, reboque e carrocerias,** em Cosmorama, Votuporanga e São José do Rio Preto;
- **manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos,** em Monte Aprazível e São José do Rio Preto;
- **obras de infraestrutura,** em Álvares Florence, Neves Paulista, Monções, Icém e São José do Rio Preto;
- **transporte terrestre,** em Estrela d´Oeste, Meridiano, Nipoã, Tabapuã e São José do Rio Preto;
- **alojamento,** em Cedral, Cardoso, Bady Bassitt, Pindorama, Ibirá e Mirassol;
- **edição e impressão,** em São José do Rio Preto;
- **serviços financeiros,** em São José do Rio Preto;
- **serviços de arquitetura, engenharia e análises técnicas,** em Fernandópolis e Macaubal;
- **publicidade e pesquisa de mercado,** em Cedral;
- **outras atividades profissionais, científicas e técnicas,** em São José do Rio Preto;
- **atividades de vigilância, segurança e investigação,** em Bady Bassitt;
- **administração pública,** em Aspásia, Dolcinópolis, Guarani d'Oeste, Mesópolis, Mira Estrela, Nova Canaã Paulista, Novais, Parisi, Populina, Rubinéia, Santa Rita d'Oeste, Santa Salete, Santana da Ponte Pensa, São João das Duas Pontes, Turmalina e Vitória Brasil, todos com mais de 50% de seus empregados formais trabalhando nesta divisão; e
- **outras atividades de serviços pessoais,** em Bady Bassitt, Ipiguá, São José do Rio Preto e Urupês.

Em 2008, mais de 55% dos empregos da indústria de transformação regional concentravam-se em São José do Rio Preto (24,7%), Catanduva (10,1%), Votuporanga (6,9%), Mirassol (6,1%), José Bonifácio (4,4%) e Monte Aprazível (3,7%), e cerca de 70% dos empregos do terciário estavam em São José do

[46] G1.GLOBO.COM. Usinas do noroeste paulista apostam em novo perfil de trabalhador. 11 de julho de 2012.

Rio Preto (42,9%), Catanduva (10,5%), Votuporanga (6,1%), Fernandópolis (4,5%), Jales (3,4%) e Mirassol (3,1%).

VALOR ADICIONADO E VALOR ADICIONADO FISCAL

Conforme mostrado na CARACTERIZAÇÃO, os Serviços (Comércio e Serviços) participam com 68,2%, a Indústria, com 24,2%, e a Agropecuária, com 7,6% do Valor Adicionado total da RA.

Essa participação se altera quando se considera o valor adicionado fiscal, já que a arrecadação incide mais diretamente sobre a indústria. Segundo dados da Fundação Seade de 2009, em reais de 2011, o VAF regional foi de R$ 39,3 bilhões, tendo os Serviços contribuído com 54,5% (27,5% do Comércio e 27,0% dos Serviços), a Indústria com 40,2% e a Agropecuária com 5,3%. Os setores que mais contribuíram para o VAF total da região, em 2009, foram Produtos Alimentícios (23,1%), Comércio Varejista (15,8%), Comércio Atacadista (10,8%), Combustíveis (3,7%), Outros (3,4%), Material de Transporte – Montadoras e Autopeças (1,8%) e Produtos de Metal (1,1%).

De acordo com os dados de VAF, os municípios que mais contribuem para o total regional são: São José do Rio Preto (23,5%), Catanduva (7,7%), Ariranha (4,3%), Novo Horizonte (4,2%), Icém (3,7%), Votuporanga (3,5%), José Bonifácio (3,0%) e Mirassol (2,7%). A Indústria é o principal setor em Catanduva, Ariranha, Novo Horizonte, Votuporanga e Mirassol, enquanto que o Comércio é o setor com maior peso em São José do Rio Preto e José Bonifácio e os Serviços, em Icém. Desses oito municípios, somente Catanduva e Ariranha geram um VAF industrial superior ao do setor terciário.

Principais Atividades da RA de São José do Rio Preto, segundo Valor Adicionado Fiscal 2009

ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL ESTADUAL	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS
Indústria	**2,1%**	SJRio Preto,Catanduva,Ariranha,N.Horizonte,Votuporanga,Mte.Aprazível
Produtos Alimentícios	9,3%	Catanduva,Ariranha,N.Horizonte,Orindiúva,Mendonça,Planalto,J.Bonifácio,Paraíso
Combustíveis	1,6%	N.Horizonte,M.Aprazível,Sebastian.Sul,Fernandópolis,Tanabi,Urupês,Nhandeara
Móveis	16,5%	SJRio Preto,Mirassol,Val.Gentil,Jaci,Votuporanga,Guapiaçu,Fernandópolis,Tanabi
Mat.Transporte – Montadoras e Autopeças	0,6%	SJRio Preto,Votuporanga,Sta Fé Sul,Catanduva,Mirassol,Fernandópolis
Produtos de Metal	1,4%	SJRio Preto,Mirassol,Tanabi,Catanduva,Neves Pta.,J.Bonifácio,Macaubal
Máquinas e Equipamentos	0,7%	SJRio Preto,Pindorama,Bálsamo,Catanduva,Mirassol,Votuporanga
Vestuário e Acessórios	3,1%	SJRio Preto,José Bonifácio,Votuporanga,Sta Fé Sul,Mirassol,Tabapuã,Catanduva
Artigos de Borracha	2,4%	Jaci,Bálsamo,Guapiaçu,Cedral, Urupês,Bady Bassitt,Poloni,Mte Aprazível,Neves Pta.
Eletrodomésticos	2,8%	Catanduva, São José do Rio Preto
Bebidas	1,1%	Catanduva, São José do Rio Preto
Produtos Farmacêuticos	0,4%	São José do Rio Preto, Bady Bassitt
Equips.Méds.,Óticos,de Automação e Precisão	1,9%	São José do Rio Preto
Edição, Impressão e Gravações	0,8%	Catanduva,SJRio Preto,Votuporanga,Fernandópolis,Mirassol,Jales,Sta.Fé Sul
Produtos Químicos	0,2%	SJRio Preto,Catanduva,Fernandópolis, Votuporanga,Mirassol
Produtos de Plástico	0,5%	SJRio Preto,Cedral, Ipiguá,Fernandópolis,Mirassol,Catanduva,Votuporanga
Couros e Calçados	2,9%	Jales,Tanabi,Mirassol,SJRio Preto,Palestina,Catanduva,Votuporanga
Indústria – Minerais Não-Metálicos	0,5%	SJRio Preto,Votuporanga,Jales,Fernandópolis,Catanduva,Cedral,Bady Bassitt
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,6%	São José do Rio Preto, Catanduva, Fernandópolis
Comércio – Total	**2,6%**	SJRio Preto,Catanduva,Ariranha,N.Horizonte,J.Bonifácio,Votuporanga
Comércio Atacadista	2,2%	SJRio Preto,Ariranha,N.Horizonte,J.Bonifácio,Monções,Catanduva
Comércio Varejista	2,9%	SJRio Preto,Catanduva,Votuporanga,Fernandópolis,Mirassol,Jales
Serviços	**3,1%**	SJRio Preto,Ouroeste,Icém,Catanduva,Mirassol,Votuporanga,Fernandópolis,Jales

Fonte: Fundação Seade, 2009. Elaboração: SPDR/UAM.

Para o total do Estado, entre os setores econômicos, é a agropecuária que tem a maior contribuição (12,5%), seguida de serviços (3,1%), comércio (2,6%) e indústria (2,1%). Os segmentos que mais contribuem para o total estadual são os de Móveis (16,5%), Outros[47] (15,2%), Produtos Alimentícios (9,3%), Vestuário e Acessórios (3,1%), Couros e Calçados (2,9%), Comércio Varejista (2,9%), Eletrodomésticos (2,8%), Artigos de Borracha (2,4%) e Comércio Atacadista (2,2%).

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DA RA

De acordo com os dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, a RA de São José do Rio Preto vem sendo superavitária, no comércio exterior. Em 2009, suas exportações alcançaram US$ 1.045,5 milhões, enquanto suas importações foram de US$ 57,1 milhões, gerando um superávit de US$ 988,4 milhões.

As duas tabelas subsequentes referem-se, respectivamente, aos 40 primeiros produtos das listas dos principais produtos industriais exportados e importados pelos municípios da RA de São José do Rio Preto.

Principais Produtos Exportados pela RA de São José do Rio Preto em 2009

PRODUTOS	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS	US$ F.O.B.
ALIMENTÍCIOS		**798.784.928**
AÇÚCAR DE CANA	CATANDUVA, ORINDIÚVA, MENDONÇA, SEBASTIANÓPOLIS DO SUL, PARAÍSO, PONTES GESTAL, OUROESTE, SANTA ADÉLIA, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E ARIRANHA	369.947.520
CARNES DESOSSADAS, TRIPAS E MIÚDOS DE BOVINOS	JOSÉ BONIFÁCIO, ESTRELA D´OESTE, SANTA FÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	174.981.207
SUCOS DE LARANJAS	CATANDUVA	91.665.172
OUTS. AÇÚCARES DE CANA, BETERRABA, SACAROSE QUÍM.	CATANDUVA, PLANALTO, NOVO HORIZONTE, MONTE APRAZÍVEL	87.823.625
CAFÉ SOLÚVEL	CATANDUVA	31.368.061
ÓLEO DE AMENDOIM	CATANDUVA, PARAÍSO	20.636.637
PEDACOS E MIUDEZAS DE GALOS/GALINHAS CONGEL.	GUAPIAÇU	8.994.512
OUTROS EXTRATOS DE CAFÉ	CATANDUVA	8.087.009
CARNES DE OUTS. ANIMAIS, SALGADAS, SECAS	GUAPIAÇU	5.281.185
BIOCOMBUSTÍVEIS		**70.416.120**
ÁLCOOL ETÍLICO	SEBASTIANÓPOLIS, CATANDUVA, ORINDIÚVA, TANABI, PONTES GESTAL	70.416.120
MÓVEIS		**16.179.300**
OUTROS MÓVEIS DE MADEIRA	TANABI, JACI	16.179.300
PERFUMARIA E MEDICINAIS		**30.636.878**
OUTROS ÓLEOS ESSENCIAIS, DE LARANJA	CATANDUVA	11.483.902
SUBPRODS. TERPÊNICOS DE ÓLEOS ESSENCIAIS	CATANDUVA	9.607.322
MATÉRIAS VEGETAIS E DESPERD. DE OUTS. VEGETAIS	CATANDUVA	9.545.654
COURO		**6.987.654**
OUTROS COUROS BOVINOS	JALES	6.987.654
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS		**6.412.802**
OUTRAS MÁQUINAS E APARELHOS P/COLHEITA	PINDORAMA	6.412.802

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-MDIC. Elaboração: SPDR/UAM.

[47] Aqui, encontram-se registrados importantes segmentos industriais da região, como a fabricação de joias e de produtos médico-cirúrgicos e odontológicos.

A pauta das exportações da RA se destaca por produtos de alto conteúdo tecnológico, mas mostra a força de sua agroindústria, onde sobressaem os segmentos de fabricação de produtos alimentícios e biocombustíveis. Os principais municípios exportadores da região são, no geral, os fabricantes de produtos do setor sucroalcooleiro e de derivados da carne bovina, sucos de laranja, café, óleos vegetais etc., destacando-se Catanduva.

A Associação Comercial e Empresarial de São José do Rio Preto elenca, entre os principais produtos exportados do município, açúcar, suco de laranja, carne *in natura*, couro bovino, carne de frango, miudezas bovinas, granitos trabalhados, móveis, aparelhos para filtrar /depurar água e limão[48].

Principais Produtos Industriais Importados pela RA de São José do Rio Preto em 2009

PRODUTOS	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS	US$ F.O.B.
METAL-MECÂNICOS		**13.458.198**
CONSTRUÇÕES E PTES, CHAPAS ETC. DE ALUMÍNIO	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	4.843.108
MÁQS. E APARS. P/ BROCHURA/ENCADERNAÇÃO	CATANDUVA	1.836.514
APARELHOS P/ FILTRAR/DEPURAR ÁGUA/LÍQUIDOS	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1.345.219
MÁQS.FERRAM. A "LASER" P/CORTE CHAPA METAL	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1.178.487
LAMINADOS DE FERRO OU AÇO	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, BADY BASSITT	1.105.600
PTES. DE REBOQUES E SEMI-REBOQUES	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	889.928
OUTROS EIXOS E PTES. P/ VEÍCULOS AUTOMÓVEIS	PINDORAMA	608.532
PARTES DE OUTROS APARELHOS MECÂNICOS	CATANDUVA	573.632
RODA E ACESSÓRIOS P/ VEÍCS. AUTOMÓVEIS	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	544.310
TORNOS HORIZONTAIS P/ TRABALHAR METAIS	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	532.868
ALIMENTÍCIOS		**2.943.705**
LEITE INTEGRAL EM PÓ	CATANDUVA	2.383.060
ARROZ DESCASCADO	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	560.645
ELETRÔNICOS		**2.055.000**
APARS. DE DIAGNÓST. POR RESSONÂNCIA MAGN.	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	800.000
APARS. DE TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	700.000
APARS. DE RAIOS X, DE DIAGNÓST. P/ ANGIOGRAFIA	FERNANDÓPOLIS	555.000
QUÍMICOS		**1.960.185**
FLUORETO DE HIDROGÊNIO (ÁCIDO FLUORÍDRICO)	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1.364.974
SULFATOS DE CROMO	JALES	595.211
ARTIGOS PARA VIAGEM		**1.889.712**
MALAS, MALETAS E PASTAS DE OUTS. MATERIAIS	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1.889.712
PAPEL		**1.272.324**
OUTS. PAPÉIS/CARTÕES P/ESCRITA	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1.272.324
MATERIAL PLÁSTICO		**1.043.813**
TUBO CAPILAR DE POLIPROPILENO P/ HEMODIÁLISE	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	1.043.813
DIVERSOS		**1.907.032**
ARMAÇÕES DE METAIS COMUNS P/ ÓCULOS	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	854.774
MANTAS E COLCHÕES DE FIBRAS DE VIDRO	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	549.462
ARTIGOS E APARELHOS ORTOPÉDICOS	SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	502.796

Obs.: foram desconsiderados: o principal produto importado (galos e galinhas p/ reprodução) e o 6º e o 9º produtos (ovos de galinha p/ incubação), por serem produtos agropecuários.
Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-MDIC. Elaboração: SPDR/UAM.

As importações têm menor presença do que as exportações, referindo-se, em sua maioria, a produtos de conteúdo tecnológico e valores não muito elevados. As principais importações regionais concentram-

[48] ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Em: http://www.acirpsjriopreto.com.br/servicos/comercioExterior.aspx. Entrada em 20 de julho de 2012.

se, sobretudo, em produtos do setor metal-mecânico, seguidos de alguns produtos alimentícios, eletrônicos e produtos de material plástico para o polo médico de São José do Rio Preto, químicos, artigos para viagem, produtos de papel, entre outros.

ARRANJOS OU AGLOMERADOS PRODUTIVOS

Vários arranjos produtivos locais foram identificados, na região. Trabalho do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA[49] identificou os APLs de: aparelhos eletrodomésticos de Catanduva, onde destaca-se a produção de ventiladores de teto; artefatos de madeira e móveis de São José do Rio Preto; cabines e carrocerias para caminhões de Votuporanga; lapidação de pedras preciosas de São José do Rio Preto; luminárias e equipamentos de iluminação de São José do Rio Preto; e móveis de Votuporanga.

Por sua vez, trabalho da Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos Locais no Brasil-Redesist da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social-BNDES[50], elencou, na RA, como APLs apoiados, os de joias de São José do Rio Preto e de móveis de Mirassol e região, e como APLs identificados, mas não apoiados, os de confecções de modas infantil e de praia, cama e mesa de Novo Horizonte, cerâmica de José Bonifácio e tecnologia da informação de São José do Rio Preto.

Aqui, serão detalhados apenas os arranjos produtivos mais renomados da região, a saber, o de joias de São José do Rio Preto e os de móveis de Mirassol e Votuporanga.

- ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE JOIAS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

  Por encontrar-se localizada no Estado de São Paulo, o maior mercado consumidor do país, e achar-se próxima dos Estados produtores de ouro e gemas e de centros de lapidação, como Minas Gerais, São José do Rio Preto foi a cidade escolhida pela família de imigrantes italianos Carrazzone, para abrir uma oficina artesanal de joias. Em 1966, essa oficina seria transformada na primeira fábrica de joias da cidade e, em dez anos, já empregava mais de 50 oficiais na confecção das peças, particularmente anéis[51].

  Em pouco tempo, membros da família e ex-funcionários foram aprendendo o ofício e abrindo suas próprias oficinas, que se concentraram na produção de joias de ouro e joias de ouro com pedras, especialmente diamantes.

  A disseminação da atividade, contudo, trouxe alguns efeitos negativos, como a informalidade, a multiplicação de fábricas de fundo de quintal, a concorrência predatória e a produção de joias de menor qualidade, devido à ausência de mão-de-obra qualificada para segmentos específicos da atividade, como a fundição. Assim no início dos anos 1980, os empresários constituíram a

---

[49] SUZIGAN, WILSON (coord.) – Identificação, Mapeamento e Caracterização Estrutural de Arranjos Produtivos Locais no Brasil. Anexo Georreferenciamento dos possíveis APLs identificados no Estado de São Paulo. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Outubro de 2006.
[50] UFRJ/REDESIST – REDE DE PESQUISA EM SISTEMAS E ARRANJOS PRODUTIVOS E INOVATIVOS LOCAIS. Análise do Mapeamento e das Políticas para Arranjos Produtivos Locais no Brasil, Anexo 1 – Lista dos APLs Identificados e Apoiados. Apoio BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. 2009-2010.
[51] AJORESP – Associação dos Joalheiros Relojoeiros do Noroeste Paulista. JÓIA – Uma história de unidade e força em São José do Rio Preto. São José do Rio Preto – SP. Em http://www.ajoresp.com.br/polo.html. Entrada em 23 de maio de 2012.

Associação dos Joalheiros e Relojoeiros do Noroeste Paulista-Ajoresp, com o intuito de investir em organização e formalização e na profissionalização do trabalhador[52].

Segundo dados da FIESP de 2006, a metade das aproximadamente 150 indústrias do setor joalheiro de São José do Rio Preto integra a Ajoresp. As indústrias do setor são compostas, em sua grande maioria, por pequenas e médias empresas, responsáveis por cerca de 4.000 empregos diretos e Indiretos, ou 1% da população do município, e por quase 20% da produção nacional de joias de ouro, ficando atrás apenas do município de São Paulo.[53]

Em 2002, a Ajoresp firmou parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas- Sebrae, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo-Fiesp, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-Senac, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-Senai, o Centro São Paulo *Design* e o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais-IBGM, para desenvolver um projeto pioneiro no país, visando aumentar a competitividade do arranjo produtivo joalheiro, por meio de melhoria na produtividade e eficiência coletiva. Inicialmente, o projeto envolveu um grupo de 15 empresas que, em 2004, seria acrescido de dez novas empresas.

A escolha para desenvolver um projeto-piloto de competitividade no polo joalheiro de São José do Rio Preto deu-se pelo predomínio de empresas de pequeno porte, a existência de diferentes agentes da cadeia produtiva, a sua eleição como polo prioritário no âmbito do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade e a motivação dos agentes participantes de sua governança em transformá-lo em referência no mercado mundial de joias[54].

O projeto de desenvolvimento do APL visou a construção de estratégias competitivas de curto, médio e longo prazos para as empresas componentes, buscando aumentar a inovação, em especial na área do *design* de joias, valorizar o trabalho em equipe e identificar o potencial de crescimento do polo e de cada empresa componente, trabalhando toda a cadeia de valor do produto, desde a matéria-prima, passando pela logística de distribuição desta e do produto acabado, a industrialização, a comercialização, os pontos de venda, até chegar ao consumidor final.

O trabalho começou com a mobilização e o engajamento de um grupo piloto, cujos resultados foram, posteriormente, aplicados às demais empresas do APL. Num segundo momento, foram realizados o diagnóstico dos processos e da gestão empresarial e o mapeamento de cada empresa, sendo feitas intervenções individuais com consultores especializados, visando a melhoria dos processos e o aumento da competitividade de cada empresa, além da capacitação de funcionários e empresários. A seguir, foi implementado o Plano de Ação Estratégica-PAE, onde as empresas construíram a visão de futuro de seus negócios.

Sete meses depois da implementação do projeto, já se verificava um aumento de 42,2% na produtividade, medida através da variação do indicador de Valor Agregado por Pessoal Ocupado-VA/PO, e de 24% no faturamento das empresas[55]. Verificou-se, ainda, o crescimento da oferta de empregos, a participação em feiras, inclusive na Feira Internacional de Joias-FENINJER, o aumento das vendas, a adequação do mix de produtos às necessidades dos clientes e a cada canal de distribuição (atacado, varejo e autônomos), a diminuição do prazo de entrega dos pedidos, a

[52] Id. *Ibd.*
[53] FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. O Arranjo Produtivo de Jóias de São José do Rio Preto. DECOMTEC - Departamento de Competitividade e Tecnologia, Maio de 2006.
[54] Id. *Ibd.*
[55] Id. *Ibd.*

introdução de controle de qualidade e de planilha de custos, a incorporação de inovações tecnológicas, a organização do Concurso da Coroa do Centenário de Nossa Sra. Aparecida e a confecção por empresa do APL da peça vencedora, além da capacitação e a formação da mão-de-obra específica para o setor.

Para incorporar novas tecnologias, em julho de 2003, uma comitiva seguiu para a Feira de Vicenza, na Itália, visando estabelecer o intercâmbio nas áreas de *design*, tecnologia, maquinários e equipamentos. Vários pontos foram assimilados pelo arranjo produtivo, como a necessidade de contratação de profissional do *designer*, agregando valor ao produto e criando uma identidade para a empresa, e a disponibilidade de produtos para a pronta-entrega.

O Sebrae apoia o APL com o *Projeto Comprador*, que traz clientes de toda a América Latina para as feiras de joias, como a "Ajoresp Brasil Show" – que ocorre em Campinas, para ficar próxima da capital, do mercado consumidor e das malhas aérea e viária e receber compradores de todo o país e do exterior – e a Feira de Joias de São José do Rio Preto.

Como consequência do APL, surgiu a idéia de implantação de um condomínio. Em 2003, foi organizada comissão integrada por representantes da Ajoresp, Sindijoias, Prefeitura, Fiesp e Sebrae, para conhecer na cidade de Marcianise, na Itália, uma das únicas iniciativas de condomínio joalheiro existentes no mundo. A partir daí, o Sebrae iniciou os estudos de viabilidade para a implantação do condomínio e a Ajoresp se responsabilizou pelas contrapartidas. Assim, iniciou-se a construção do condomínio do Polo Joalheiro, em uma área de propriedade da Ajoresp de 78 mil metros^2, no Distrito Industrial Ulysses Guimarães, próximo à rodovia Washington Luiz. O condomínio terá laboratório, central de prototipagem, central de fundição, central de compras de insumos, auditório com 400 lugares e centro de exposição permanente, contando com moderna tecnologia em relação à atividade produtiva, à segurança e à preservação do meio-ambiente[56].

O polo de São José do Rio Preto será o primeiro em funcionamento em todo o Brasil. Além dele, existem apenas os polos joalheiros de Marcianise, na Itália, e de Córdoba, na Espanha. Inicialmente, 36 empresas deverão fazer parte do condomínio, devendo esse número chegar a 50 empresas formais[57].

A proximidade física das empresas possibilitará o compartilhamento de critérios de gestão, equipamentos, espaços comuns para a promoção de cursos, treinamentos e palestras, reduzindo custos e aprimorando os processos voltados à melhoria da qualidade[58]. Suas metas são as de levar as joias de Rio Preto para o mercado internacional, adensar a cadeia produtiva e gerar condições para o desenvolvimento contínuo da competitividade. O alvo é torna-lo, num curto prazo, uma referência no mercado mundial de joias[59].

- APLS DE MÓVEIS DE MIRASSOL E DE VOTUPORANGA

De acordo com dados da RAIS de 2008, a RA possuía 86 estabelecimentos formais fabricantes de produtos de madeira e 520 indústrias fabricantes de móveis (móveis com predominância de

[56] Id. *Ibd.*
[57] DIÁRIO WEB SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Licença ambiental faz polo joalheiro avançar. 27 de junho de 2012.
[58] AJORESP – Associação dos Joalheiros Relojoeiros do Noroeste Paulista. Op.cit.
[59] Id. *Ibd.*

madeira, móveis com predominância de metal, móveis com predominância de outros materiais e fabricação de colchões), empregando, respectivamente 887 e 10.622 pessoas. Esses segmentos responderam, nesse ano, por 2% do total de empresas e 6% do total do pessoal ocupado na região.

Mirassol e Votuporanga destacam-se como principais polos da indústria moveleira do noroeste do Estado, concentrando cerca de 14% dos estabelecimentos moveleiros paulistas e 19% dos empregos ocupados na indústria de móveis do Estado e apresentando grande concentração de pequenas e médias empresas.

A cadeia produtiva de móveis de madeira tem como principais elos a montante das florestas nativas e plantadas, que fornecem matéria-prima para as serrarias e indústria de painéis, e a própria indústria madeireira, que processa a matéria-prima e a transforma em produtos intermediários: madeira maciça (serrada ou torneada, verde ou seca ao ar ou em estufa) e painéis (chapas de madeira compensada, madeira aglomerada, chapas de fibras duras e MDF-*medium density fiberboard*). Outras indústrias fornecedoras de primeira geração são: a química/petroquímica, que fornece resinas, adesivos, tintas, vernizes e plásticos; a metalúrgica, que fornece aço plano e tubular, além de puxadores, dobradiças e corrediças; a de vidros; e as indústrias têxteis e de couros, que fornecem materiais para o recobrimento de móveis. A jusante, são encontrados desde pequenas lojas comerciais até grandes magazines, como Casas Bahia, Lojas Cem e Magazine Luiza.

A margem de lucro dessa indústria, em geral, é reduzida, em função da oligopolização dos setores das empresas fornecedoras (de chapas, principalmente) e das empresas clientes, distribuidoras dos móveis. Como o setor da indústria de transformação de móveis caracteriza-se pela presença de numerosas pequenas e médias empresas, a assimetria econômica que se estabelece nas relações comerciais da cadeia é quase sempre desfavorável às empresas moveleiras.

- ARRANJO PRODUTIVO DE MÓVEIS DE MIRASSOL

Existem poucos registros referentes à origem da indústria moveleira de Mirassol, aparecendo a primeira empresa em 1927 e a instalação de novas indústrias do setor, nos anos 40. A partir da década de 70, o polo foi marcado pela atuação de três grandes empresas tecnologicamente mais avançadas (Fafá, 3D e Casa Verde), ao lado das quais foram surgindo várias pequenas e médias empresas, criadas, em sua maioria, por antigos empregados das três indústrias líderes.

O APL de Móveis de Mirassol e Região abrange 16 municípios: Ariranha, Bady Bassit, Bálsamo, Catanduva, Cedral, Guapiaçu, Ibirá, Jaci, Mirassol, Mirassolândia, Neves Paulista, Nova Granada, Olímpia, Potirendaba, São José do Rio Preto e Uchôa. Neles, segundo dados de 2007, existem 277 empresas fabricantes de móveis, que ocupam 7.227 pessoas. A maioria fabrica móveis com predominância de madeira (82,3%), seguida das empresas que fabricam móveis com predominância de metal (11,9%), móveis de outros materiais (3,6%) e colchões (2,2%). Do total de empresas, 76,5% são microempresas, 22,4% são de pequeno porte e 2,2% são de médio porte[60].

[60] MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. Plano de Desenvolvimento Preliminar - APL de Móveis de Mirassol e Região, 2007.

As empresas do APL de Mirassol são familiares e têm como característica marcante a grande verticalização do processo produtivo, onde convivem, na mesma unidade fabril, inúmeros processos tecnológicos e uma grande variedade de produtos.

As empresas do polo concentram-se na produção de móveis residenciais de madeira, sendo que as grandes e médias empresas atuam, predominantemente, no segmento de móveis retilíneos seriados, enquanto as pequenas atuam, no geral, na produção de móveis torneados de madeira maciça, muitos sob encomenda[61].

Os produtos das indústrias de móveis são, no geral, de MDF e em série, abrangendo racks, estantes, estofados, colchões, dormitórios, salas de jantar, poltronas decorativas etc., produzidos para todo o Brasil e para países da América do Sul, América Central, Estados Unidos, África e Oriente Médio. Cerca de 50% dos municípios do polo exportam móveis, especialmente Catanduva, Olímpia e São José do Rio Preto[62].

No APL, encontram-se praticamente todos os elos da cadeia produtiva de móveis de madeira, com exceção das empresas de painéis de madeira e de fabricantes de tintas e vernizes (embora estas últimas possuam escritórios comerciais na localidade). Estão presentes, portanto, as empresas moveleiras, algumas empresas fabricantes de máquinas e equipamentos para a produção dos móveis, várias unidades fabris responsáveis pela fabricação de partes e componentes dos móveis e também muitas empresas que se prestam à terceirização de fases do processo produtivo, sobretudo às atividades de corte, furo e colagem dos painéis de madeira e de outras atividades que quebram o ritmo da produção, por serem atividades mais demoradas.

O arranjo produtivo é composto, principalmente, por micro, pequenas e médias empresas. Nos últimos anos, o número de microempresas cresceu de forma acentuada, absorvendo processos das médias empresas, embora, no geral, as empresas ainda possuam um alto grau de verticalização da produção.

Em 2002, gerenciado pelo Sebrae e Fiesp e patrocinado pelo Banco Bradesco, foi dado início ao projeto APL, cujo grupo piloto participante foi composto por empresas pertencentes ao Sindicato da Indústria do Mobiliário de Mirassol-SIMM, importante ator na governança do arranjo produtivo.

Em 2003, foi iniciada a primeira fase dos trabalhos com 13 integrantes do APL de móveis de Mirassol, onde foram buscadas alternativas de curto prazo e de custos baixos, através de ações cooperadas, participação conjunta em feiras setoriais, compras compartilhadas, visitas técnicas entre as empresas e vendas de excedentes de produção de uma fábrica para outra. Ainda, ocorreram reuniões de empresários, *workshops* e palestras (sobretudo sobre *design*), cursos sobre sucessão empresarial, visão e planejamento estratégicos, alavancagem tecnológica, preparação para exportação, gestão de produção, consultorias, visitas técnicas etc.

Após as conquistas obtidas nessa fase, as empresas voltaram-se às ações estratégicas, onde foram identificados os nichos de mercado e o tipo de consumidor que se pretendia atingir.

---

[61] Id. *Ibd.*
[62] Id. *Ibd.*

Na segunda fase, iniciada em 2005, 13 novos participantes integraram-se aos 13 da fase 1. Nela, os empresários participaram de reuniões, convenção de representantes comerciais, *workshop* comportamental, cursos e oficinas, missões nacionais e internacionais, salão de *design* na Feira de Móveis do Interior-Movinter de 2006, palestras, além de uma média de 230 horas de consultoria por empresa. Em 2005, foi constituído o Grupo Exportador de Móveis da Região de Mirassol-GEMM, associado ao SIMM, formado por 13 indústrias moveleiras. Desde então, o GEMM participa do Projeto *Brazilian Furniture*, criado em 1998 pela Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário-Abimóvel em parceria com a Agência de Promoção de Exportações-APEX.

A fase 3 contou com mais 20 empresas e foi marcada pelo convênio do Sebrae de São José do Rio Preto com o SIMM, através do qual foram realizadas oficinas de cooperação e de planejamento participativo, diagnóstico empresarial do grupo piloto do APL, palestras gerenciais e missões nacionais e internacionais. Além dos parceiros, o projeto contou com a contratação de prestadores de serviço e de consultorias de renome, destacando-se: o Senai-SP, para treinamento e consultoria em qualidade, processos e tecnologia; a Universidade de Campinas UNICAMP, para o diagnóstico e as propostas para a cadeia produtiva local; e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas-IPT, para o diagnóstico e propostas de inovação tecnológica.

A partir de 2007, a FIESP iniciou nova fase do projeto APL, via convênio com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior-MDIC, onde passou a ter papel de articuladora institucional, através da entidade patronal local, para promover a relação de interlocução entre os diversos atores locais e regionais como o poder público, instituições de fomento, instituições de pesquisa e ensino, empresas privadas, Sistema S e sociedade civil organizada.

Os principais atores envolvidos na governança do arranjo produtivo são: o SIMM; a Associação Industrial de Mirassol-ASSIMI; o Senai – SP, através do Centro Tecnológico de Formação Profissional da Madeira e do Mobiliário-Cemad de Votuporanga; o Sebrae de São José Rio Preto e Mirassol; a Fiesp; e a Prefeitura Municipal de Mirassol. A ASSIMI e o SIMM são os principais articuladores com as empresas integrantes do APL, governos e outras entidades, enquanto que Senai e Sebrae são os parceiros de apoio técnico e a Fiesp a entidade articuladora institucional. Outras entidades que têm dado apoio ao desenvolvimento do arranjo produtivo são a Prefeitura de Mirassol, o MDIC; a Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia-SDCT do Estado de São Paulo; a Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário-Abimóvel; e a Associação Brasileira de Desenvolvimento Industrial-ABDI.

O projeto APL de Móveis de Mirassol e Região, que tinha como objetivo elevar a produtividade média das empresas em 10%, entre abril de 2005 e março de 2007, alcançou um aumento de 17,1% em média, nesse período.

- ARRANJO PRODUTIVO DE MÓVEIS DE VOTUPORANGA

A região de Votuporanga abriga um dos mais importantes polos moveleiros do país. Sua origem data dos anos 40 e 50, quando surgiram as primeiras serrarias – após a derrubada da mata nativa, para dar lugar à agricultura, especialmente a cultura do café –, passando a suprir a demanda de artefatos de madeira surgida com o desenvolvimento agrícola.

Com o esgotamento da lavoura cafeeira, nos anos 70 e 80, a indústria de transformação e a indústria moveleira regionais configuraram-se como uma oportunidade de fixação da população expulsa do campo, nas cidades.

No final da década de 1970 e início dos anos 80, a aglomeração das indústrias de móveis de Votuporanga começou ganhar densidade, devido a políticas municipais de incentivos fiscais do Plano de Amparo e Incentivo Industrial de Votuporanga-PLAMIVO e a ações da Associação Industrial da Região de Votuporanga-AIRVO, dando origem às primeiras formas de sinergia local e à formação do aglomerado. Nesse período, devido à baixa incorporação tecnológica no processo produtivo das empresas, a maior indústria da região contratou consultorias externas, para difundir inovações organizacionais no aglomerado. Duas dezenas de empresas moveleiras se associaram ao projeto Polo – Interior Paulista *Design*-IPD, criado com o objetivo de construir vantagens competitivas[63].

O APL de Móveis de Votuporanga abrange 27 municípios: Álvares Florence, Américo de Campos, Buritama, Cardoso, Cosmorama, Estrela d'Oeste, Fernandópolis, Floreal, Gastão Vidigal, Jales, José Bonifácio, Macaubal, Macedônia, Meridiano, Monções, Monte Aprazível, Nhandeara, Palmeira d'Oeste, Planalto, Santa Fé do Sul, Sebastianópolis do Sul, Tanabi, Três Fronteiras, Turiúba, Urânia, Valentim Gentil e Votuporanga.

Segundo publicação do Sebrae de 2008, o polo de Votuporanga abriga aproximadamente 350 empresas moveleiras, das quais 170 encontram-se no município de Votuporanga. A empresa mais antiga tem apenas 35 anos de existência e a média de idade do conjunto das empresas é inferior a dez anos. Relativamente recente, esta indústria logrou um peso significativo na região, empregando mais de seis mil pessoas e envolvendo cerca de 50% das atividades econômicas dos municípios[64].

A maioria das empresas do polo de Votuporanga está voltada à produção de móveis residenciais de madeira. Neste segmento, atuam dois grupos de empresas: duas grandes/médias empresas, com destaque para a Davanço, que produzem móveis retilíneos com painéis de madeira, e um grupo expressivo de pequenas e médias empresas, que produzem móveis torneados a partir de madeira maciça. Verifica-se, também, a importante participação das empresas produtoras de móveis estofados e, nos últimos anos, de forma crescente, de fabricantes de móveis metálicos ou tubulares[65].

No APL, 76,9% das empresas são microempresas, 21,7% são empresas de pequeno porte e 1,4% são empresas de médio porte. As cidades que mais empregam na fabricação de móveis são Votuporanga, Valentin Gentil, Tanabi e Fernandópolis, concentrando aproximadamente 92% do total do pessoal ocupado no setor[66].

As indústrias produzem móveis com predominância em MDF e em série, como racks, estantes, estofados, colchões, dormitórios, salas de jantar e poltronas decorativas para todo o Brasil. No

[63] MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. Plano de Desenvolvimento Preliminar. APL de Móveis de Votuporanga e Região, 2007. (Documento produzido coletivamente pelos atores locais dos arranjos produtivos, sob a coordenação da governança do APL, que também é responsável pelo seu encaminhamento à instância responsável no Estado por sua análise e distribuição a instituições de apoio).

[64] SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Móveis de Cozinha. Estudos de Mercado. SEBRAE/ESPM. Relatório Completo, 2008.

[65] Id. *Ibd.*

[66] MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. Op. Cit.

APL de Móveis de Votuporanga, encontram-se, praticamente, todos os elos da cadeia produtiva de móveis de madeira, exceto empresas de painéis de madeira e fabricantes de tintas e vernizes, embora essas últimas possuam escritórios comerciais na localidade. Estão presentes, portanto, as empresas industriais moveleiras, algumas empresas fabricantes de máquinas e equipamentos para a produção dos móveis, várias unidades responsáveis pela fabricação de partes e componentes dos móveis, além de empresas terceirizadas, que executam as atividades de corte, furo e colagem dos painéis de madeira e outras atividades mais demoradas, que quebram o ritmo da produção[67].

O associativismo das empresas moveleiras veio se formando ao longo do tempo, tendo sido uma questão de sobrevivência, durante a crise dos anos 90, que as encontrou produzindo sem tecnologias modernas ou *design*, com administração antiquada e redução da liquidez, dado o Plano Collor. Diante dos obstáculos, um grupo de empresários ligados à AIRVO empenhou-se em reverter as dificuldades, buscando, na forma coletiva, a melhoria da eficiência e da competitividade.

Assim, durante a década de 90, ocorreu um movimento de articulação e de transformações nas interações entre firmas, acentuando o caráter de interdependência e o posicionamento frente ao mercado, levando à cooperação e à geração e difusão de inovações. Em 1992, com o apoio da AIRVO e parceira do Sebrae-SP, foi criado o Polo de Desenvolvimento Moveleiro da Região de Votuporanga, denominado comercialmente como "Interior Paulista *Design*-IPD". A coordenação da AIRVO foi fundamental para a adesão dos empresários ao projeto, a implementação de ações coletivas e o alicerce da estrutura de governança do APL. Nesse período, a AIRVO, o Sindicato das Indústrias do Mobiliário-SINDIMOB, a Fundação Educacional de Votuporanga-FEV e a Prefeitura Municipal de Votuporanga se uniram para formar um Centro de Tecnologia voltado ao atendimento das necessidades da indústria regional.

Em 1994, formou-se o grupo de Qualidade Total, orientado pelo Sebrae-SP, que, num curto prazo e aliado a projetos de consultorias, logrou mudança no patamar da produção e da produtividade, em termos quantitativos e qualitativos. O projeto ISO-9000, voltado inicialmente para 24 empresas, teve aporte de recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, via projeto Programa de Apoio Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas-PATME. Em agosto de 1999, cinco empresas do polo moveleiro receberam o selo ISO 9000, sendo as primeiras do setor a receber essa certificação no Estado.

Em 1999, foi assinado convênio entre a Fundação Votuporanguense de Educação e Cultura-FUVEC, entidade instituída pela Prefeitura de Votuporanga, a FEV e a AIRCO com o Ministério da Educação, para a liberação de recursos para a construção do Centro Tecnológico de Formação Profissional da Madeira e do Mobiliário de Votuporanga, através do Programa de Reforma da Educação Profissional-PROEP[68].

Inaugurado em 2001, o CEMAD é o terceiro centro de especialização de mão-de-obra em *design* de mobiliário do país, executando atividades de apoio técnico, treinamento e formação de mão-de-obra , além de ensaios e testes de laboratório em madeira e derivados. Juntamente com outros organismos educacionais, como o Senai e a Faculdade de Tecnologia da Produção Moveleira,

[67] Id. *Ibd.*
[68] Id. *Ibd.*

constitui peça chave na qualificação da mão-de-obra de toda a cadeia produtiva do setor moveleiro.

Em 2001, foi firmado convênio da FUVEC com a Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério de Ciência e Tecnologia-FINEP, para criação do Núcleo de *Design* e Desenvolvimento de Novos Produtos, para melhorar a qualidade dos produtos de várias empresas. Em 2003, foi criado e implantado o projeto de exportação EXPAM, que permitiu a várias empresas o acesso ao mercado internacional.

Em maio de 2006, a AIRVO e o grupo de empresários do Projeto Comprador do *Brazilian Furniture* da Apex Brasil e da Abimóvel promoveram a primeira Rodada Internacional de Negócios do Mobiliário do Polo Moveleiro de Votuporanga, onde 14 empresas receberam importadores do Chile, Equador, Peru, Uruguai, Colômbia, Ilhas do Caribe e Angola. O Projeto *Brazilian Furniture*, através do Projeto Comprador, que convida importadores de todo o mundo para rodadas internacionais de negócios e envolve a participação em feiras internacionais, dinamizou as exportações do setor, que chegaram a América do Sul, América Central, Estados Unidos, África e Oriente Médio. Como exemplo, em 2006, três empresas do arranjo produtivo participaram da *Índex* Dubai, a maior feira do mobiliário do Oriente Médio e da Ásia[69].

Em 2007, convênio do Sebrae – ER Votuporanga com a AIRVO daria início ao Projeto APL, com o propósito de desenvolver e promover a integração das empresas moveleiras do Noroeste Paulista, através do associativismo, capacitação, qualificação e inclusão social. O projeto teve início com atividades de sensibilização e mobilização das empresas e parceiros e um grupo-piloto constituído por 18 empresas. Os principais parceiros do arranjo produtivo são a Prefeitura Municipal de Votuporanga, o Senai, o Sebrae e instituições de ensino e pesquisa como a FUVEC. Em março de 2007, foram realizadas a "Oficina de Cooperação" e a "Oficina de Planejamento Participativo"[70].

A Governança do APL de Móveis de Votuporanga e Região envolve: a AIRVO/SINDIMOB, os principais articuladores de empresas integrantes do APL, governos e outras entidades; o Senai, o Cemad e o Sebrae, os parceiros de apoio técnico; a Fiesp, a entidade articuladora institucional; e a Prefeitura de Votuporanga.

Através de convênio com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, a partir de agosto de 2007, a Fiesp iniciou seus trabalhos junto ao arranjo produtivo de Móveis de Votuporanga como articuladora institucional, via entidade patronal local, ou seja, a AIRVO, promotora da interlocução entre os diversos atores locais e regionais como o poder público, instituições de fomento, instituições de pesquisa e ensino, empresas privadas, Sistema S e sociedade civil organizada.

A partir de diretrizes do Grupo de Trabalho Permanente-GTP-APL do MDIC, de metodologia da Fiesp e das demandas definidas localmente pelos empresários, entidades patronais, Senai, Sebrae e Prefeitura Municipal, foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Preliminar do APL de Móveis de Votuporanga, constando os desafios e oportunidades do setor e do polo, as ações que estão sendo planejadas e operacionalizadas com vistas a transformar oportunidades em investimentos, além

[69] Id. *Ibd.*
[70] Id. *Ibd.*

dos investimentos necessários para que os resultados sejam orientados para o desenvolvimento sustentável das localidades e suas microrregiões.

O Projeto APL ainda conta com a colaboração, no âmbito estadual, da Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia e suas instituições de ensino e pesquisa, que incluem a FAPESP, as universidades estaduais (USP, UNESP, UNICAMP), o Centro Paula Souza com suas escolas técnicas e faculdades de tecnologia e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, e, no âmbito nacional, da Abimóvel e da ABDI[71].

CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA E DOS SERVIÇOS DA RA

A consolidação da RA Preto como importante produtora de diversos produtos agropecuários, inclusive das principais culturas exportáveis do país, propiciou o surgimento de uma forte agroindústria, cuja produção se encadeia às atividades primárias.

Assim, a região produz açúcar e álcool a partir da cana-de-açúcar, sucos com produtos cítricos, óleos vegetais a partir do algodão, do amendoim e do milho, produtos derivados do processamento avícola e da carne bovina, café solúvel etc., dando destaque, na indústria regional, às divisões de produtos alimentícios, combustíveis e bebidas. Ainda, em sua agroindústria, encontram-se artigos de borracha produzidos a partir do látex, móveis de madeira, produtos de couros e calçados, óleos essenciais de laranja, produtos têxteis, entre outros, cujas atividades colocam-se entre as mais relevantes da região e cujos produtos compõem a pauta dos principais produtos exportados pela RA. As fabricações de produtos alimentícios e de móveis da região representam importante parcela da respectiva produção do Estado.

A base agropecuária induziu, também, a produção de insumos agrícolas e de máquinas e implementos agrícolas, dando destaque aos segmentos de fabricação de produtos de metal e de máquinas e equipamentos.

Embora venham crescendo alguns ramos metal-mecânicos – inclusive de material de transporte –, químicos, de material elétrico e de comunicações, os segmentos tradicionais têm maior projeção na indústria regional.

A RA possui várias indústrias de pequeno porte, algumas das quais se configuraram como arranjos produtivos locais, com relevante participação nos contextos estadual e nacional e importante contribuição para a geração de emprego e renda regional, como os de joias de São José do Rio Preto e móveis de Mirassol e Votuporanga.

Distante da Capital e dos principais centros paulistas, a RA desenvolveu, particularmente no município-polo de São José do Rio Preto, as atividades urbanas e terciárias demandadas pela população e pelas empresas da região. Assim, São José do Rio Preto polariza municípios da RA e de regiões vizinhas, ofertando a eles atividades comerciais e serviços pessoais e de apoio às empresas. Centro de referência educacional e médico-hospitalar, o município-polo destaca-se não apenas por sua rede de serviços educacionais e de saúde como pela fabricação de produtos médico-cirúrgicos, odontológicos e farmacêuticos.

---

[71] Id. *Ibd.*

A RA possui grande potencial turístico, especialmente pela presença da Região dos Grandes Lagos e das estâncias turísticas de Ibirá e Santa Fé do Sul.

DESEMPENHO ECONÔMICO, 1996 a 2008

A avaliação do desempenho econômico regional baseia-se no estudo do comportamento do PIB municipal, ao longo do período de 1996 a 2008, a partir da taxa média geométrica de crescimento anual do PIB (em %) e da metodologia proposta por Azzoni[72] que possibilita a identificação de municípios dinâmicos, estagnados e daqueles que acompanharam o ritmo de crescimento do conjunto do Estado[73].

O intuito é obter uma análise mais completa, uma vez que a metodologia adotada evita que municípios menores e mais pobres, com um pequeno incremento no PIB, apresentem crescimento muito elevado, problema geralmente encontrado em estudos que utilizam apenas a taxa geométrica de crescimento anual[74].

A taxa média geométrica de crescimento anual do PIB, por sua vez, capta o crescimento dos municípios maiores e mais ricos que, em geral, na metodologia de Azzoni, sempre estão entre aqueles com maior PIB, de modo que não lhes é possível migrar para um grupo mais rico, o que configura o dinamismo na metodologia proposta.

Em seu conjunto, a RA apresentou uma taxa média geométrica de crescimento anual do PIB (3,77%), bastante próxima da média estadual (3,58%), o que se repete no relativo equilíbrio da participação de municípios classificados como dinâmicos (35,9%), estagnados (33,7%) e daqueles que acompanharam o crescimento do conjunto do Estado (30,4%) na região.

Dentre os municípios da RA que apresentaram dinamismo, destacam-se aqueles com taxas de crescimento do PIB superiores a 7,0% ao ano: Ariranha, Bady Bassitt, Cedral, Estrela d'Oeste, Guapiaçu, Jaci, Marapoama, Onda Verde, Pontes Gestal, Santa Fé do Sul e Ubarana. De modo geral, o dinamismo econômico destes municípios esteve atrelado às principais características da estrutura econômica da RA, baseada na agroindústria e na integração entre os setores primário e secundário, e ao surgimento de novas atividades.

Em Ariranha, Marapoama, Onda Verde, Pontes Gestal e Ubarana, o desempenho econômico positivo deve-se, sobretudo, a expansão substancial do complexo agroindustrial da cana-de-açúcar. Já nos anos 1990, começaram a ser instaladas usinas e destilarias autônomas, na região São José do Rio Preto e Araçatuba, que deram início a uma produção crescente, apesar das indefinições quanto ao papel do álcool naquele período[75]. Elas beneficiaram-se do contexto positivo, iniciado na década de 2000,

---

[72] AZZONI, Carlos Roberto. Identificação Empírica de Áreas Dinâmicas, Áreas Estagnadas e Áreas em Retrocesso: Possível Alternativa Metodológica. Ciclo de Seminários - Políticas Públicas em Debate. São Paulo: Fundap, 27 de junho de 2008.

[73] Todos os valores referentes ao PIB, apresentados nesta seção, estão expressos segundo preços de 2000, ajustados pelo Deflator Implícito do PIB Nacional, conforme disponibilizado no site www.ipeadata.gov.br.
Importante ressaltar que a série histórica do PIB, utilizada neste estudo, tem algumas ressalvas por iniciar-se em 1996. A atual série oficial do PIB dos municípios brasileiros, calculada pelo IBGE em parceria com as instituições estaduais de estatística (em São Paulo, com a Fundação Seade), inicia-se em 1999. Como sua metodologia sofre freqüentes mudanças, cada vez que isso ocorre, os dados pretéritos do PIB são recalculados, de modo a permitir sua comparabilidade temporal.

[74] AZZONI, op. cit.

[75] VIAN, Carlos E.F.; BELIK, Walter. Os desafios para a reestruturação do complexo agroindustrial canavieiro do Centro-Sul. ECONOMIA, Niterói (RJ), v. 4, n. 1, p. 153-194, jan./jun. 2003.

relacionado à maior demanda e à elevação do preço do açúcar no mercado mundial, à busca por fontes limpas de energia, à possibilidade de cogeração de energia elétrica a partir do bagaço e da palha da cana-de-açúcar e ao crescimento do consumo interno de álcool, desde 2003, com introdução dos carros *flexfuel* no Brasil. Além disso, a elevação do preço do petróleo e a crise energética têm incentivado o aumento da produção de etanol.

Estudos que analisam a distribuição da produção de açúcar e álcool nas regiões do Estado confirmam este quadro e apontam o crescimento expressivo da produção em áreas consideradas não tradicionais nesta cultura, como o oeste e o noroeste do Estado, onde se localiza a RA, em simultâneo ao adensamento da produção nas regiões pioneiras, como Ribeirão Preto[76]. Sua expansão nas regiões não tradicionais foi favorecida pela presença de terras disponíveis para produção, conforme destacado no item AGROPECUÁRIA deste estudo, e pela melhoria da infraestrutura de transporte, que facilitou o condução da produção até as usinas, as refinarias e o porto de Santos.

Os estudos destacam ainda que o movimento acentuado de instalação de destilarias e usinas, nas diversas regiões do Estado, favoreceu o crescimento do emprego[77] e das economias locais[78]. Isso ocorre porque o complexo agroindustrial da cana-de-açúcar tem elevado potencial de geração de empregos industriais e agrícolas[79] o que alimenta a demanda agregada local e dinamiza a economia do município como um todo. Ademais, a utilização de inúmeros serviços de apoio às atividades da usina (manutenção, assistência técnica, informática, segurança) e de serviços urbanos por seus trabalhadores também estimula a expansão do emprego e das atividades do setor terciário.

Outro fator de relevância para explicar o dinamismo econômico resultante da instalação de usinas e destilarias nos municípios deve-se ao arrendamento de terras e à compra da cana-de-açúcar de produtores independentes. Neste último caso, o processo ocorre mediante contratos que podem envolver o financiamento dos custos de implantação da cultura e dos custos de produção, para pagamento posterior em produto[80]. O arrendamento das terras e a compra da cana de produtores independentes representam a entrada de recursos adicionais na economia municipal e, portanto, um estímulo ao dinamismo local.

Os municípios de Bady Bassit, Cedral e Guapiaçu, por sua vez, tiveram seu dinamismo econômico fortemente relacionado à participação e à interação na Aglomeração Urbana de São José do Rio Preto, como mostra a seção REDE URBANA do presente estudo.

[76] CHAGAS, André Luis Squarize; TONETO Jr, Rudinei; AZZONI, Carlos Roberto. A expansão da cana-de-açúcar e seu impacto nas receitas municipais: uma aplicação de painéis espaciais dinâmicos para municípios do estado de São Paulo. In: SOBER-Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009, Porto Alegre. Anais... XLVII Congresso SOBER-Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009. Ver também OLIVETTE, Mário Pires de Almeida; NACHILUK, Kátia; FRANCISCO, Vera Lúcia Ferraz dos Santos. Análise comparativa da área plantada com cana-de-açúcar frente aos principais grupos de culturas nos municípios paulistas, 1996-2008. Informações Econômicas, SP, v.40, n.2, fev. 2010.

[77] Vale lembrar que sua maior parte, no estado de São Paulo, é de trabalhadores formais. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no Estado de São Paulo, o maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil, a formalização passou de 80,4%, em 1992, para 93,8%, em 2005. Ver MORAES, Márcia Azanha Ferraz Dias. Indicadores do Mercado de Trabalho do Sistema Agroindustrial da Cana-de-Açúcar do Brasil no Período 1992-2005. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 875-902, out-dez. 2007.

[78] VIAN, C.E.F.; BELIK, W., op. cit.

[79] Sobre o emprego agrícola na lavoura canavieira, vale destacar que a mecanização crescente da colheita e, portanto, da redução da demanda por trabalhadores, representa muito mais uma predominância da demanda por mão de obra mais especializada (tratoristas, operadores de máquinas, motoristas, técnicos, engenheiros agrônomos, etc.) e uma queda no contingente de migrantes sazonais ocupados nesta tarefa, do que uma diminuição dos postos de trabalho para a população local. No estado de São Paulo, 100% do cultivo, do carregamento e do transporte cana são mecanizados, enquanto, na colheita, a mecanização é de 35%, e, ainda assim, é relevante o a despeito da mecanização crescente da colheita, ainda é grande o emprego de homens e máquinas nestas atividades (MORAES, 2007). Ver também NOVAES, José Roberto Pereira; et al. Jovens migrantes canavieiros: entre a enxada e o facão. Relatório de situação-tipo para a pesquisa Juventude eIntegração Sul-Americana. Rio de Janeiro, 2007.

[80] SEVERÍNIA (Município). Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2010-2013. São Paulo: Prefeitura Municipal de Severínia, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, Casa da Agricultura. 2010.

A influência e a interação com a sede da Aglomeração incentivou o crescimento expressivo das atividades de prestação de serviços, do comércio e do setor industrial, com impactos diretos sobre o PIB dos municípios citados. Em Bady Bassit e Cedral, vale destacar a importância, para o dinamismo local, das indústrias de alimentos, tubos para poços artesianos e sistemas de saneamento, banheiras, tanques, produtos químicos, móveis, borracha e reciclagem, que se instalaram, sobretudo, ao longo dos eixos rodoviários que os ligam ao município de São José do Rio Preto.

O avanço dos serviços urbanos, pessoais e de apoio a produção, bem como a diversificação e crescimento do comércio da cidade-sede também movimentou a economia dos municípios da Aglomeração Urbana, com reflexos positivos sobre seu desempenho econômico.

Vale notar que o setor terciário vem apresentando importância crescente no dinamismo das economias locais, extrapolando sua função de setor complementar às demais atividades produtivas, para também se configurar como indutor do desenvolvimento econômico. Com o aprofundamento dos avanços tecnológicos e com as mudanças nas estruturas organizacionais das empresas, somado ao surgimento de novos mercados de consumo e à ampliação dos mercados já existentes, as atividades de serviços começaram a se expandir a partir de uma dinâmica própria de crescimento, promovendo a expansão do emprego e da demanda agregada e fomentando o crescimento econômico local[81]. Este quadro é observado tanto nos serviços mais sofisticados para empresas (serviços industriais, de profissionais liberais, financeiros, marketing, contabilidade, pesquisa e assessoria jurídica), como naqueles destinados ao consumo das famílias[82].

Em Guapiaçu, além da participação na Aglomeração Urbana de São José do Rio Preto, destaca-se o papel da indústria fabricante de borracha no crescimento do PIB municipal. O mesmo pode ser dito sobre o município de Jaci, que não pertence à Aglomeração Urbana, mas abriga atividades da indústria heveícula.

Estes municípios contam com a presença de unidades industriais importantes que produzem borracha natural para os setores de calçados, autopeças, recauchutagem, recapagem, pneumáticos, entre outros. São empresas modernas que possuem certificações, desenvolvem pesquisas e testes frequentes, atuam na produção de mudas e material genético selecionados (fundamentais para a formação de seringueiras mais produtivas e rentáveis), fornecem orientação técnica aos produtores associados, contam com seringais próprios ou arrendados e empregam número considerável de trabalhadores, fatores determinantes ao crescimento da economia local.

Em Estrela d'Oeste, o bom desempenho econômico, no período em avaliação, é explicado pela presença de unidades agroindustriais que produzem laticínios, café, carnes e embutidos. O município também abriga cadeia apícola e a Cooperativa dos Apicultores do Oeste Paulista-CAOP[83], formada por 23 integrantes, sendo 16 de Estrela d'Oeste, três de Marinópolis, dois de São João das Duas Pontes e dois de Jales[84].

---

[81] KON, Anita. O novo regionalismo e o papel dos serviços no desenvolvimento: transformações das hierarquias econômicas regionais. OIKOS, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2009.

[82] *Ibd.*

[83] Através do Escritório de Desenvolvimento Rural da Secretaria de Estado da Agricultura e do SEBRAE/SP, a cadeia possui zootecnista responsável por auxiliar a organização da cadeia e o desenvolvimento de cursos de aperfeiçoamento tecnológico para os apicultores (SEBRAETEC), além de um consultor de agronegócios para o desenvolvimento de projetos de gestão das cadeias produtivas, elementos que auxiliam no fortalecimento e competitividade da cadeia, movimentando a economia local (ESTRELA D'OESTE, 2009).

[84] ESTRELA D'OESTE (prefeitura municipal). Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2010 – 2013. Prefeitura Municipal de Estrela d'Oeste, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, Casa da Agricultura de Estrela d'Oeste, Escritório de Desenvolvimento Rural de Fernandópolis. Estrela d'Oeste: 10 de dezembro de 2009.

O município de Santa Fé do Sul, por sua vez, deve seu dinamismo à localização privilegiada que o coloca como entreposto comercial, de serviços urbanos e educacionais, favorece a instalação de unidades industriais, garante o sucesso de seus atrativos turísticos e contribui para sua consolidação como polo articulador da região[85].

A economia municipal é impulsionada pela produção de citros, piscicultura, cultivo de seringueiras, além das atividades da pecuária leiteira, que vem se fortalecendo com introdução de novas tecnologias, relacionadas à alimentação, à sanidade e ao melhoramento genético[86].

O setor industrial também é relevante para o bom desempenho da economia municipal e conta com unidades voltadas para o processamento de carne bovina para exportação e consumo interno, laticínios, biscoitos, refrigerantes, fabricação de móveis, produtos químicos e embalagens plásticas. Vale ressaltar que o emprego formal no município, entre 1996 e 2008, mais do que duplicou, sendo que a indústria foi o setor de maior crescimento. Com isso, sua participação no total de empregos formais passou de 17%, em 1996, para 26%, em 2008[87], impulsionando a demanda agregada e a economia municipal, como um todo.

Outro elemento relevante para o dinamismo econômico municipal diz respeito ao turismo em torno da represa formada nas áreas alagadas de Santa Fé do Sul, para a construção do reservatório da hidrelétrica de Ilha Solteira, no rio Paraná. O loteamento dos terrenos ao redor da represa favoreceu a implantação de infraestrutura de lazer e a edificação de residências secundárias para turismo[88], o que trouxe novos empreendimentos e visitantes, em busca de recreação, pesca esportiva e passeios náuticos, estimulando o crescimento do PIB e das atividades econômicas locais[89].

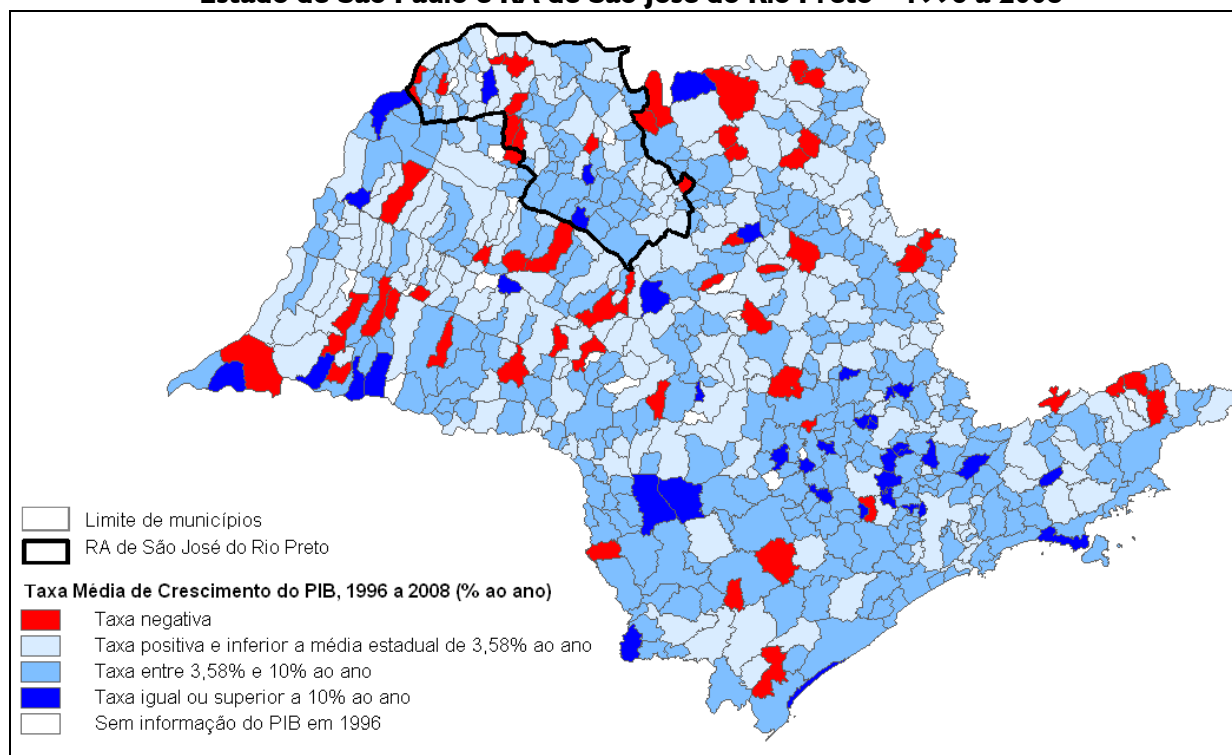
[85] SOUZA, Paulo Henrique. Aspectos históricos, antrópicos e ambientais da ocupação do espaço no extremo Noroeste paulista: o caso do município de Santa Fé do Sul. Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos, 2005

[86] SANTA FÉ DO SUL (prefeitura municipal). Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, 2010 – 2013. Prefeitura Municipal de Santa Fé do Sul, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, Secretaria Municipal de Agricultura de Santa Fé do Sul, Sindicato dos Produtores Rurais, Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Santa Fé do Sul, 18 de Novembro de 2010.

[87] FUNDAÇÃO SEADE. Informações dos Municípios Paulistas. Disponível em: <http://www.Seade.gov.br/produtos/imp/>. Acesso em 14 mai. 2012.

[88] Em 2007, existiam 315 ranchos construídos em Santa Fé do Sul para um total de 510 lotes cadastrados pela Prefeitura Municipal, de acordo com informações do IBGE. O estudo da localização da residência principal mostrou que a maior parte dos proprietários é da própria região: 56% de Santa Fé do Sul, 29% de Jales, 13% de outras localidades do estado (Ribeirão Preto, Campinas, Santa Bárbara d´Oeste, São Paulo e outras), além de existirem proprietários de outros estados, como Minas Gerais e Mato Grosso (CALANZAS, 2009).

[89] CALANZAS, Nelsi Coelho Araújo. As residências secundárias como meio de hospedagem turística e (re)ordenamento do território na estância turística de Santa Fé do Sul/SP. GeoInterAÇÃO, Três Lagoas/MS, v. 1, n. 1, p. 39 - 59, Nov. 2009.

Taxa média geométrica de crescimento do PIB ao ano (em %)
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 1996 a 2008

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Elaboração: SPDR/UAM.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

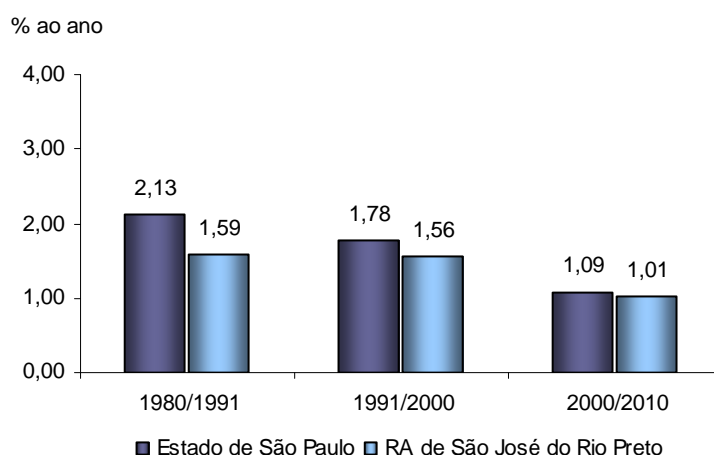
A população da RA, em 2010, era de 1,4 milhão de habitantes, representando 3,5% do total estadual, de acordo com dados do Censo Demográfico 2010.

Observa-se que, nas últimas décadas, a RA, assim como outras regiões, vem seguindo a tendência estadual de decréscimo das taxas anuais de crescimento. Nota-se também que entre 1980 e 2010, a participação da população regional, em relação à estadual, vem apresentando um pequeno declínio e suas taxas de crescimento foram inferiores às do Estado.

Evolução da População Total
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 1980 a 2010

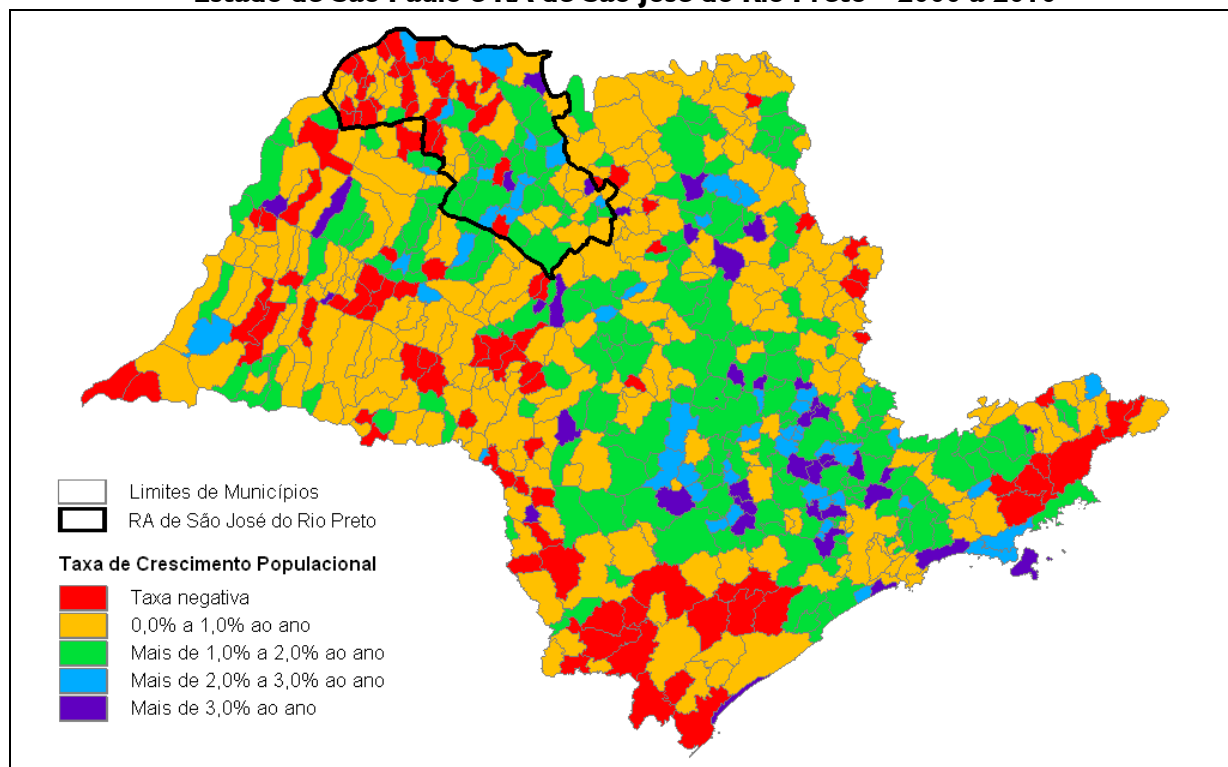
Anos	População Total		
	RA de São José do Rio Preto	Estado de São Paulo	Distribuição Relativa RA/ESP (%)
1980	949 893	25 042 074	3,79
1991	1 130 282	31 588 925	3,58
2000	1 299 802	37 035 456	3,51
2010	1 437 549	41 262 199	3,48

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1980 a 2010.

Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 1980 a 2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 1980 a 2010.

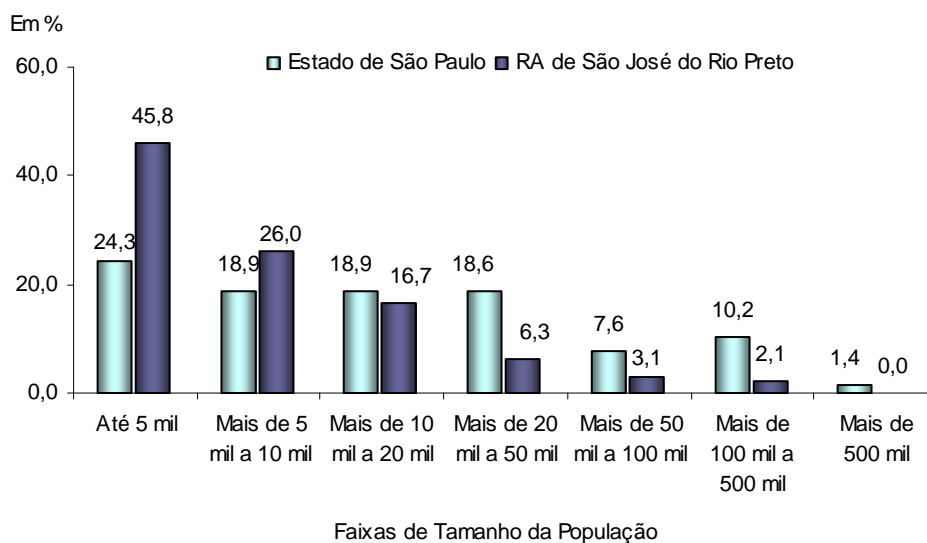
Grande parte dos municípios apresentou taxas de crescimento na faixa entre 0% e 1% ao ano, no período 2000/2010 (29 municípios). A taxa mais elevada foi observada em Novais (3,6%). Observa-se que vinte e sete municípios da RA de São José do Rio Preto apresentaram taxas de crescimento

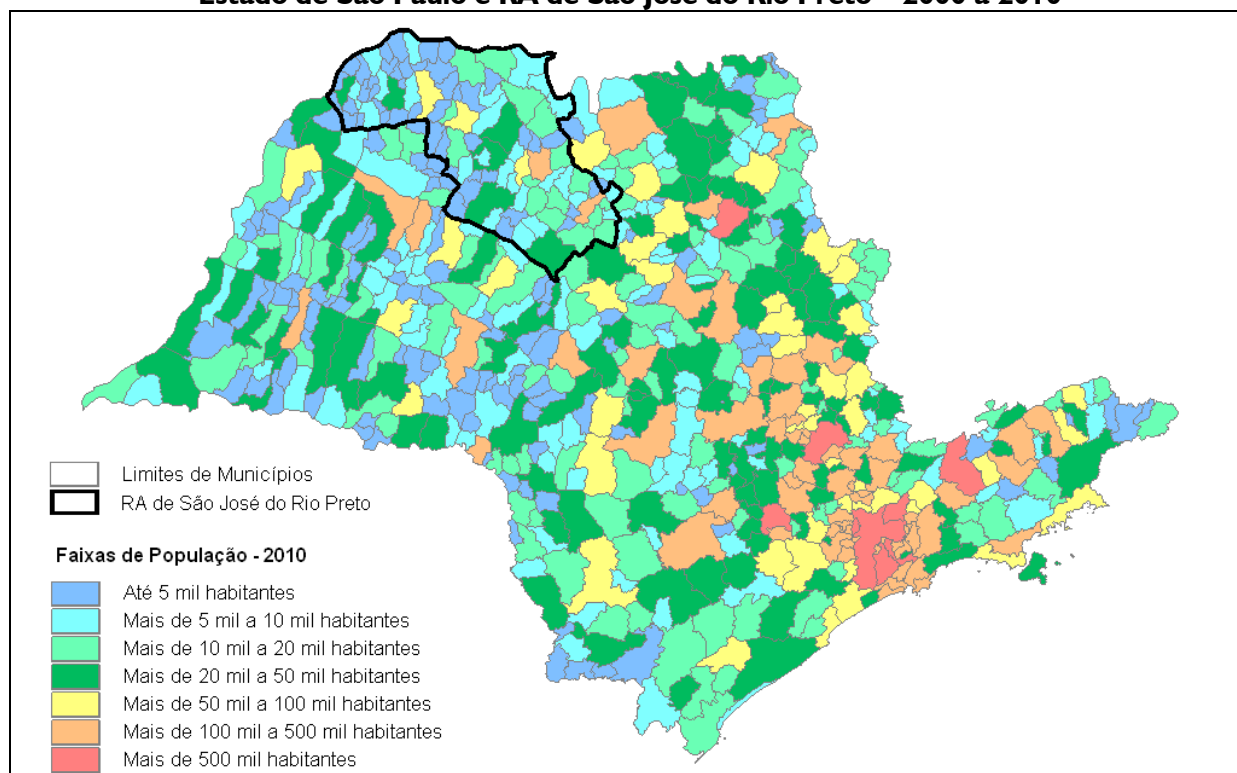
negativas. O município de São José do Rio Preto registrou crescimento superior à média estadual (1,31% contra 1,09% ao ano).

Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População (% ao ano)
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 2000 a 2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração: SPDR/UAM.

Em 2010, a região apresentou grau de urbanização de 91,8%, abaixo da média estadual de 95,9%. No total, 30 municípios registraram urbanização acima de 90%.

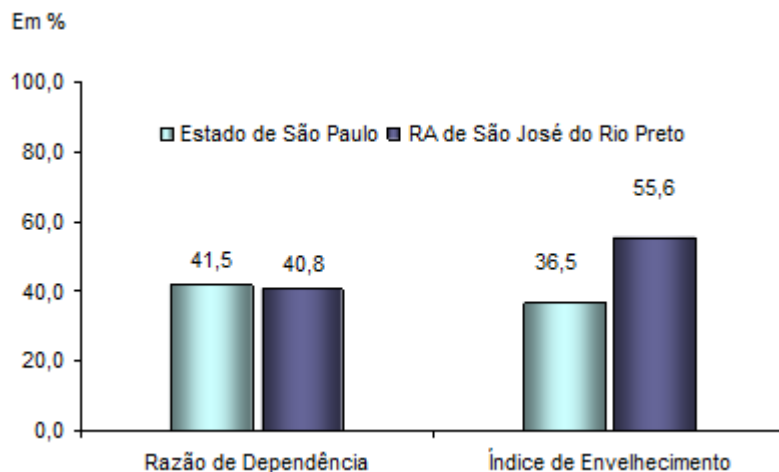
Observa-se que a RA possuía, em 2010, maior concentração de municípios com até 5 mil habitantes (45,8%). Dentre os mais populosos, além do município de São José do Rio Preto, com mais de 400 mil habitantes, a região contava com quatro municípios com população superior a 50 mil habitantes (Catanduva, Fernandópolis, Mirassol e Votuporanga); e 43 localidades possuíam menos de 5 mil habitantes.

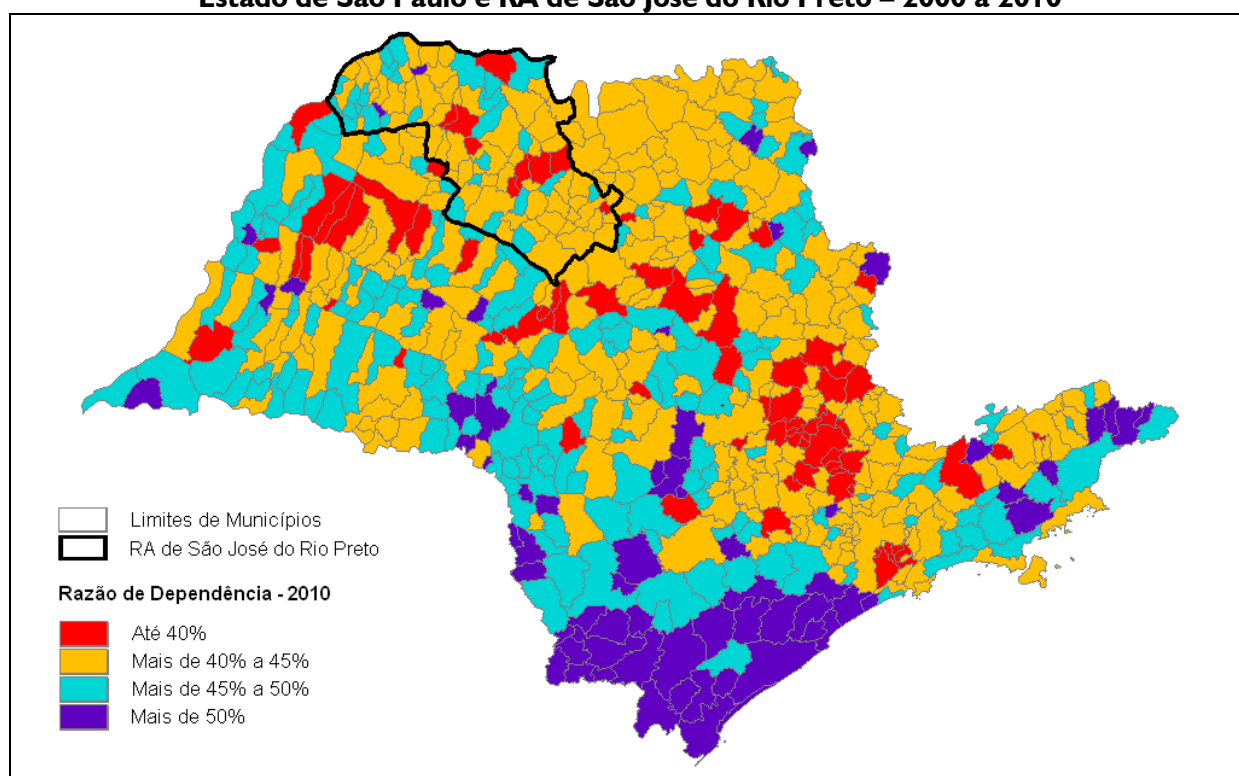
Proporção de Municípios segundo Faixas de Tamanho da População
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 2010

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010.

Municípios segundo Faixas de Tamanho da População
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 2000 a 2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração: SPDR/UAM.

A razão de dependência da população potencialmente inativa (40,8%) em relação a 100 pessoas em idade disponível para as atividades econômicas era, em 2010, inferior à média estadual (41,5%). Este dado indica o contingente populacional potencialmente inativo a ser sustentado pela parcela da

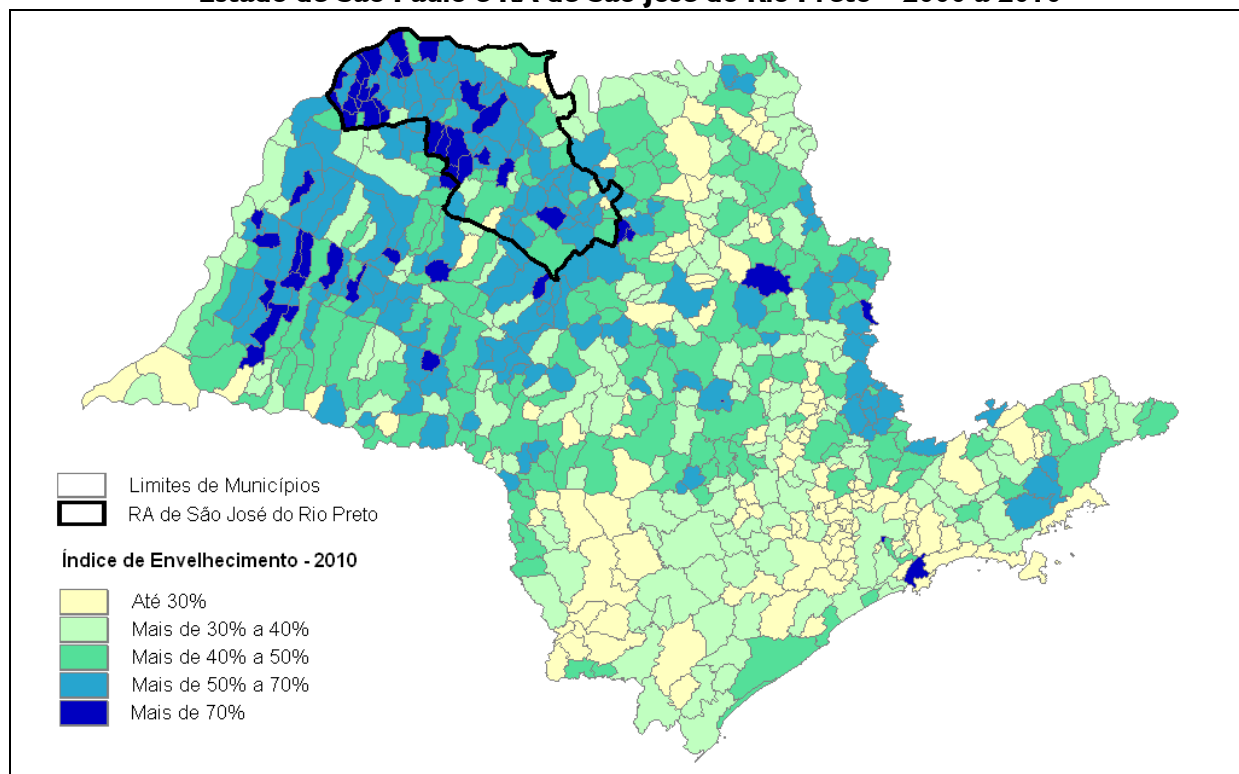
população potencialmente produtiva. O aumento da longevidade ocorrido nas últimas décadas nas populações paulista e brasileira influência diretamente nesse índice.

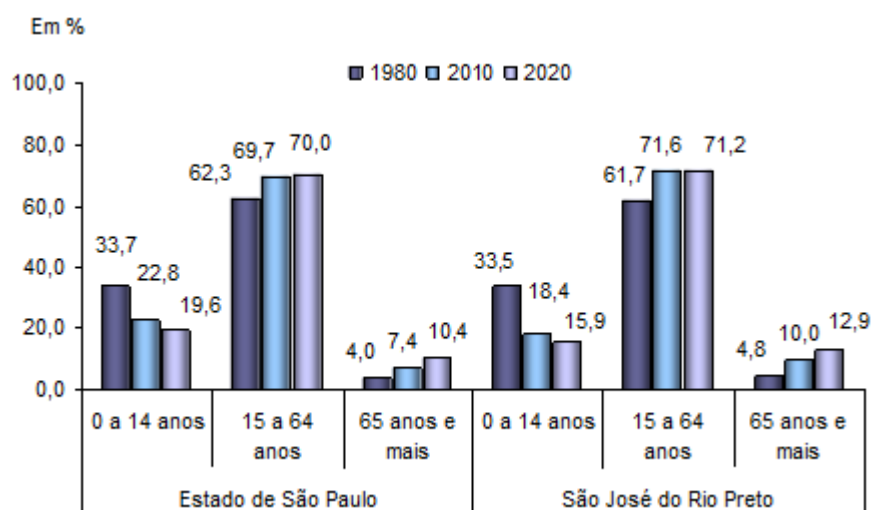
Razão de Dependência e Índice de Envelhecimento
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 2010

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010.

Razão de Dependência
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 2000 a 2010

Fonte: IBGE. Censos Demográficos 2000 e 2010. Elaboração: SPDR/UAM.

A quantidade de idosos para cada 100 crianças nesta RA, expressa pelo índice de envelhecimento, em 2010, era de 55,6%, superior média estadual (36,5%). Destaca-se que o grupo etário com mais de 65

anos representava 13% do total da população da região, percentual superior ao apresentado pelo Estado.

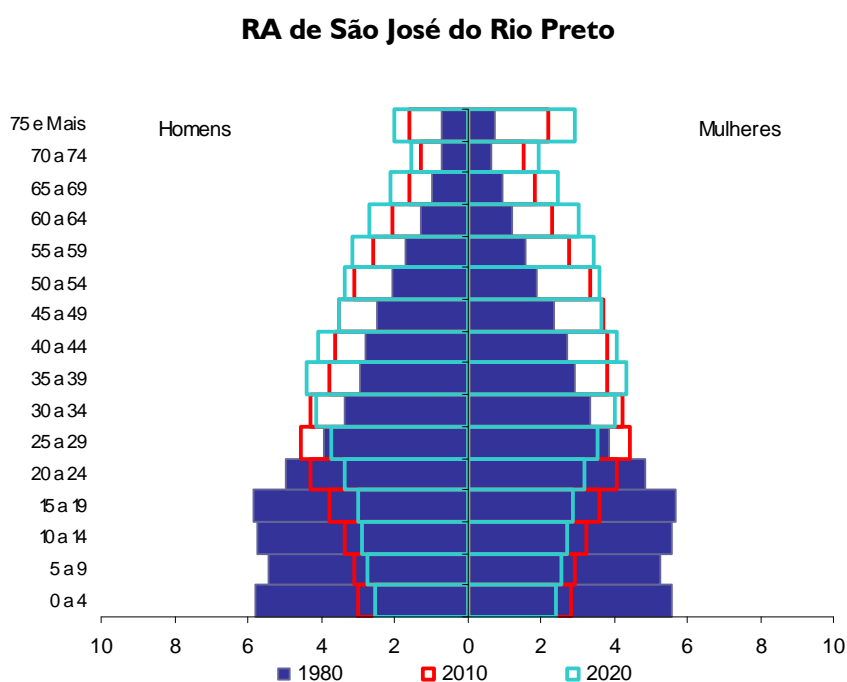
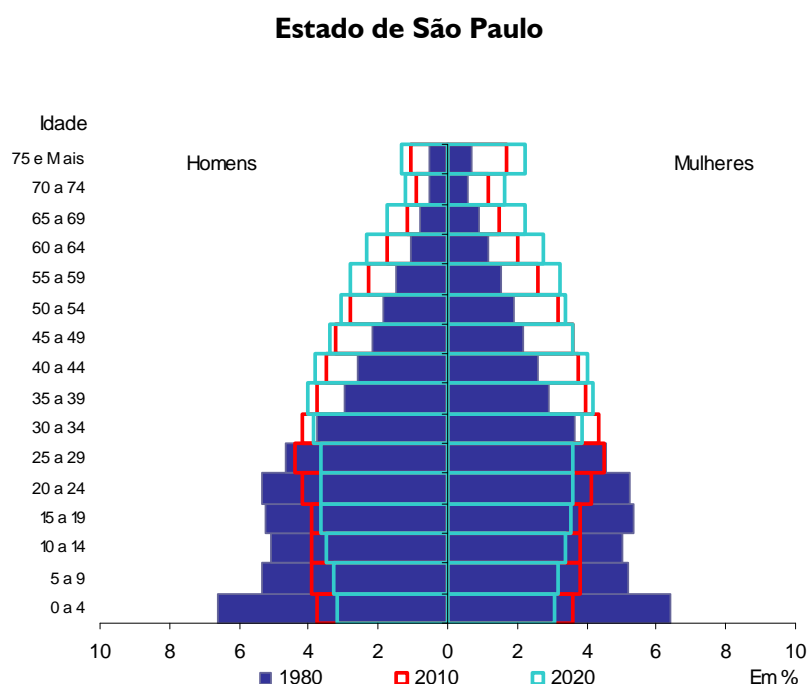
Índice de Envelhecimento
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 2000 a 2010

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Elaboração: SPDR/UAM.

Proporção da população total por grandes grupos etários
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 1980 a 2020

Fonte: IBGE. Fundação Seade.

O mesmo pode ser observado nas pirâmides etárias da população, que mostram que a RA apresentou acentuado envelhecimento da população entre 1980 e 2010, com provável prosseguimento desta tendência até 2020. Esse envelhecimento acarreta na feminização da população devido à maior longevidade das mulheres. Verifica-se, também, redução do contingente de crianças e adolescentes com até 14 anos de idade em razão da queda das taxas de fecundidade e natalidade.

Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto – 1980 a 2020

Estado de São Paulo

RA de São José do Rio Preto

Fonte: IBGE. Fundação Seade.

ASPECTOS SOCIAIS E IPRS

A avaliação dos aspectos sociais da RA é feita com base nos resultados do Índice Paulista de Responsabilidade Social, desenvolvido pela Fundação Seade[90]. Este índice é composto por diversos indicadores, que medem as condições dos municípios em termos de renda, escolaridade e longevidade e apresenta uma tipologia, constituída de cinco grupos[91], que resumem a situação de cada município, segundo as três dimensões citadas.

Na RA, é clara a elevada participação de municípios pertencentes ao Grupo 3 do IPRS (62,5% dos municípios), o que a caracteriza como uma região onde a maior parte das localidades tem boas condições sociais, a despeito de não apresentar *status* elevado de riqueza. A segunda maior proporção é de municípios classificados no Grupo 4 do índice (24%) que, assim como os do Grupo 3, não apresentam indicador de riqueza elevado, mas, diferentemente daquele, uma das dimensões sociais é insatisfatória. Nos demais grupos, o número de municípios é reduzido, sendo sete no Grupo 1, três no Grupo 2 e sete no Grupo 5.

A grande proporção de municípios com bons indicadores sociais (Grupos 3 e 1) influencia diretamente a classificação de São José do Rio Preto no *ranking* das RAs. Ela é a primeira colocada em escolaridade e longevidade no Estado, mas figura na 11ª colocação em riqueza.

É importante salientar, contudo, que o desempenho da RA na dimensão de riqueza foi relativamente melhor que o do conjunto do Estado, segundo a Fundação Seade (2010)[92]. Três das quatro variáveis que a compõem tiveram comportamento positivo, a saber: o consumo anual de energia de energia elétrica na agricultura, no comércio e nos serviços, ponderado pelo total de ligações; o consumo anual de energia elétrica por ligações residenciais; e o rendimento médio do emprego formal (variáveis usadas para estimar a riqueza municipal e a renda das famílias).

Observa-se, no entanto, que esta melhora não foi suficiente para a RA ultrapassar a média estadual, permanecendo entre as últimas nesta dimensão. De fato, outros estudos mostram que é relativamente alta na região a presença de municípios onde a renda domiciliar *per capita*, medida em salários-mínimos, estava a abaixo da média do conjunto do Estado[93].

Paralelamente, o desempenho regional na dimensão de escolaridade, na qual São José do Rio Preto é a primeira colocada no *ranking* das RAs, foi bastante positivo, com expansão da proporção de crianças de 5 a 6 anos de idade frequentando a escola, aumento do percentual de jovens de 15 a 17 anos com ensino

---

[90] O ÍNDICE PAULISTA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL - IPRS tem como finalidade caracterizar os municípios paulistas no que se refere ao desenvolvimento humano, através de indicadores sensíveis a variações de curto prazo e capazes de incorporar informações relevantes referentes às diversas dimensões de renda, longevidade e escolaridade. Cada uma destas dimensões é expressa por meio de um indicador sintético que pode assumir valores entre 0 e 100. Os indicadores sintéticos são constituídos da combinação linear de um conjunto de variáveis, com ponderações específicas. A estrutura de ponderação foi obtida de acordo com um modelo de análise fatorial, em que se estuda o grau de interdependência entre diversas variáveis. Para maiores informações sobre a metodologia de cálculo dos indicadores, variáveis selecionadas, ponderações atribuídas a cada variável, entre outras informações, consultar http://www.Seade.gov.br/projetos/iprs/

[91] **Grupo 1 do IPRS**: agrega municípios com elevados indicadores na dimensão de riqueza, escolaridade e longevidade.
Grupo 2 do IPRS: engloba municípios que, embora apresentem indicadores de riqueza elevados, não exibem bons indicadores de escolaridade e longevidade.
Grupo 3 do IPRS: grupo dos municípios com nível de riqueza baixo, mas com bons indicadores nas demais dimensões.
Grupo 4 do IPRS: formado por municípios que apresentam indicadores de riqueza baixos e indicadores de longevidade e/ou escolaridade intermediários.
Grupo 5 do IPRS: grupo dos municípios mais desfavorecidos em termos de riqueza, escolaridade e longevidade.

[92] FUNDAÇÃO SEADE, ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS, 2010. Disponível em: <http://www.Seade.gov.br/projetos/iprs/>. Acesso em: 14 mai. 2012.

[93] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Fundação Seade, Painel SP, 2011.

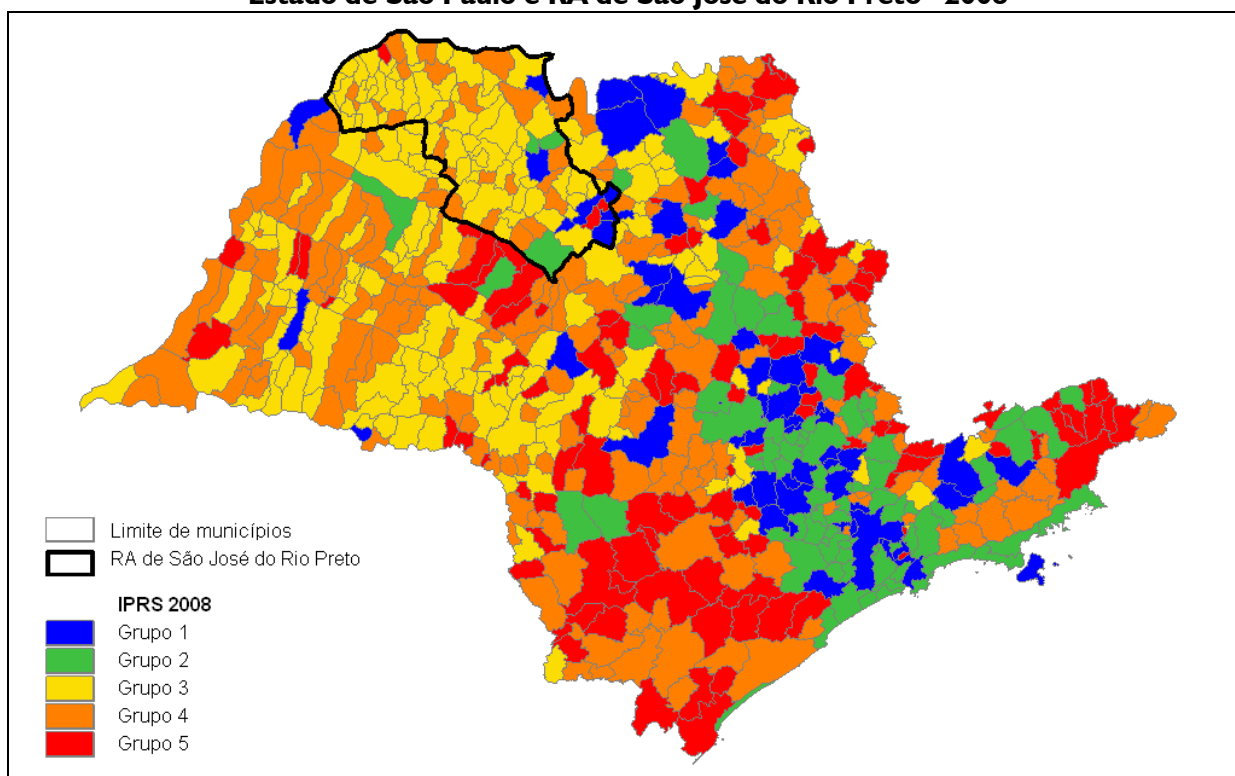
fundamental completo e ampliação da proporção de pessoas de 18 a 19 anos que concluíram o ensino médio.

As melhores condições de educação da RA podem ser observadas a partir de outros indicadores que não constituem o IPRS, como a taxa de abandono[94] e a taxa de distorção idade-série[95] que se apresentaram em valores bastante reduzidos na região. Em, aproximadamente, 70% de seus municípios, as taxas de distorção idade-série, no ensino fundamental e médio, estão abaixo da média estadual[96]. Da mesma forma, a incidência do abandono dos estudos é inferior à média do conjunto do estado, em 87,5% dos municípios, no ensino fundamental[97]. A boa performance da região no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo-Idesp, com as elevadas médias de pontos no ensino fundamental e médio[98], complementam a avaliação sobre seus bons resultados da dimensão educacional.

Muitas hipóteses são levantadas para explicar este quadro. Uma delas é de que as reduzidas taxas de crescimento populacional, associadas à continuidade da emigração na região, reduzem a pressão pela garantia de acesso a educação, sendo suficientes as estruturas educacionais já existentes nos municípios[99]. Adicionalmente, de acordo com a Fundação Seade, o menor tamanho das cidades (média de 11 mil habitantes em 2011) torna mais eficaz o resultado das políticas de municipalização do ensino fundamental, implementadas desde meados dos anos 1990, através de uma parceria entre os governos estadual e municipal, o que permite uma melhor gestão pelas prefeituras das ações de educação, com benefícios para os estudantes[100].

Sobre a dimensão de longevidade, a RA elevou seu escore e repetiu o desempenho superior ao do Estado, continuando a ocupar a primeira colocação. Semelhante à dimensão de escolaridade, os quatro componentes desse indicador apresentaram valores superiores à média estadual e um comportamento positivo, relacionado principalmente à maior eficácia dos serviços e das políticas públicas e preventivas de saúde[101]. Para efeito de ilustração vale destacar que, em 73% dos municípios da região, a proporção de mães com sete ou mais consultas no pré-natal foi superior a média do conjunto do Estado[102], elemento diretamente relacionado ao desempenho de dois dos quatro indicadores que constituem esta dimensão do Índice: mortalidade perinatal e mortalidade infantil.

[94] Proporção de alunos de um determinado nível/segmento de ensino que deixaram de frequentar a escola no decorrer do ano letivo, em relação ao total de alunos matriculados nesse mesmo nível/segmento.
[95] As taxas de distorção idade-série indicam o percentual de alunos com pelo menos dois anos a mais que a idade adequada para cursar uma série de um determinado nível de ensino, em relação ao total de alunos dessa série e nível.
[96] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Fundação Seade, op. cit. Os dados referem-se ao ano de 2009.
[97] *Ibd.*
[98] *Ibd.* É importante lembrar que os resultados do Idesp referem-se apenas a rede estadual de ensino. Na RA de São José do Rio Preto, 92% dos municípios apresentaram resultados superiores à média estadual, no ensino fundamental, e 78%, no ensino médio.
[99] DEMARCO, Diogo Joel. Educação e Desenvolvimento: O Índice Paulista de Responsabilidade Social nos municípios do noroeste paulista. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
[100] FUNDAÇÃO SEADE, ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Índice Paulista de Responsabilidade Social, 2006.
[101] FUNDAÇÃO SEADE, ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, op. cit.
[102] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Fundação Seade, op. cit. Os dados referem-se ao ano de 2008.

Índice Paulista de Responsabilidade Social-IPRS
Estado de São Paulo e RA de São José do Rio Preto– 2008

Fonte: Fundação Seade/Alesp, 2010. Elaboração: SPDR/UAM.

A ocupação do "Oeste Pioneiro" (parte do território paulista compreendida, aproximadamente, pelas atuais Regiões Administrativas de São José do Rio Preto, Araçatuba, Marília e Presidente Prudente) ocorreu de forma esparsa, pela expansão da pecuária, que trazia consigo pequenos contingentes populacionais[103].

A integração econômica e urbana, dessa área, se intensificou com a cafeicultura, em forte associação à expansão imobiliária. A partir da década de 1930, o loteamento de grandes glebas de terra tornou-se negócio expressivo para muitos cafeicultores, viabilizado, também, pela ampliação das ferrovias[104].

Quando da crise de 1929, a expansão para o Oeste, embora em ritmo mais lento, continuou, pois, ainda que o café fosse o grande impulsionador da "frente pioneira", a região dispunha de economia relativamente diversificada que justificava a marcha contínua da ferrovia e o surgimento de novos núcleos urbanos, que se especializavam, principalmente, no fornecimento de gêneros alimentícios para abastecimento do mercado interno[105].

Com a imigração, as cidades do "Oeste Pioneiro" foram se consolidando como centros comerciais e de consumo, dado o entrelaçamento de atividades agrícolas, comerciais, bancárias, de transporte e outros serviços. Os primeiros migrantes vieram de Minas Gerais, trazendo consigo a atividade pecuária. Posteriormente, a região conheceu outro forte processo migratório, o de estrangeiros[106].

Fundada em 1896, a Estrada de Ferro Araraquara-EFA chegou a São José do Rio Preto, com sua linha-tronco, em 1912, tendo a região se consolidado como a mais dinâmica do então "Oeste Pioneiro" e seu município-sede conhecido como "Capital da Alta Araraquarense". Em grande parte, isso se deveu à incorporação de novas terras à produção, além de sua cidade-sede ir se constituindo como "ponta de linha da Estrada de Ferro[107].

A ferrovia cumpriu, na região, essencialmente, duas funções: integrar os mercados regionais e promover o escoamento do abastecimento interno; e gerar uma infraestrutura de transportes que viabilizasse a implantação de loteamentos nos núcleos urbanos que a expansão dos trilhos ia produzindo, ao longo do seu traçado[108].

Na esteira das "derivações" da economia cafeeira, destacou-se, a lavoura do algodão, não só de importância para a consolidação da região como centro gerador do abastecimento interno, mas porque lançou as bases para sua industrialização, nas décadas de 1940 e 1950[109].

Ainda nos anos de 1930, café e algodão praticamente se equivaliam, em termos de área cultivada e volume da produção na região. As lavouras de arroz e milho cresceram, também, em importância[110].

---

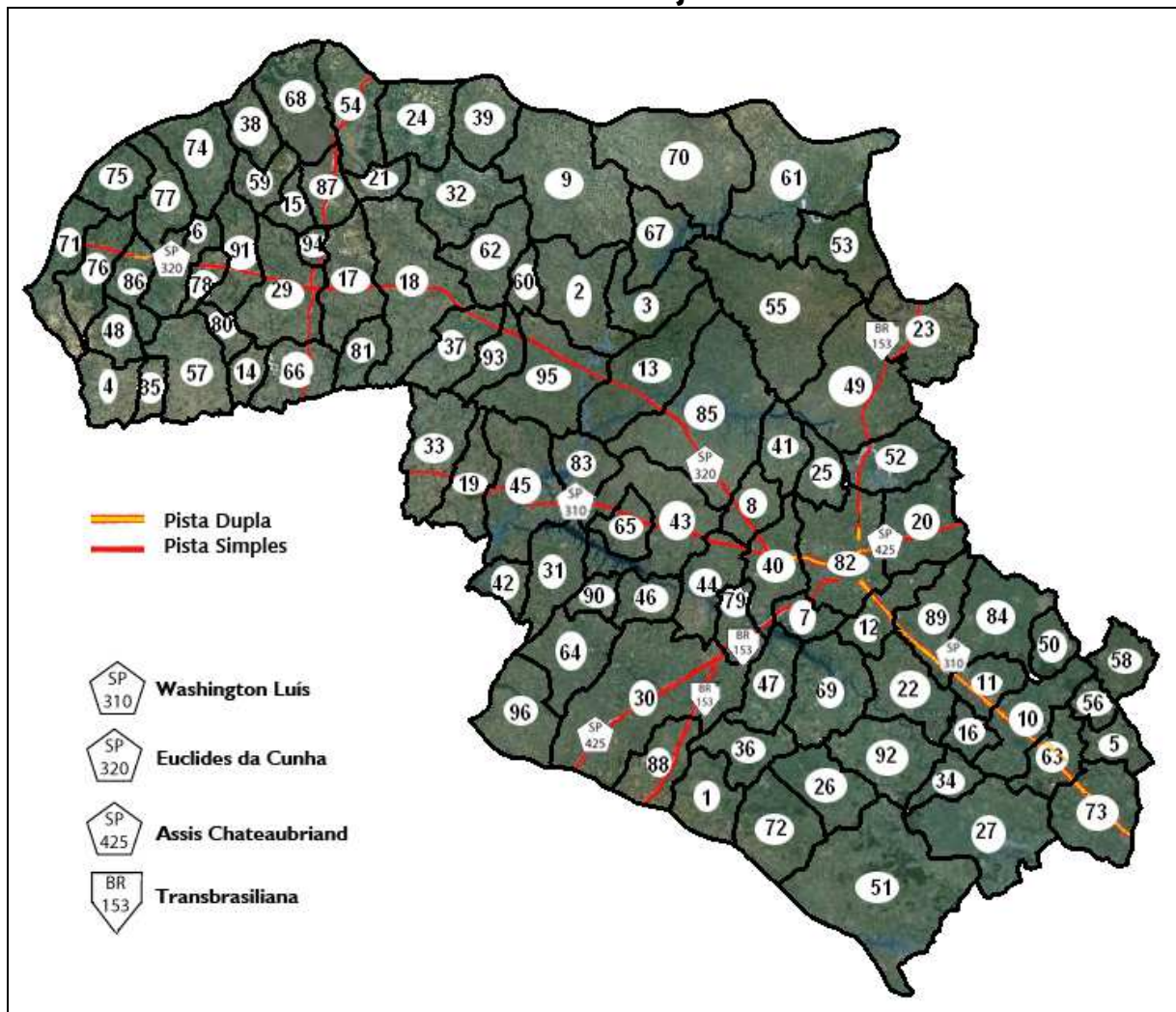
[103] RODRIGUES, Fabíola. População e desenvolvimento urbano-industrial no noroeste paulista: elementos para a análise da dinâmica sócio-espacial recente. In XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 20 a 24 de Setembro de 2004.
[104] Id. Ibd.
[105] Id. Ibd.
[106] CARVALHO, Joelson Gonçalves. INTEGRAÇÃO E DINÂMICA REGIONAL: O DESENVOLVIMENTO RECENTE DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (1980-2000). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2004.
[107] Id. Ibd.
[108] RODRIGUES, op. cit.
[109] RODRIGUES, op. cit.
[110] RODRIGUES, op. cit.

Durante os anos 1970 e 1980, a agropecuária regional diversificou suas atividades (principalmente da lavoura cafeeira e algodoeira) e modernizou técnicas produtivas cujos resultados, foram basicamente: tendência de substituir lavouras tradicionais, por cana-de-açúcar, cítricos e pecuária bovina (carne e leite); e obtenção de rendimentos físicos por hectare, tanto nas lavouras exportáveis, quanto nas destinadas ao mercado interno, graças à progressiva mecanização[111].

Essa reestruturação da produção agropecuária fez crescer e reforçar a agroindústria que, mais dinâmica e diversificada, deu impulso, ao avanço regional de outros ramos industriais ligados à produção de bens intermediários, com destaque para a indústria têxtil, química, minerais não-metálicos e, posteriormente, a de móveis, no eixo Mirassol – Votuporanga[112].

Na rede de cidades que se formou na RA, destacam-se São José do Rio Preto e Catanduva que apresentavam, já nos anos 70, estrutura urbana mais complexa e consolidada. Essas duas cidades tiveram processo de ocupação anterior às demais, coincidindo com o auge cafeeiro e com vantagens geográficas quanto ao sistema viário, tendo o entroncamento viário servido para transformá-las em principais centros comerciais e industriais da região[113]. Assim, confirmando tendência delineada anteriormente, em termos de Rede Urbana[114], a RA conta com a Aglomeração Urbana[115] de São José do Rio Preto e o Centro Urbano de Catanduva.

[111] RODRIGUES, op. cit.
[112] RODRIGUES, op. cit.
[113] CARVALHO, Joelson Gonçalves. INTEGRAÇÃO E DINÂMICA REGIONAL: O DESENVOLVIMENTO RECENTE DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (1980-2000). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2004.
[114] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Economia e Planejamento, Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade. Estudo da Morfologia e da Hierarquia Funcional da Rede Urbana Paulista e da Regionalização do Estado de São Paulo. Sumário Executivo. São Paulo, novembro 2010.
[115] AGLOMERAÇÃO urbana é unidade que compõe mancha contínua de ocupação, constituída de mais de uma unidade municipal, envolvendo fluxos intermunicipais, complementaridade funcional e integração socioeconômica, decorrente de especialização, complementação e/ ou suplementação funcional.

Mancha Urbana da RA da São José do Rio Preto

Municípios da Região			
1 Adolfo	25 Ipiguá	49 Nova Granada	73 Santa Adélia
2 Álvares Florence	26 Irapuã	50 Novais	74 Santa Albertina
3 Américo de Campos	27 Itajobi	51 Novo Horizonte	75 Santa Clara d'Oeste
4 Aparecida d'Oeste	28 Jaci	52 Onda Verde	76 Santa Fé do Sul
5 Ariranha	29 Jales	53 Orindiúva	77 Santa Rita d'Oeste
6 Aspásia	30 José Bonifácio	54 Ouroeste	78 Santa Salete
7 Bady Bassit	31 Macaubal	55 Palestina	79 Santana da Ponte Pensa
8 Bálsamo	32 Macedônia	56 Palmares Paulista	80 São Francisco
9 Cardoso	33 Magda	57 Palmeira d'Oeste	81 São João das Duas Pontes
10 Catanduva	34 Marapoama	58 Paraíso	82 São José do Rio Preto
11 Catiguá	35 Marinópolis	59 Paranapuã	83 Sebastianópolis do Sul
12 Cedral	36 Mendonça	60 Parisi	84 Tabapuã
13 Cosmorama	37 Meridiano	61 Paulo de Faria	85 Tanabi
14 Dirce Reis	38 Mesópolis	62 Pedranópolis	86 Três Fronteiras
15 Dolcinópolis	39 Mira Estrela	63 Pindorama	87 Turmalina
16 Elisiário	40 Mirassol	64 Planalto	88 Ubarana
17 Estrela d'Oeste	41 Mirassolândia	65 Poloni	89 Uchôa
18 Fernandópolis	42 Monções	66 Pontalinda	90 União Paulista
19 Floreal	43 Monte Aprazível	67 Pontes Gestal	91 Urânia
20 Guapiaçu	44 Neves Paulista	68 Populina	92 Urupês
21 Guarani d'Oeste	45 Nhandeara	69 Potirendaba	93 Valentim Gentil
22 Ibirá	46 Nipoã	70 Riolândia	94 Vitória Brasil
23 Icém	47 Nova Aliança	71 Rubineia	95 Votuporanga
24 Indiaporã	48 Nova Canaã Paulista	72 Sales	96 Zacarias

Fonte: Google Maps. Elaboração: SPDR/UAM.

- **Aglomeração Urbana de São José do Rio Preto**

A Aglomeração Urbana de São José do Rio Preto é formada pelos municípios de São José do Rio Preto, Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu e Mirassol, que apresentam pontos de conurbação. A mancha urbana correspondia, em 2011, à cidade de São José do Rio Preto, ao Distrito de Engenheiro Schmidt, às cidades de Cedral e Bady Bassitt e a uma borda da cidade de Mirassol. A maior parte da mancha urbana de São José do Rio Preto corresponde a uma ocupação mista, residencial e comercial, circundando demais equipamentos urbanos, como praças, áreas de lazer e cultura, serviços públicos etc.[116].

São José do Rio Preto polariza este recorte territorial, em termos populacionais, econômicos e históricos, até porque, a partir dele, foram criados os municípios de Bady Bassitt, em 1959, Cedral, em 1929, Guapiaçu, em 1953, e Mirassol, em 1924.

O município de São José do Rio Preto tem sua origem em 1852, ano de fundação da Vila de Rio Preto que, por sua localização geográfica, começou a desempenhar papel de entreposto comercial. Desde então, constituiu-se ponto de passagem para as comunicações através do sertão, servindo de pousada para tropeiros e facilitando o acesso aos mercados de Ribeirão Preto e Araraquara[117].

Em 1894, Rio Preto foi elevado à categoria de Município. À medida que ocorria incorporação de novas extensões de terra, surgiam núcleos urbanos, realizando atividades comerciais[118]. A região de São José do Rio Preto, já dispunha, no final da década de 1930, de uma das redes urbanas mais desenvolvidas do Oeste Paulista[119].

Originou-se, então, uma hierarquia entre cidades do interior paulista, lideradas por Campinas e Ribeirão Preto, e que, mais a oeste, teria em São José do Rio Preto um epicentro regional. A chegada da ferrovia em Catanduva, em 1910, e em São José do Rio Preto, em 1912, foi importante para o desenvolvimento da região. Após a chegada da ferrovia, muitos povoados aumentaram consideravelmente de tamanho e puderam elevar-se à condição de município, como por exemplo, Catanduva, em 1917[120].

A consolidação de São José do Rio Preto como polo regional deveu-se, também, ao fato de a cidade ter sido, de 1912 a 1933, a última cidade da Estrada de Ferro Araraquarense, o que lhe dava uma vantagem logística na instalação de serviços econômico-financeiros indispensáveis à atividade da cafeicultura, principalmente no que concerne aos serviços bancários[121].

Na década de 1930, essa infraestrutura serviria de suporte à expansão do cultivo de algodão, que deu novo impulso econômico à região e fortaleceu a cidade de São José do Rio Preto, com a instalação das primeiras indústrias como a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro-SANBRA,

---

[116] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Instituto Geológico; Secretaria de Estado de Saneamento e Recursos Hídricos, Departamento de Águas e Energia Elétrica. Projeto São José do Rio Preto: restrição e controle de uso de água subterrânea. São Paulo, 2011.
[117] CARVALHO, op. cit.
[118] CARVALHO, op. cit.
[119] RODRIGUES, op. cit.
[120] CARVALHO, op. cit.
[121] AGRONEGÓCIO e desenvolvimento local: um estudo de caso em São José do Rio Preto Disponível em: http://www.sober.org.br/palestra/2/131.pdf. Acesso em: 26 out. 2011.

a Anderson Clayton, a SWIFT e as Indústrias Matarazzo, cujo objetivo era beneficiar o algodão, destinando-o aos mercados interno e externo[122].

Essas empresas passaram a desenvolver diversas funções como financiamento da lavoura e prestação de serviços, na área de assistência técnica à comercialização do produto, e, posteriormente, na própria produção de algodão[123].

São José do Rio Preto se beneficiou, ainda, por ser ponto inicial das bifurcações para estradas, nos espigões entre o rio Tietê e o São José dos Dourados e entre este último e o rio Turvo, que seguem, de um lado, em direção a Votuporanga e, de outro, na de Pereira Barreto e Ilha Solteira. A bifurcação de espigões acontecia, de fato, em Mirassol, situada a 20 quilômetros de São José do Rio Preto, que conseguiu sua função de município-polo, também, por ser a ponta dos trilhos da estrada de ferro por longo tempo[124].

A constituição do centro de São José do Rio Preto iniciou-se, como em outras cidades, na primeira aglomeração formada no entorno da estação ferroviária, no espigão que separava as bacias dos córregos Borá e Canela, hoje canalizados e sobre os quais se construíram avenidas. O adensamento dessa área e a ocupação do espigão foram influenciados, até o final dos anos de 1950, pelo limite imposto por tais córregos e o centro era ligado, de maneira precária, com os demais bairros da cidade[125].

Com a conclusão da canalização desses córregos e a efetiva integração da porção Norte da cidade, depois da construção das obras do entorno e da ligação, mais eficiente, com o restante da cidade, houve expansão de atividades comerciais, para além da área central[126].

As principais indústrias da cidade se localizavam no entorno da Estação Ferroviária e entre elas destacavam-se as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, a Swift (beneficiadora de café) e o Cotonifício Rio Preto. De certa forma, a localização destas indústrias foi determinante para o estabelecimento da ligação da primeira área de ocupação de São José do Rio Preto com os bairros além-córregos, devido à necessidade de se criar alternativas de tráfego para o contingente de caminhões de carga[127].

Atualmente, as atividades industriais apresentam concentração relativa em setores afastados do centro, em função da presença de vários minidistritos industriais localizados nas proximidades de bairros populares e/ou de eixos de circulação rodoviários[128]. A ocupação industrial concentra-se em duas porções a oeste e norte da cidade, incluídas no perímetro urbano[129].

Em São José do Rio Preto, ocorreu, a partir dos anos 1980, padrão de urbanização com dois fundamentos básicos. De um lado, a proliferação de loteamentos populares, na periferia da cidade,

---

[122] CARVALHO, op. cit.
[123] CARVALHO, op. cit.
[124] PUPIM, Rafael Giácomo. Cidade e território do Oeste Paulista: mobilidade e modernidade nos processos de construção e re-configuração do urbano. São Carlos: Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2008.
[125] WHITACKER, Arthur Magon. Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2003.
[126] Id. Ibd.
[127] WHITACKER, op. cit.
[128] WHITACKER, op. cit.
[129] SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Instituto Geológico; Secretaria de Estado de Saneamento e Recursos Hídricos, Departamento de Águas e Energia Elétrica. Projeto São José do Rio Preto: restrição e controle de uso de água subterrânea. São Paulo, 2011.

para a localização da população de baixa renda e, de outro, o adensamenrto e a verticalização da ocupação da área central e regiões contíguas, com predominância das funções comerciais e de serviços[130].

O gradativo incremento da acessibilidade ao centro e a partir do centro contribuiu para que características de diferenciação se constituíssem. Assim, há diferença entre os setores contíguos ao centro, ao Sul e ao Norte. Ao Sul, a presença residencial é, relativamente, menor, enquanto que, ao Norte, é maior[131].

A população de maior poder aquisitivo saiu, gradualmente, do centro, primordialmente, para a porção Sul da cidade, e o comércio e os serviços, de mais alto padrão, seguiram a mesma tendência. Essa mobilidade residencial pode ter, num primeiro momento, alimentado o processo de verticalização e, posteriormente, o de implantação dos condomínios fechados[132].

Destaca-se, ainda, a existência de condomínios de chácaras, localizados fora do perímetro urbano, mas com todas as características de moradias urbanas e usadas tanto como primeira, quanto segunda residências ou, ainda, como espaços de lazer, com incorporação de novas áreas ao tecido urbano ou localização nas franjas e periferias, em especial, em nós de circulação, muitas vezes atendendo a vários municípios[133].

A maior concentração populacional da cidade está contida em área formada pelo cruzamento das rodovias Transbrasiliana (BR-153), que corta o município no eixo norte – sul, e Washington Luiz (SP - 310), que corta o município na direção leste – oeste, que influenciaram o direcionamento do crescimento do tecido urbano[134].

Tem havido crescimento significativo da área urbanizada, evidenciando a extensão da mancha urbana já existente e uma ocupação dispersa da urbanização, especialmente ao norte e ao sul, na direção do município de Bady Bassitt, por exemplo, cuja taxa de crescimento populacional, entre 1991 e 2000, foi de 8,17% ao ano.

A Aglomeração Urbana encontra-se nas Bacias Hidrográficas do Turvo-Grande (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos-UGRHI 15) e Tietê-Batalha (UGRHI 16). O município de São José do Rio Preto está inserido na Bacia Hidrográfica do Turvo-Grande e o Rio Preto corta o município, no sentido sudeste. Além dele, estão inseridos, na UGRHI 15, os municípios de Cedral, Guapiaçu e Mirassol. Apenas Bady Bassitt, tem sua sede na UGRHI 16.

A Aglomeração Urbana abrigava 502 mil habitantes, em 2010, ou 35% do total da RA. O município de São José do Rio Preto registrou taxa anual de crescimento populacional, entre 2000 e 2010, de 1,32%, superior à média do Estado, de 1,09%. Mas, à semelhança do ocorrido em outras aglomerações urbanas do Estado, os demais municípios da Aglomeração apresentaram taxas de crescimento bem superiores à do município-polo, exceto Mirassol, cuja taxa de crescimento populacional foi 1,09%.

[130] WHITACKER, op. cit.
[131] WHITACKER, op. cit.
[132] WHITACKER, op. cit.
[133] WHITACKER, op. cit.
[134] BEZERRA, Beatriz Zaineldim. Desconcentração industrial, novas lógicas de localização e cidades médias paulistas: uma análise de São José do Rio Preto – SP. In XV Encontro Nacional de Geógrafos “O espaço não pára. Por uma AGB em movimento”. São Paulo, 20 a 26 de julho de 2008.

Na aglomeração urbana, a agropecuária desempenha papel importante. Em termos de agricultura, destacam-se: cana-de-açúcar, cítricos, milho e seringueira. Quanto à pecuária, grande impulso regional se deu durante a década de 1960. No momento em que o café começou a encontrar dificuldades no mercado internacional e a política agrícola estimulou a erradicação dos cafezais, como forma de controle de preços, ampliaram-se, de forma substancial, as áreas de pastagem e as atividades pecuárias na região[135].

A estrutura econômica do município-sede é um retrato de suas funções regionais: comércio diversificado, serviços médicos e educacionais de âmbito regional e modernos serviços pessoais e de apoio à produção. O dinamismo derivado desse papel regional se expressa também no desempenho diferenciado do mercado imobiliário local e na capacidade atual de atrair investimentos ligados à atividade industrial.

Na indústria, os segmentos de maior relevância são, entre outros, sucroalcooleiro, móveis, equipamentos médicos hospitalares e alimentos. No setor de serviços, São José do Rio Preto destaca-se pelo comércio diversificado e por modernos serviços pessoais e de apoio à produção, além de constituir polo educacional, com suas várias instituições de ensino superior. Na área médico-hospitalar, o município é considerado centro de referência em procedimentos cardiológicos e produção de próteses para cirurgias cardíacas.

O município de São José do Rio Preto também é conhecido pelo seu polo joalheiro, composto basicamente por micro e pequenas empresas que, com o apoio da Prefeitura, do Sebrae etc., estão investindo em *design* e tecnologia, aumentando sua competitividade. Essa iniciativa, baseada na cooperação, iniciou-se quando Limeira começou a se destacar nesse tipo de negócio, inclusive atraindo empresas antes sediadas em São José do Rio Preto[136].

A centralidade do município de Rio Preto foi facilitada pelos investimentos que a região recebeu durante as décadas de 1980 e 1990 no setor de transporte, principalmente na duplicação da rodovia SP-310 (Washington Luiz), entre o trecho de Matão a São José do Rio Preto. Além disso, foram importantes os diversos investimentos na pavimentação e construção de rodovias vicinais para a circulação de passageiros e mercadorias entre diversos municípios[137].

A entrada em cena do transporte rodoviário acrescentou novo elemento à dinâmica da ocupação. A aglomeração urbana possui um sistema viário multimodal. São José do Rio Preto e Mirassol situam-se ao longo do principal eixo viário, a Rodovia Washington Luiz (SP-310) e Bady Bassitt fica junto à Rodovia Maurício Goulart (SP-355).

- **Centro Urbano de Catanduva**

Situada às margens do Ribeirão São Domingos, a povoação de Catanduva surgiu em função de ser utilizada como pouso de tropeiros, no acesso às barrancas do rio Paraná. Por longo período, permaneceu em lento desenvolvimento, tomando impulso a partir da criação do Distrito, em 1909, época que o café começou a ser cultivado em larga escala. Outro fator marcante foi a

[135] CARVALHO, op. cit.
[136] CARVALHO, op. cit.
[137] CARVALHO, op. cit.

chegada da estrada de ferro, que alcançou o município em 1910, e impulsionou sua atividade comercial[138].

Atualmente, a zona urbanizada do município fica limitada pelas rodovias e lá se encontram o centro histórico, com a antiga estação ferroviária, transformada em espaço cultural, e a igreja matriz. Ainda no centro, está o principal comércio do município que atrai população de cidades vizinhas e é onde reside a população de classes média e alta. A população de mais baixa renda de Catanduva ocupa a parte periférica da cidade, a leste da área urbana[139].

Catanduva apresenta papel polarizador, atraindo para sua órbita de influência os moradores de um grande conjunto de pequenas cidades de seu entorno, cuja população se desloca ao município para consumo de bens e serviços, com destaque para os de saúde[140]. Catanduva conta com serviços de qualidade de três hospitais, sendo um hospital-escola, além de rede de consultórios e laboratórios[141].

Essa dinâmica tem sido fortemente orientada pela tendência de concentração econômica em ramos de atividades como: o comércio varejista de alimentos, com ampliação das redes de supermercados; o comércio de eletrodomésticos, com o aparecimento e crescimento de redes que atuam em escala regional e nacional; e os bancos que passaram por reestruturações territoriais que implicaram em aumento de pontos de atendimento, em cidades de maior porte[142].

Assim, enquanto Catanduva vem se beneficiando com o reforço de sua centralidade, o inverso tem sido verificado nas pequenas cidades cuja função tem sido, crescentemente, servir de moradia a um contingente expressivo de trabalhadores da agricultura e das agroindústrias da região[143].

O município de Catanduva está inserido na Bacia Hidrográfica do Turvo - Grande (UGRHI 15) e é composto por três sub-bacias hidrográficas: a do Rio da Onça, ao norte, e a do Rio Cubatão, ao sul, que possuem uso exclusivo agropecuário, com predominância da cultura da cana. Já a do Rio São Domingos, central, é predominantemente urbana[144].

Catanduva abrigava 113 mil habitantes, em 2010, ou 8% do total da RA. Sua taxa anual de crescimento populacional, entre 2000 e 2010, foi de 0,65%, inferior à da RA, de 1,02%, e à média, de 1,09%. Os municípios de seu entorno, no entanto, registraram taxas de crescimento populacional mais expressivas, no período 2000/2010, como, por exemplo, Elisiário, com 1,91% ao ano, Marapoama, com 1,64%, Palmares Paulista, com 2,62%, e Pindorama, com 1,38%.

[138] CATANDUVA (Município). Secretaria Municipal de Saúde. Plano Municipal de Saúde de Catanduva 2010 a 2013. Catanduva, agosto de 2009.
[139] SANTORO, Paula Freire; COBRA, Patrícia Lemos; MOLINARI, Natália. Relatório de avaliação plano diretor do município de Barretos. Rede Nacional de Avaliação e Capacitação para Implementação dos Planos Diretores Participativos - Estado de São Paulo. Disponível em: http://web.observatoriodasmetropoles.net/planosdiretores/produtos/sp/SP_Avalia%C3%A7%C3%A3o_PDP_Estudo_de_Caso_Catanduva_jun_2010.pdf. Acesso em: 10 nov. 2011.
[140] BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Pequenas cidades na região de Catanduva - SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004.
[141] OLÍVIO, Dennis Henrique Vicário. Ferramentas de comunicação em gestão pública: contribuições para uma Agenda Ambiental no município de Catanduva. Araraquara: Centro Universitário de Araraquara, 2010.
[142] BERNARDELLI, op. cit.
[143] BERNARDELLI, op. cit.
[144] OLÍVIO, op. cit.

O café foi a cultura dominante na maioria das propriedades rurais, até a década de 1950. A partir de então, o baixo preço, a queda da qualidade do produto etc. fizeram a produção cair e os cafezais passaram a ser substituídos por outras culturas[145].

Até o início da década de 1970, a economia agrícola da região de Catanduva era policultora e a produção canavieira só se consolidou após o surgimento do PROÁLCOOL, em 1975, com a implantação de destilarias autônomas[146].

Entre 1980 e 1990, a produção de laranja cresceu incentivada pela implantação de indústrias de sucos. No entanto, no final da década de 1990, o alto custo de produção, a baixa produtividade e a presença de pragas foram reduzindo o espaço ocupado pela laranja. Com a crescente demanda por terras, para produção de cana-de-açúcar, reduziu-se ainda mais a área destinada ao cultivo de cítricos e houve aumento, considerável, na área de cana[147].

Catanduva possui economia baseada no comércio, prestação de serviços, indústrias diversas, além da agricultura e se tornou conhecida como a capital nacional dos ventiladores de teto, cuja produção dinamizou toda região[148]. Seis indústrias de ventiladores são responsáveis por um número considerável de microempresas que fabricam componentes e absorvem a mão-de-obra local[149].

Muitas indústrias da cidade estão localizadas ao longo da Rodovia Washington Luís (SP-310), da Rodovia Cezario José de Castilho (SP- 321), que liga Bauru a Catanduva, e da Rodovia Comendador Pedro Monteleone, conhecida como Rodovia da Laranja (SP-351), ligando Bebedouro a Catanduva[150].

[145] SANTORO, et. al. op.cit.
[146] BERNARDELLI, op.cit.
[147] SANTORO, et. al. op. cit.
[148] CARVALHO, op.cit.
[149] OLÍVIO, op.cit.
[150] SANTORO, et. al. op.cit.

Destaques da Região

Caracterização

A Região Administrativa é formada por 96 municípios, que ocupam 10,2% do total do Estado.

A rede viária regional é composta por densa malha rodoviária, onde destaca-se a Rodovia Washington Luís, uma ferrovia operada pela ALL-América Latina Logística e dois aeroportos.

A base da economia regional é a agropecuária, a partir da qual se desenvolveu uma importante agroindústria.

A distância das metrópoles paulistas reforçou o papel de São José do Rio Preto como polo regional, destacando-se nas áreas da indústria, do comércio e de serviços, especialmente os de saúde e educação.

A região possui bons indicadores sociais, mas baixo indicador de riqueza. Abriga uma população que representa 3,5% do total do Estado, mas seu PIB responde apenas por 2,3% do PIB estadual.

Aspectos Sociais e IPRS

Na região, é clara a elevada participação de municípios pertencentes ao Grupo 3 do IPRS (62,5% dos municípios), o que a caracteriza como uma RA onde a maior parte das localidades tem boas condições sociais, a despeito de não apresentar status elevado de riqueza. A segunda maior proporção é de municípios classificados no Grupo 4 do índice (24%) que, assim como os do Grupo 3, não apresentam indicador de riqueza elevado, mas, diferentemente daquele, uma das dimensões sociais é insatisfatória. Nos demais grupos, o número de municípios é reduzido, sendo sete no Grupo 1, três no Grupo 2 e sete no Grupo 5.

A grande proporção de municípios com bons indicadores sociais (Grupos 3 e 1) influencia diretamente a classificação de São José do Rio Preto no ranking das RAs. Ela é a primeira colocada em escolaridade e longevidade no Estado, mas figura na 11ª colocação em riqueza.

Aspectos Econômicos

Agropecuária

A economia regional é baseada na produção agropecuária integrada à atividade industrial. O setor primário mostra-se diversificado, com produção expressiva de cana-de-açúcar, carne bovina e laranja.

A área total ocupada com atividades agropecuárias, na RA e nos diversos EDRs, segundo o LUPA, permaneceu, praticamente, estável, entre 1995/96 e 2007/08. A área ocupada com cana, contudo, cresceu de 221 mil ha para 754 mil ha, ou 241%.

Indústria e Serviços

A indústria da região estruturou-se com forte perfil agroindustrial, onde as principais contribuições para o total estadual provêm da produção de açúcar e álcool, a partir da cana-de-açúcar, e da fabricação de móveis.

A região possui importantes APLs, que representam parcela relevante da respectiva produção regional, estadual e nacional, como os de joias de São José do Rio Preto e os de móveis de Mirassol e Votuporanga.

São José do Rio Preto polariza os municípios da RA e de regiões vizinhas, respondendo à demanda por atividades comerciais e de serviços pessoais e de apoio às empresas, especialmente nas áreas da educação e da saúde. Na área de saúde, o município-polo tornou-se importante fabricante de produtos médico-cirúrgicos, odontológicos e farmacêuticos.

A RA possui potencial turístico, dada a presença da Região dos Grandes Lagos e das estâncias turísticas de Ibirá e Santa Fé do Sul.

Desempenho Econômico

O dinamismo econômico dos municípios da região esteve atrelado às principais características da estrutura econômica regional, baseada na agroindústria e na integração entre os setores primário e secundário, e ao surgimento de novas atividades.

Destaques da Região

Rede Urbana

A ocupação do "Oeste Pioneiro" (parte do território paulista compreendida, aproximadamente, pelas atuais Regiões Administrativas de São José do Rio Preto, Araçatuba, Marília e Presidente Prudente) ocorreu de forma esparsa, pela expansão da pecuária, que trazia consigo pequenos contingentes populacionais, especialmente mineiros. A integração econômica e urbana, dessa área, se intensificou com a cafeicultura, em forte associação à expansão imobiliária.

Demografia

A RA apresenta maior proporção relativa de pessoas com idade acima de 65 anos no Estado. Seu índice de envelhecimento é o maior dentre todas as Regiões Administrativas.

Números da Região

Estado de São Paulo, RA de São José do Rio Preto e Municípios	ASPECTOS DEMOGRÁFICOS				ASPECTOS ECONÔMICOS								ASPECTOS SOCIAIS
					Agropecuária			Indústria e Serviços		Produto Interno Bruto - PIB			
	Área Total 2010 (km²)	Pop. Total 2011	Taxa de Crescim. Populac. 2000 a 2010 (% a.a.)	Grau de Urbaniz. 2010 (%)	Bovinocult. Mista 2007/2008 (nº de cabeças)	Seringueira - Área Tot. Ocupada 2007/2008 (ha)	Limão - Área Tot. Ocupada 2007/2008 (ha)	Nº de Estabelec. 2008	Nº de Empregos 2008	PIB 2008 (em R$ milhões)	PIB per capita 2008 (em R$)	Taxa média geométrica de crescim. 1996 a 2008 (em %)	IPRS 2008
Adolfo	210,8	3.546	-0,34	90,0	359	421,5	50,5	62	833	70,53	19.006,77	11,4	Grupo 3
Álvares Florence	361,8	3.860	-1,02	68,0	16.029	602,1	1,2	147	1.046	54,66	13.943,91	3,5	Grupo 4
Américo de Campos	253,9	5.716	0,20	83,9	10.985	519,1	4,8	121	544	44,25	8.041,34	2,8	Grupo 3
Aparecida d'Oeste	179,1	4.408	-1,02	81,9	11.900	69,5	72,4	99	457	40,66	8.775,44	4,3	Grupo 3
Ariranha	133,1	8.653	1,36	94,7	778	-	212,9	173	3.748	546,12	62.392,61	7,8	Grupo 1
Aspásia	69,4	1.804	-0,30	69,5	6.589	174,5	26,6	41	234	17,12	9.347,62	3,5	Grupo 3
Bady Bassitt	109,6	14.927	2,42	93,5	5.020	59,1	2,2	363	2.458	166,02	11.945,33	9,5	Grupo 3
Bálsamo	150,4	8.240	1,06	91,6	3.116	2.314,7	22,4	186	1.093	105,39	12.930,26	-1,9	Grupo 3
Cardoso	637,6	11.822	0,16	90,9	31.044	497,5	3,6	268	1.226	110,18	9.472,45	2,6	Grupo 3
Catanduva	292,2	113.492	0,65	99,2	2.833	69,7	435,8	3.275	30.366	1.887,28	16.545,03	3,3	Grupo 1
Catiguá	145,4	7.182	0,84	92,2	747	72,0	30,4	147	4.192	69,88	9.718,16	2,5	Grupo 3
Cedral	197,6	8.100	1,75	79,1	9.073	339,0	191,3	236	1.276	139,54	17.186,74	8,1	Grupo 4
Cosmorama	441,3	7.199	-0,22	68,6	20.178	817,5	21,0	216	1.207	80,62	11.400,86	4,3	Grupo 3
Dirce Reis	88,4	1.694	0,38	75,7	3.503	43,4	8,0	28	271	27,44	16.894,17	3,6	Grupo 3
Dolcinópolis	78,1	2.091	-0,26	93,0	4.390	81,1	-	45	305	20,08	8.871,76	5,1	Grupo 3
Elisiário	92,7	3.175	1,91	91,6	2.516	24,2	133,5	66	434	38,66	11.890,89	6,8	Grupo 3
Estrela d'Oeste	296,3	8.203	-0,06	83,2	19.151	1.155,1	9,8	284	1.924	429,44	47.842,93	13,5	Grupo 3
Fernandópolis	549,6	64.986	0,49	96,9	44.862	783,8	114,8	1.920	12.926	875,35	13.803,72	3,4	Grupo 3
Floreal	203,7	2.984	-0,71	81,2	18.719	301,5	-	97	435	28,89	9.900,45	-1,5	Grupo 4
Guapiaçu	325,0	18.265	2,41	88,5	6.024	992,0	11,3	320	3.517	463,49	26.345,15	9,3	Grupo 4
Guarani d'Oeste	84,5	1.967	-0,18	88,1	9.909	45,0	-	56	261	16,58	8.214,71	-9,8	Grupo 3
Ibirá	270,8	11.039	1,43	92,2	8.593	163,9	140,9	253	1.806	101,72	9.254,15	4,3	Grupo 4
Icém	363,1	7.529	0,98	85,8	3.254	145,4	-	121	1.112	91,79	14.007,97	4,2	Grupo 4
Indiaporã	279,5	3.888	-0,40	86,6	20.333	134,8	6,3	112	489	42,14	10.633,89	0,6	Grupo 4
Ipiguá	135,6	4.568	2,55	60,4	4.181	386,8	2,0	84	792	32,29	7.717,82	-	Grupo 2
Irapuã	257,4	7.335	0,89	89,2	3.957	271,0	964,5	104	943	80,19	11.533,22	5,9	Grupo 4
Itajobi	501,8	14.587	0,23	83,4	7.236	272,8	3.932,4	386	2.095	187,84	12.819,97	2,8	Grupo 3
Jaci	144,4	5.824	3,22	86,1	2.545	817,3	2,1	175	2.620	131,31	24.195,99	12,1	Grupo 4
Jales	368,8	47.093	0,19	94,1	18.189	461,8	70,3	1.448	8.536	609,05	12.259,22	3,5	Grupo 3
José Bonifácio	858,6	33.164	1,34	90,6	22.900	1.383,1	55,6	962	7.781	562,38	17.454,90	5,0	Grupo 3
Macaubal	248,7	7.689	0,37	88,4	20.604	1.300,5	20,1	172	1.534	69,57	9.091,22	3,6	Grupo 3
Macedônia	329,1	3.655	-0,26	75,8	27.956	350,8	30,5	106	494	35,20	10.262,11	-1,3	Grupo 4

Números da Região

Estado de São Paulo, RA de São José do Rio Preto e Municípios	ASPECTOS DEMOGRÁFICOS				ASPECTOS ECONÔMICOS								ASPECTOS SOCIAIS
					Agropecuária			Indústria e Serviços		Produto Interno Bruto - PIB			
	Área Total 2010 (km^2)	Pop. Total 2011	Taxa de Crescim. Populac. 2000 a 2010 (% a.a.)	Grau de Urbaniz. 2010 (%)	Bovinocult. Mista 2007/2008 (nº de cabeças)	Seringueira - Área Tot. Ocupada 2007/2008 (ha)	Limão - Área Tot. Ocupada 2007/2008 (ha)	Nº de Estabelec. 2008	Nº de Empregos 2008	PIB 2008 (em R$ milhões)	PIB per capita 2008 (em R$)	Taxa média geométrica de crescim. 1996 a 2008 (em %)	IPRS 2008
Magda	312,1	3.181	-0,67	83,0	21.347	153,5	-	86	400	33,15	10.401,81	-10,0	Grupo 3
Marapoama	113,4	2.672	1,64	83,5	1.108	8,4	515,0	84	717	65,95	24.150,35	7,1	Grupo 1
Marinópolis	78,1	2.106	-0,37	79,1	846	43,9	88,3	40	357	24,74	11.435,95	5,6	Grupo 3
Mendonça	195,0	4.730	2,12	81,7	8.928	85,3	5,7	94	2.422	39,29	9.405,39	4,7	Grupo 3
Meridiano	228,2	3.840	-0,42	69,4	12.637	554,8	1,5	107	740	39,65	10.060,67	-3,5	Grupo 3
Mesópolis	149,7	1.882	-0,24	77,8	6.407	74,7	109,8	40	232	24,01	13.458,51	5,2	Grupo 5
Mira Estrela	217,1	2.841	0,82	66,7	11.673	228,3	2,4	84	337	31,36	11.794,37	1,6	Grupo 3
Mirassol	243,8	54.329	1,09	97,5	14.523	921,1	8,0	1.312	10.999	707,52	13.017,88	3,8	Grupo 3
Mirassolândia	166,4	4.350	1,40	81,3	10.334	904,6	14,8	82	392	29,22	6.735,50	2,0	Grupo 3
Monções	104,5	2.139	0,36	86,1	5.666	73,7	1,2	51	1.360	30,21	14.224,53	7,0	Grupo 4
Monte Aprazível	482,9	22.078	1,67	91,1	19.093	3.242,5	2,0	577	5.574	421,74	20.286,88	6,6	Grupo 3
Neves Paulista	232,1	8.760	-0,14	90,2	7.937	1.278,4	15,6	244	1.701	96,00	10.546,88	3,1	Grupo 3
Nhandeara	437,4	10.774	0,50	81,0	17.940	2.070,5	8,4	325	1.396	126,29	11.773,85	2,7	Grupo 3
Nipoã	138,1	4.380	2,71	88,8	4.308	549,8	-	108	983	37,85	9.394,26	4,5	Grupo 4
Nova Aliança	217,8	6.006	2,13	82,9	9.018	337,4	1,2	132	764	64,76	12.672,34	5,0	Grupo 3
Nova Canaã Paulista	124,1	2.083	-1,59	41,6	8.977	118,0	22,9	18	152	27,92	12.675,22	2,9	Grupo 3
Nova Granada	531,9	19.392	1,21	92,7	29.233	1.074,6	-	389	2.113	188,37	10.158,28	2,6	Grupo 3
Novais	116,9	4.741	3,57	91,0	563	56,3	32,9	81	325	26,81	6.859,98	0,8	Grupo 3
Novo Horizonte	932,9	36.998	1,21	93,1	11.242	546,8	1.268,0	1.021	6.505	674,82	18.775,37	6,1	Grupo 2
Onda Verde	243,4	3.931	1,31	78,4	1.442	405,7	-	83	1.839	155,77	39.405,39	8,1	Grupo 2
Orindiúva	248,3	5.839	3,15	92,0	2.523	108,7	1,0	72	3.462	108,94	20.577,96	3,4	Grupo 1
Ouroeste	287,6	8.631	2,94	89,8	15.010	129,6	203,0	132	2.009	445,52	59.545,09	-	Grupo 3
Palestina	695,4	11.248	1,95	83,1	19.242	1.606,8	5,0	240	1.573	120,81	10.832,32	6,1	Grupo 4
Palmares Paulista	82,2	11.196	2,62	97,1	257	108,4	6,0	111	609	58,63	5.123,52	1,2	Grupo 5
Palmeira d'Oeste	320,1	9.519	-0,74	75,8	15.452	135,0	879,5	218	845	94,38	9.659,14	1,9	Grupo 3
Paraíso	154,6	5.943	0,84	88,0	1.285	23,3	40,8	181	1.514	61,52	10.634,25	-8,0	Grupo 1
Paranapuã	139,5	3.831	0,48	89,0	1.513	186,4	207,0	69	442	39,08	10.470,43	0,8	Grupo 3
Parisi	84,5	2.040	0,44	80,9	5.209	178,9	31,9	45	245	30,58	14.344,83	5,4	Grupo 3
Paulo de Faria	740,8	8.600	0,14	90,2	9.849	518,3	25,8	228	993	103,99	11.088,26	1,5	Grupo 3
Pedranópolis	260,0	2.542	-0,67	62,2	21.746	449,5	14,7	65	569	31,47	11.132,49	1,0	Grupo 3
Pindorama	184,5	15.229	1,38	94,7	2.516	53,6	1.046,7	289	2.128	172,58	11.370,57	2,5	Grupo 5
Planalto	289,5	4.544	1,97	84,4	7.461	926,3	-	117	928	54,89	12.923,64	6,2	Grupo 3
Poloni	134,8	5.456	1,23	89,0	7.953	1.134,4	2,9	143	678	56,16	11.067,56	5,6	Grupo 3
Pontalinda	210,3	4.127	1,41	83,0	7.517	308,5	2,7	77	396	33,11	7.994,75	2,6	Grupo 4

Números da Região

Estado de São Paulo, RA de São José do Rio Preto e Municípios	ASPECTOS DEMOGRÁFICOS				ASPECTOS ECONÔMICOS – Agropecuária			ASPECTOS ECONÔMICOS – Indústria e Serviços		ASPECTOS ECONÔMICOS – Produto Interno Bruto - PIB			ASPECTOS SOCIAIS
	Área Total 2010 (km²)	Pop. Total 2011	Taxa de Crescim. Populac. 2000 a 2010 (% a.a.)	Grau de Urbaniz. 2010 (%)	Bovinocult. Mista 2007/2008 (nº de cabeças)	Seringueira - Área Tot. Ocupada 2007/2008 (ha)	Limão - Área Tot. Ocupada 2007/2008 (ha)	Nº de Estabelec. 2008	Nº de Empregos 2008	PIB 2008 (em R$ milhões)	PIB per capita 2008 (em R$)	Taxa média geométrica de crescim. 1996 a 2008 (em %)	IPRS 2008
Pontes Gestal	217,1	2.516	-0,10	84,3	4.821	114,2	25,5	46	1.270	94,12	36.809,01	9,0	Grupo 3
Populina	315,4	4.203	-0,52	80,8	22.545	253,7	13,3	83	435	51,28	11.995,58	2,8	Grupo 4
Potirendaba	342,4	15.626	1,25	89,9	16.372	122,7	87,6	336	2.521	184,55	12.300,84	6,5	Grupo 3
Riolândia	630,7	10.781	2,13	79,1	7.998	765,2	3,5	181	686	81,83	7.894,58	5,1	Grupo 4
Rubinéia	234,4	2.886	0,92	82,3	1.354	38,9	2,1	54	370	24,75	9.467,92	-1,1	Grupo 3
Sales	308,7	5.541	1,80	90,0	3.105	92,5	438,3	130	629	50,22	9.430,36	7,4	Grupo 4
Santa Adélia	331,0	14.417	0,64	94,6	2.705	16,0	656,6	254	2.701	136,61	9.455,34	0,1	Grupo 1
Santa Albertina	274,3	5.735	0,24	85,5	11.709	303,8	91,7	106	565	52,27	10.346,82	1,4	Grupo 3
Santa Clara d'Oeste	183,4	2.080	-0,20	75,4	3.454	189,6	-	63	359	20,46	9.554,08	0,1	Grupo 3
Santa Fé do Sul	208,3	29.504	0,99	96,1	12.857	207,2	0,7	753	6.297	461,87	15.945,30	7,5	Grupo 3
Santa Rita d'Oeste	210,3	2.529	-0,60	69,7	13.763	245,0	7,4	58	320	31,79	12.608,19	3,7	Grupo 3
Santa Salete	79,2	1.453	0,48	56,6	3.448	57,4	4,4	22	216	25,28	17.545,87	-	Grupo 3
Santana da Ponte Pensa	129,9	1.619	-1,43	66,8	8.547	70,7	1,6	43	218	17,93	10.912,49	-0,8	Grupo 3
São Francisco	75,3	2.787	-0,23	77,6	4.654	22,0	49,3	43	304	25,18	8.703,40	4,4	Grupo 4
São João das Duas Pontes	129,5	2.558	-0,36	76,4	9.819	60,3	-	60	222	27,35	10.380,78	2,8	Grupo 3
São José do Rio Preto	431,3	413.198	1,32	93,9	17.188	360,4	6,8	12.083	108.883	7.056,70	17.033,99	2,6	Grupo 1
Sebastianópolis do Sul	168,1	3.080	1,75	77,4	3.414	281,7	1,8	78	2.618	38,08	12.448,85	6,0	Grupo 3
Tabapuã	345,6	11.446	0,80	92,6	4.687	1.316,7	232,4	366	2.480	116,33	9.815,72	2,3	Grupo 3
Tanabi	745,2	24.194	0,63	90,4	28.244	2.638,5	148,2	637	4.512	268,27	10.983,98	1,4	Grupo 3
Três Fronteiras	152,7	5.452	0,51	84,7	8.247	116,3	145,2	96	708	49,28	9.536,90	4,5	Grupo 4
Turmalina	147,4	1.946	-1,77	71,1	14.049	309,3	1,2	48	328	28,35	14.190,57	2,3	Grupo 4
Ubarana	210,2	5.401	2,30	91,6	2.030	26,0	0,1	67	1.041	69,06	14.390,84	8,5	Grupo 4
Uchôa	252,2	9.512	0,48	92,9	6.303	198,9	114,6	202	1.214	108,52	11.127,20	1,4	Grupo 3
União Paulista	79,2	1.624	1,66	76,5	4.857	276,1	-	43	250	30,12	19.971,21	5,6	Grupo 3
Urânia	209,3	8.837	0,02	84,2	17.141	156,7	64,9	220	1.106	79,50	8.835,54	1,4	Grupo 3
Urupês	324,8	12.798	0,72	89,0	7.387	227,6	2.462,7	373	1.931	143,81	11.647,40	3,7	Grupo 3
Valentim Gentil	149,2	11.292	2,53	91,3	5.338	351,1	0,6	281	2.409	134,25	13.489,48	5,1	Grupo 4
Vitória Brasil	49,8	1.742	0,37	82,6	2.399	73,6	1,0	21	232	18,63	11.198,45	-	Grupo 3
Votuporanga	421,7	85.578	1,14	97,2	20.783	1.399,0	12,1	2.187	18.095	1.109,28	13.725,46	5,1	Grupo 3
Zacarias	318,8	2.373	1,82	78,6	9.600	480,7	-	88	532	38,39	16.103,66	3,8	Grupo 4
RA de São José do Rio Preto	**25.431,5**	**1.451.351**	**1,02**	**91,8**	**967.046**	**44.438,3**	**15.715,5**	**38.040**	**316.106**	**22.006,79**	**15.340,91**	**3,77**	**N.A.**
Estado de São Paulo	**248.209**	**41.692.668**	**1,09**	**95,9**	**4.489.166**	**77.370,4**	**32.183,6**	**779.414**	**11.337.758**	**1.003.015,76**	**24.457,00**	**3,58**	**N.A.**

Fonte: Fundação Seade, 2011.